ALMANACH DO
"O TICO TICO"
1933
E' AGORA, MACACADA
PREÇO
6$000

MODA E BORDADO
UMA REVISTA MENSAL PARA AS SENHORAS
FIGURINOS EM GERAL
MODAS — BORDADOS — MOLDES — CONSELHOS E ENSINAMENTOS — BELLEZA — ESTHETICA — ELEGANCIA — ADORNOS — ARTE CULINARIA
Moda e Bordado
Unica no seu genero no Brasil, impressa pelos mais aperfeiçoados processos graphicos do mundo, é MODA E BORDADO a revista preferida das familias brasileiras que nella encontrarão a verdadeira publicação para a casa.
Em qualquer livraria e em todos os vendedores de jornaes do Brasil é encontrada á venda a revista MODA E BORDADO.
Numero avulso 3$000 — Assignaturas — 6 mezes 18$000 — Anno 35$000 — Redacção e Gerencia — Travessa do Ouvidor, 34 — Caixa Postal 880 — Rio.

O nascimento ::de Christo::

E tu, Belem, chamada Ephrata, tu és pequena entre as cidades de Judá; mas de ti sahirá Aquelle que deve reinar em Israel, e cuja geração teve principio desde a eternidade.

(MICHEAS)

BELEM, tu, qual a pomba de Noé, que, após esvoaçar por sobre a terra, lhe trouxe o pequenino galho de oliveira como o arauto de que as aguas já tinham baixado, de que a terra podia ser novamente habitada, dando, assim, o primeiro passo para a nova geração; assim, tambem, tu, ó Belem, déste o passo definitivo para implantar o Christianismo, porque viste nascer o Messias promettido, que mais tarde haveria de levar o estandarte de Israel triumphante até ás margens do Euphratas, prégando a sabia doutrina, que annos depois triumpharia...

Belem, tu, que dormes placidamente nos cumes dos teus montes, pequenina perola que Deus encravou num canto florido de Judá, cidade predilecta, joia mais cara que Deus contempla com amor divino, tu foste escolhida por Deus para berço de seu filho, que veiu ao mundo como Pastor de almas e, como Pastor, recolherá em volta de Si as almas puras, e dessas escolherá doze, ás quaes dará os nomes de Apostolos, para que depois de sua morte, tenha quem continue a sua obra.

Belem accorda; lá no horizonte começa a apparecer o disco matutino que illumina com a sua luz de ouro os teus campos, bosques, jardins, valles, annunciando que a vida recomeça...

Belém, accorda, que os forasteiros, cumprindo o edito de Cesar que ordena que todos os habitantes da Judéa dêem a ról os seus nomes cada um na cidade de onde era originaria a sua familia, batem ás tuas portas pedindo hospitalidade e os teus serviços; e a cidade enche-se de forasteiros que correm a escrever os seus nomes no grande livro de Cesar.

E pelas ruas estreitas de Belem, a multidão que a invadiu, a se mexer de um lado para outro, era um verdadeiro formigueiro.

"Nunca cidade alguma esteve tão concorrida, tão animada, como Belem naquelle dia".

José, coberto de pó, morto de cansaço, obedecendo á ordem de Cesar, chegou tambem nesse dia após "seis dias de penosa viagem", com sua Esposa, Maria, que se achava no ultimo periodo de gestação, para escrever os seus nomes na cidade de Belem, terra de David, de onde era descendente.

Quando, porém, entraram na cidade, esta se achava cheia e José, não podendo abrigar-se numa hospedaria porque a sua bolsa não tinha nem um sestercio, começou a pedir hosperia de graça.

Mas, ó povo sem coração!

De todos que pedia pousada, ouvia uma recusa como resposta. Ante a dureza com que eram recebidos, os santos Esposos começaram a percorrer as estreitas ruas de Belem, como mais tarde deveria percorrer o mundo o Judeu Errante, que ouve sempre sobre si essas tres palavras que não o deixam nunca descançar: Anda, anda, anda!

A terna Virgem, a santa Esposa, a immaculada Virgem, sorria, com um sorriso doce, cheio de pureza para a pobreza e a desgraça que os cercavam, e o santo artista, revestindo-se de paciencia, continuava a bater numa e noutra porta, esperando sempre que alguma alma caritativa lhe desse o logar mais desprezivel da casa...

Assim percorrendo as ruas de Belem, a noite veiu surprehendel-os num extremo da cidade.

Os brancos raios da lua, brancos como a pomba de Noé, cahiam sobre elles. As feras enchiam o ar com os seus uivos estridentes, annunciando que iam abandonar os seus covis.

Porém, de repente, um raio de luz cahiu sobre uma rocha que ficava poucos passos de onde se achavam os santos Viajores e José, como se fosse inspirado pelo céo, approximou-se para reconhecer o terreno, soltando, minutos após, um grito de alegria, ao ver que aquella mancha escura não era nada mais nada menos que uma caverna bastante espaçosa e que, estreitando-se para o fundo, servia de estabulo commum e ao mesmo tempo, de asylo para os pobres peregrinos.

Os Santos Esposos entraram.

Quando os seus olhos se acostumaram com a escuridão, viram que não se achavam sós. Deitado ao pé duma mangedoura, um manso boi ruminava tranquillamente.

José, collocou o jumento ao pé do boi, e accommodaram-se por sua vez, para passarem ali aquella noite.

E ali, naquelle estabulo, á meia-noite, Maria, a immaculada Nazarena, foi mãe do Messias promettido, o Rei dos reis, o Filho de Deus.

As palhas da mangedoura foi o primeiro leito que Jesus Christo possuiu...

José e Maria ajoelharam-se a seus pés, adoraram o Enviado do céo.

— "Como te hei de chamar?" exclamava a Filha dos patriarchas inclinando-se sobre o Filho de Deus. Immortal? Mas és obra divina... Um Deus?... Mas tu tens corpo de homem! Devo acercar-me a ti com o incenso, ou offerecer-te o meu leite?... E' preciso que te prodigalize os cuidados de mãe, ou que te sirva como tua escrava com a fronte no pó?"

A lua mandava uma chuva de prata sobre a santa Familia, emmoldurando aquelle quadro simples mas commovedor.

O Verbo divino se tinha feito homem.

Os idolos cahiram. Uma estrella que ninguem sabia o nome, appareceu no Oriente. Gabriel, o anjo mensageiro de Deus, annunciava o nascimento de Christo aos pastores. "Herodes perturbou-se em si mesmo e toda Jerusalem com elle".

E tudo isso annunciava que Jesus tinha nascido num estabulo e que o christianismo tinha o seu Rei, que brotava de entranhas Virgens num presepio de Belem...

JOSÉ MARIA DE AZEVEDO

UM BOM CONSELHO
MEUS NETOS...
Que coisa boa seria para garantia do futuro, si todos vocês tivessem, desde já, o seu terreno.
Alguns nickeis...
poupados e no fim do mez terão o sufficiente para a prestação de um lote, chacara ou sitio no
PARQUE NOVA IGUASSÚ
(Terrenos de Guinle Irmãos)
EDUARDO V. PEDERNEIRAS
Av. R. Branco, 35 A
NOVA IGUASSU': — PRAÇA MINISTRO SEABRA, 24 A.

J. G. VILLIN

O ORPHÃO

Era vespera de Natal.

A cidade em festas regosijava-se com o nascimento de Jesus.

Pelas ruas, em grande azafama, transeuntes sobraçavam embrulhos. Os conhecidos que se encontravam, faziam entre si, alegres votos de boas-festas.

Em meio á multidão, um garoto esfarrapado e de physionomia intelligente, vendia jornaes. Ia e vinha, gritando as ultimas novidades. Poucos davam attenção ao pobrezinho, que bem precisava arranjar alguns nickeis para saciar a sua fome. Era um pobre orphãozinho, que dormia ao relento em alguma escadaria ou banco de jardim, sempre enxotado pelos policiaes.

Já tarde da noite, o movimento das ruas cessára e sómente um ou outro retardatario passava apressadamente em caminho do seu lar.

O pobrezinho, que não tinha familia, comprou um pão e procurou um recanto em que pudesse comel-o e passar a noite. Entrou por uma viella escura e deserta e sentou-se na soleira de uma porta. Comeu esfaimadamente o seu pão e ia recostar a cabecinha para dormir, quando viu um velho de longas barbas brancas que se approximava.

— Olá, meu garoto, que fazes aqui tão triste, quando tudo é alegria pela cidade? — perguntou o velho.

Espantado, o garotinho nada respondeu.

— Não sabes quem sou? — proseguiu o velho — Sou Papae Noel, que todos os annos desço do Paraiso para premiar as creanças boas.

Ao ouvir estas palavras, um fulgor de alegria illuminou os olhos do orphão, que disse:

— Veiu do Paraiso? Então deve conhecer minha mãe que está lá. Quer levar-me para junto della ?

— Impossivel, meu filho, sem a vontade de Nosso Senhor, eu nada posso fazer.

— Então, faça favor de levar um presente para ella; leve estes jornaes para ella ler e diga que fui eu que os mandei.

— Tambem não posso, meu filho, no Paraiso não entram jornaes.

O garoto pensou um pouco e retrucou com desprezo:

— Ora bolas, nem sei o que pensar deste Paraiso, onde em pleno seculo XX não é permittida a liberdade de imprensa...

JAYME DE AMORIM

N A T A L

A festa do anno que eu prefiro é o dia de Natal. Neste dia tudo é encantamento para mim; a vespera de Natal, a missa da meia-noite com todo esplendor das luzes e o canto dos orgãos cahindo sobre a turba concentrada; o presepe tão adoravel na sua singeleza, depois os sapatos na chaminé (pois eu confesso, eu pratico ainda essa criancice tradicional) e o levantar do dia seguinte, a descoberta dos presentes de "Papá Noel.

Minha alegria continúa o dia todo e nossa frugal refeição, melhorada esse dia, não é comparavel ao mais sumptuoso festim.

MARINA VAZ DE LIMA

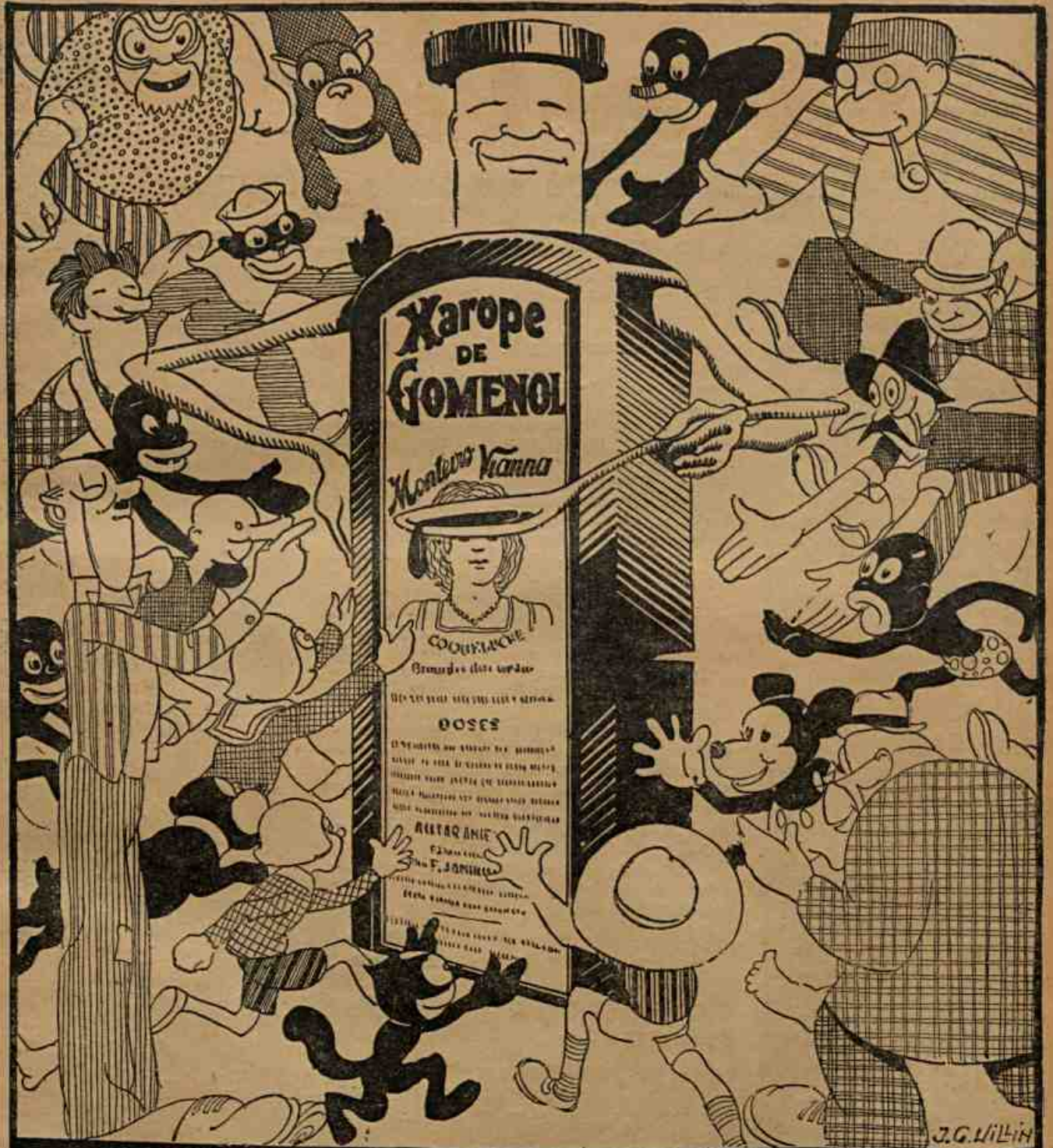
ANNO NOVO

O Anno Velho despede-se...
Vae-se embora, já não volta...
Com elle tudo se esquece,
Odios, tristeza, revolta.

Chega ridente o Anno Novo,
Brejeiro, alegre, vivaz.
Mais um engano p'ra o povo...
Uma promessa falaz...

Viram-se os dois no caminho
Da vida eterna e fatal.
Para o velho e com carinho,
Saúda o novo natal:

— Salve! Anno Novo gentil,
Esperança em embryão,
Que tragas para o Brasil,
Paz. amor e união.

YOLANDA BARROS FREIRE

Xarope
DE
GOMENOL
Monteiro Vianna
COQUELUCHE
DOSES

Arte de Bordar
RISCOS PARA BORDAR E ARTES APPLICADAS
REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
Travessa do Ouvidor, 34 — Caixa Postal, 880 — Rio
Mensario do lar que apparece nos dias 15 de cada mez, ao preço de 2$000 em todo o Brasil.
ARTE DE BORDAR
um mensario de 20 paginas, no formato de 30 x 48 e dois supplementos com quatro paginas no formato de 65 x 95 com os mais encantadores riscos para bordados ou artes applicadas.
ARTE DE BORDAR, o mensageiro dos mais suggestivos modelos para o encanto do lar, para a manifestação legitima da arte que nasceu quando as primeiras tecedeiras idealizaram as teias de prata dos véos imperiaes do paiz das lendas.
ARTE DE BORDAR, um mundo de creações maravilhosas que os dedos de fada da mulher brasileira tornarão em primores para a "toilette" e para o interior do lar. Uma publicação unica, talvez no genero, a inspiradora da arte feminina em todos os lares do Brasil.
ARTE DE BORDAR, verdadeira publicação artistica que será indispensavel em qualquer logar onde a arte feminina quizer se impôr na elegancia maravilhosa de qualquer confecção.
ARTE DE BORDAR, em resumo, o jornal da mulher, o jornal do lar.
A' venda em qualquer livraria, casas de figurinos, agencias e vendedores de jornaes em todo o Brasil.
PEDIDOS DO INTERIOR
Sr. Gerente de Arte de Bordar, Caixa Postal 880 — Rio.
Envio-lhe
2$000 para receber 1 numero
18$000 " " durante 6 mezes
30$000 " " " 12 mezes
Nome.................................
Ender.................................
Cid.................... Est..........
N
RB
abcdefgh
AO

ALMANACH DO "O TICO-TICO" 1933

SAUDANDO seus queridos leitores, para os quaes deseja as maiores venturas no decorrer do Anno Novo, o Almanach d'O Tico-Tico, com a turma de seus personagens, tão populares e queridos, formando um batalhão garboso, lembra ás creanças do Brasil que o futuro da Patria está no valor de seus filhos estudiosos, honrados e trabalhadores

Quando offerecer uma chavena de chá a alguem, senhorita **Dez mil prosperidades**, tenha o cuidado de arredondar o braço, levantando delicadamente o dedo minimo. E Senhora **Sorriso de gato** deve dar certa expressão ao rosto quando conversar, de maneira a contrair e levantar os labios, deixando ver essa fila de dentes alvissimos, que lhe orna a bocca. Senhorita **Vôo de cegonha**, o leque em suas mãos deve oscillar tão brandamente como a folha do lotus balouçada pela brisa...

Assim falava a senhora Coccineli, professora do Conservatorio de Bôas Maneiras de Tokio e que todas as semanas vinhá da cidade para ensinar canto, dansa, a arte de servir o chá e todas as bôas maneiras que deviam ornar as tres filhas do cavalheiro ou **samourai, Filho do Sol.**

Essas moças, com suas vestimentas muito amplas e mangas larguissimas pareciam tres borboletas captivas e doceis. O **samourai**, acocorado sobre um tapete, fumava um pequeno cachimbo, absorto com a lição de suas filhas.

— O' veneravel Filho do Sol — disse-lhe a senhora Coccinelli — estou satisfeitissima, por ver que minhas discipulas já chegam á perfeição.

Ainda mais duas lições, para que ellas adquiram certo movimento discreto, que consiste em virar a cabeça baixando as palpebras, quando lhe recitarem algum madrigal e tres lições mais afim de que fiquem conhecendo todas as boas maneiras indispensaveis a uma moça da élite. Assim não haverá no Japão quem se possa comparar a essas perolas. Faço no emtanto questão que as leve o senhor ás proximas festas do Mikado, para que todos as apreciem, voluteando em torno da multidão, como graciosas andorinhas.

— Oh! como é adoravel a senhora Coccinelli — disse o **Filho do Sol** franzindo o sobr'olho; sou como sabe mais misanthropo que o lobo do occidente e se deixei minha casa das tres torres para vir morar nesta casa tão pequena e perdida no meio dos bosques, foi porque comprehendi a inutilidade dos esplendores humanos. Não; minhas filhas não irão ás festas do Mikado e se as quero tornar encantadoras é para ellas mesmas e não para a sociedade que as rodeia.

Ouvindo essas palavras tão duras, a senhora Coccinelli levantou seus mimosos braços para o tecto, donde, como laranjaes, pendiam pequenas lanternas redondas e avermelhadas; depois inclinou-se respeitosamente, e partiu para a cidade, precisamente na hora em que o Sol, descambando, atira rosas purpurinas sobre o vulcão Foudji-Yama.

O dia seguinte era consagrado ás penteadoras: a Sra. **Fio-de-Seda** começa sua tarefa pela manhã e só acaba á tarde. Durante muitas horas suas mãos, tão leves como pennas de colibris, deitavam oleos embalsamados na basta cabelleira das tres irmãs. Faz em seguida um "coque" que orna com joias preciosas. Mas desta vez a Sra. **Fio-de-seda** estava febril e chegou até a arrancar uma mécha de cabello de **Sorriso-de-gato.**

Esse estado de excitação nervosa confessara ella que era causado pelas proximas festas do Mikado, cujos preparativos a perturbavam.

— Será uma maravilha — accrescentou **Fio-de-seda**, — a mulher do primeiro ministro levará no cabello um grampo tendo por cabo um pescador de enguias feito de marfim, que um artista fabricou por um preço exorbitante. Serei eu mesma quem a pentearei. Tenho que começar com quinze dias de antecedencia. As senhoras poderão julgar a obra e me dirão depois se não é uma verdadeira maravilha.

— Ora! — murmurou **Dez-mil-prosperidades** — não a veremos. Nosso pae tira-nos todas as festas, prohibe-nos todos os passeios.

A senhora Fio-de-seda deitava oleo nos cabellos das tres moças.

— E' verdade — acudiu a menor das tres moças; depois da morte de mamãe elle nos tem como tres passaros prisioneiros, á sombra dos cedros d'essas mattas interminaveis.

— Seria melhor que nos contasse como é o penteado da mulher do primeiro ministro — accrescentou a terceira moça, que nunca fôra a uma festa.

E em companhia da Sra. **Fio-de-seda** lamentaram tal prisão. Por fim a penteadora deixou - as, recommendando que não se mexessem muito nos travesseiros, durante a noite, para não desmanchar o penteado, que assim se devia conservar até a sua proxima visita dentro de oito dias.

No dia seguinte chegara **Cabeça-de-Corvo** afim de dar ás moças uma aula de floricultura. Seu rosto estava enrugado como um pedaço de pellica velha. E em vez de lhes falar sobre a alma das flores, entreteve-as com descripções sobre as proximas festas do Mikado.

— Ouvi dizer — contava ella mysteriosamente — que mostrarão ao publico uma arvore anã que conheceu ha

dois mil annos a nossa grande imperatriz Gziné-Gou-Koejo.

Pronunciando esse nome sagrado, a velha jardineira inclinou-se até a terra, emquanto as tres moças soltavam pequeninos gritos. Depois concordaram entre si que seria um prazer immenso ver tal arvore.

Quando terminou a lição ficaram muito tristes. A creada **Gallinha d'agua** que voltava da cidade trazendo grande carregamento de peixe secco, encontrou-as immoveis acocoradas no limiar da porta, como se fossem tres pequenos idolos sonhadores.

Emquanto o **samourai** dormia em seu quarto e a creada repousava junto á porta, as tres moças, ao cahir da tarde, resolveram distrahir a sua melancolia jogando o **go** sobre uma taboa de madeira envernizada. Começava a chover e já se ouvia ao longe o piar do mocho.

De repente alguem bateu á porta.

— Não abram! — exclamou a irmã menor — Póde ser algum máu espirito, o corcunda de tres olhos, que nos vem metter medo. Bateram novamente. Então **Dez mil prosperidades**, acompanhada de suas irmãs, que tremiam como varas verdes, abriu a porta. Um estrangeiro, transido de frio e molhado até os ossos, pediu-lhes pousada. Tinha-se perdido nessa noite horrorosa e pedia mil desculpas por ter vindo incommodal-as.

As tres moças deram-lhe o "seja bem vindo", mas em japonez: **Irrashaimashi, Irrashaimashi** e se curvaram com uma deferencia, que teria feito o orgulho da senhora Coccinelli. Em seguida tomaram a roupa molhada ao desconhecido e deram-lhe outra, de interior, pertencente a seu pae.

Depois prepararam-lhe uma soberba refeição composta de muitos pratos e de doces feitos por **Sorriso de gato** e **Dez mil prosperidades.**

Vôo de cegonha trouxe-lhe dos melhores vinhos da adega de seu pae, tendo o cuidado de enfeitar o copo com flores e, terminando, serviram-lhe o indispensavel chá, com uma graça nunca vista.

Para fazer dormir o desconhecido, **Sorriso de gato** tomou o seu **samisen** e tocou varios trechos melodiosos. Suas irmãs dansaram em torno do recem-chegado, agitando as vestes prateadas.

Filho do Sol roncava de tal maneira no quarto e as moças dansavam com tal delicadeza que elle nada soube do que se passava na sala.

Sentindo-se com somno, o desconhecido pediu permissão para se deitar, dizendo-lhes que exprimissem um desejo qualquer que elle faria executal-o. Mas as moças lhe responderam que essa hospitalidade lhes dava tanto prazer que nada mais podiam pedir em troca. Então o desconhecido procurou saber de sua vida intima e de suas inclinações e foi se deitar, com um sorriso enigmatico nos labios.

Pela manhã o desconhecido deixou a casa do **samourai.** Alguns dias depois, quando as tres moças, acocoradas, tomavam em silencio o costumado chá, a creada **Gallinha d'agua** entrou muito desconcertada trazendo tres pergaminhos com as armas do Mikado.

— Fóra do jardim estão tres pequenas carruagens, que as vêm buscar para levar a Tokio — disse **Gallinha d'agua.**

As tres moças deram pulos de contentes pois o imperador as convidava para assistir ás festas do palacio e, como se sabe, ninguem poderia se furtar a tal convite.

Mais que depressa puzeram os melhores vestidos, endireitaram o penteado e em breve estavam promptas para sahir.

Filho do Sol, que acabava de lavar o rosto, ficou furioso e arrancou os cabellos; mas não se poude oppôr á partida das tres filhas, pois offenderia o imperador e tal offensa lhe iria custar caro.

Deu sua benção ás tres moças e as admirou durante muito tempo, até que as tres corollas coloridas se perderam no horizonte. Duraste muito tempo atravessaram florestas e praças antes de chegar a Tokio; cada uma dellas ia num carrinho puxado por um homem.

Finalmente chegaram ao palacio magnificamente ornamentado, parecendo um desses palacios das **Mil e uma noites.**

Quando o Mikado viu apparecer as tres filhas do **Filho do Sol** notou a maneira gentil como andavam e falavam, demonstrando esmerada educação.

A um momento dado o Mikado fez um movimento com o leque e o ministro se approximou. Era uma ordem para começarem os festejos. Seria conferido um valioso premio áquella, dentre as moças presentes, que can-

(Conclue no fim do numero)

Dez mil prosperidades cantou tão bem que recebeu uma ruidosa salva de palmas.

O notavel apparelho de radio

Um dia Zé Macaco teve uma offertá de um radio sensacional!
Elle ouviria a China e o Japão.

Contente, Zé Macaco, por ter adquirido tão potente apparelho, levou-o immediatamente para a sua casa.

E, chamando a Faustina, tratou de apanhar incontinente as ondas curtas daquelles paizes antipodas do Brasil.

Mas, um barulho ensurdecedor de tric e trac, não deixava escutar cousa alguma!

De vez emquando um pum, pum!, mais forte ainda mais tornava insupportavel qualquer audição.

O casal estava realmente desesperado.
Havia sido logrado!

Zé Macaco, indignado, foi buscar uma machadinha.

E destruiu totalmente o apparelho. Aquillo era demais.

Quando o vendedor voltou declarou, que o que haviam ouvido era uma batalha entre a China e o Japão que estavam em guerra.

O paiz dos moinhos de vento

VOCÊS nunca ouviram falar de um paiz da Europa, onde os botes, as embarcações que fluctuam no oceano ficam em plano mais elevado do que as ruas onde passeiam ou trabalham os rapazes e as raparigas? Não ouviram dizer que as creanças desse paiz têm necessidade de subir ao segundo andar de suas casas para ficarem no mesmo plano das embarcações?

Esse paiz existe, meus meninos, e para os seus portos navegam centenas de navios. O que mais ainda ha de causar admiração a vocês, é saberem ser immenso o commercio desse paiz onde as terras, em muitas de suas partes, são mais baixas do que o mar. Neerland, que quer dizer terras baixas, é o nome desse paiz. O outros nome que elle possue e pelo qual é mais conhecido é — Hollanda, ou Paizes Baixos. Estamos quasi a apostar que os leitores farão, desde já, uma pergunta. — Se assim é, por que não cobre a agua esse paiz onde as terras são tão baixas? A resposta é simples. As aguas invadiriam as terras si os habitantes desse paiz não as detivessem por meio de altas e grossas paredes chamadas diques, que elles proprios constróem.

Por muitos e muitos annos o povo hollandez tem passado a jogar uma especie de partida

com o oceano para ver quem fica de posse da terra. E querem os leitores saber como os hollandezes agem? Vejam. Tomam, por acaso, um espaço de terra alagada pelo mar e constróem grossas e fundas paredes em torno della. Depois, edificam moinhos de vento que accionam bombas, trazendo estas a agua do sólo para despejal-a dentro de canaes. Os canaes conduzem a agua para o oceano. Esse trabalho é penoso e longo mas, no fim de algum tempo, a terra vae ficando secca e isolada da que lhe fica visinha por meio de fóssos ou canaes. Pouco a pouco o pedaço de terra escolhido está em condições de receber edificações. Trabalho identico emprehendem os hollandezes com um outro pedaço de terra, tornando maior o paiz onde nasceram. Foi assim, conquistando ao mar a terra palmo a palmo, que se formou um dos mais bellos e menores paizes da Europa. Dizemos menores, porque a Hollanda tem a superficie approximada de trinta e tres kilometros quadrados e a sua população está calculada em sete e meio milhões de habitantes. Os nossos leitores hão de concordar que para construir, como fazem os hollandezes, um paiz, é preciso uma reserva formidavel de paciente trabalho. E trabalho que nunca termina porque o oceano está sempre em actividade procurando recon-

quistar, em investidas furiosas, a terra que os hollandezes lhe tomaram. No inverno especialmente o oceano lança vagalhões impetuosos contra as muralhas, os diques, procurando destruil-os.

Os hollandezes montam guarda a seus diques dia e noite. Si a força indomita do mar ameaça um dique, elles dão o alarme. E então todos os habitantes correm para concertar o dique destruido.

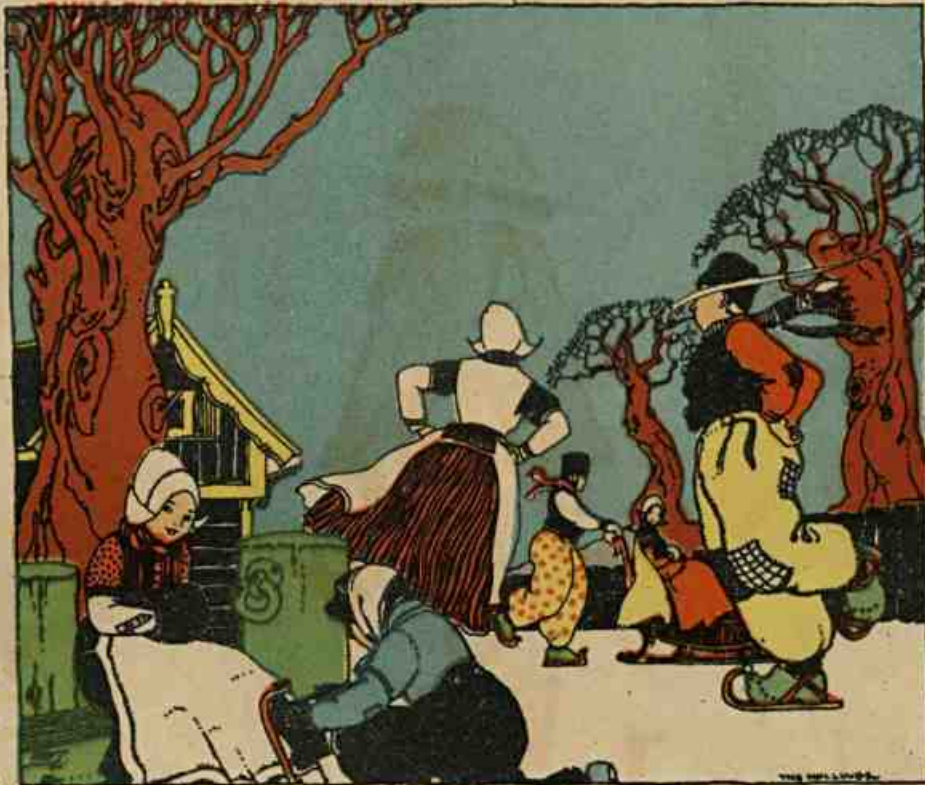
O povo da Hollanda tem construido um numero consideravel de diques e si vocês collocassem taes diques, uns atraz dos outros, talvez pudessem ir do Rio de Janeiro á capital do estado de Pernambuco. Não pensem os meninos que os diques de que vimos falando são simples paredes; têm a largura de seis a sete metros e sobre elles podem passar, com toda a facilidade, dois ou tres automoveis. Os diques da Hollanda são quasi sempre os logares favori-

tos de passeios para o povo. Si vocês pudessem, numa tarde bonita, de sol claro e festivo, ir á Hollanda veriam passeando nos diques, com trajes festivos e de alegre colorido, lindas moças, gentis creanças e felizes mercadores. Uma cousa haveria de chamar muito a attenção de vocês: era o ruido que elles fazem com seus tamancos de pau lixado, batendo no calçamento dos diques.

A gente hollandeza apparenta sempre uma physionamia de felicidade. Talvez o colorido das vestes para isso contribua. O colorido e o modo original de trajar. De facto são muito pittorescos as calças largas, em feitio de sacco, os casacos curtos e os gorros debruados que os homens usam. As mulheres os acompanham no pittoresco modo de vestir. As saias usam-nas tão largas quanto os homens as calças mas na cabeça trazem toucas geralmente de linho com laços ou babados muito graciosos. Por debaixo das toucas, de tecido transparente, não raro se vê um forro dourado ou prateado. Algumas toucas têm mesmo enfeites de metal de cada lado. A mulher hollandeza tem sempre garbo da sua touca, especialmente se é de ouro. Muitas vezes a touca de ouro das hollandezas é uma joia

de familia que pertenceu á bisavó ou á avó e que passa de geração em geração. Mas não é só com a touca que assim acontece. Em varias aldeias e mesmo cidades dos Paizes Baixos é commum ver-se uma ou outra mulher, ou ainda uma creança, usando as mesmas roupas que seus antepassados, muitos annos antes, usaram.

E que encantamento não sentiriam os nossos leitores se fossem brincar nas casas daquellas lindas creaturas de faces rosadas que são os meninos e as meninas hollandezes. A menina, olhos muito azues e cabellos crespos e louros, chama-se, geralmente, Guilhermina. O nome do irmãozinho é Pedro ou, por abreviatura Piet. Quasi todas as meninas hollandezas usam o nome Guilhermina, como homenagem á Guilhermina, que governa o paiz com um congresso denominado dos Estados Geraes. A Rainha Guilhermina reside em Haya, capital do paiz..

A casa da menina Guilhermina está situada em frente de um canal e muitas vezes a menina vem até á porta para dar adeus ao pae quando passa, na sua embarcação, a caminho do mercado, onde vae vender a manteiga ou o queijo. São innumeros os canaes existentes na Hollanda, podendo-se calcular sem exaggero a sua quantidade em tres mil, alguns grandes, outros pequenos. Os canaes são para a Hollanda o que as estradas e as ruas são para nós. No tempo do inverno os canaes gelam e então, mais do que nunca enchem-se de animação. Todas as pessoas calçam nessa occasião interessantes patins para gelo e caminham facilmente pelas ruas. Guilhermina e seu irmão Pedro calçam seus patins para ir á escola o mesmo fazendo o pae quando vae ao mercado.

No telhado da casa de Guilhermina, como no das demais casas ha a observar um facto verdadeiramente interessante. Um passaro exotico, de pennas muito compridas está pousado á

beira de um ninho de gravetos construido no extremo da chaminé. Esse passaro é uma cegonha. O povo hollandez tem um carinho especial para as cegonhas, não só porque ellas comem as rãs e outros bichos que fazem suas casas nos diques como tambem porque a cegonha, segundo antiga lenda é portadora da felicidade. No degrau da porta da entrada de casa Guilhermina pára e descalça os grotescos tamancos. E' falta de polidez para os hollandezes entrar em casa, onde tudo está limpo e brilhante, levando nos pés os originaes calçados de pau.

Nas casas hollandezas as pesadas cadeiras e mesas de pau são lavadas uma vez por semana. O assoalho é varrido e lavado todos os dias. As pilhas de pratos azues sempre estão cobertas com uma toalha afim de evitar que nellas caia a poeira. A mãe de Guilhermina é quem conserva tudo em ordem; diariamente lava a frente da casa com um panno molhado e amarrado á extremidade de uma vassoura. Ninguem descobre na casa de Guilhermina um quarto de dormir mas si a menina abrir um reposteiro que está junto á parede veremos a sua cama de dormir embutida na parede. Olhando para essa cama temos a impressão exacta de estarmos deante de um beliche de navio, velado por cortinas de côres brilhantes.

Ha ainda a notar uma outra cousa interessante na casa hollandeza de que vimos falando. Na parte externa de cada janella existe um espelho estreito collocado em angulo recto com a parede. Olhando para esse espelho as pessoas de casa podem ver todos que passam na rua quando ainda se encontram a regular distancia.

A mãe de Guilhermina, desse modo póde ver os vizinhos sahindo ou os filhos voltando da escola. Mas, vamos dar um adeus a Guilhermina e a Piet e procuremos ver outras cousas interessantes no pequeno paiz de que vimos falando. Assim, si tomassemos logar num aeroplano de passeio, teriamos uma visão maravilhosa da Hollanda, o paiz que é uma vasta plani-

cie. Não ha nos Paizes Baixos uma unica montanha ou mesmo um monte. De facto, toda a região, vista de um avião, é um vasto campo verde entrecortado de diques e canaes.

Nas herdades é commum verem-se grandes campos de flores, tulipas principalmente, que se agitam ao passar do vento. Qualquer pessoa pode comprar, nos mercados ou nos vendedores ambulantes grandes ramos dessas tulipas por um preço insignificante, não acontecendo o mesmo com os bulbos dos quaes ellas nascem.

Nos campos verdes estão sempre pastando alegremente muitas vaccas Holstein de pello preto e branco. Os hollandezes têm um especial cuidado com esses animaes, dando-lhes comida em abundancia e fazendo-os recolher á noite em alojamentos muito confortaveis e arejados. Essa raça de vaccas dá diariamente grande quantidade de leite saboroso e forte. Os criadores consomem parte desse leite, vendendo o resto ás queijeiras. Estas, com os seus aperfeiçoados machinismos podem fabricar manteiga e queijo em maior escala do que os criadores.

Os hollandezes são famosos pelos finos queijos que fabricam. A quantidade de queijos fabricados annualmente é consideravel e todos os paizes do mundo consomem esse producto da industria de lacticinios do paiz dos moinhos de vento. E' raro, muito raro mesmo, deixar um navio o porto de Amsterdam sem trazer um carregamento de queijo.

Por toda a parte são vistos moinhos de vento porque sempre perto de cada herdade existe um. O vento que sopra constantemente vindo do oceano faz girar as pás dos moinhos. Alguns são empregados como bombas que tiram agua dos campos; outros móem cereaes, principalmente o trigo.

Algumas vezes, um colleccionador paga quantias extraordinarias por um bulbo de especies raras. Os hollandezes são tão famosos pelos bulbos de raras tulipas como pelos saborosos queijos que fabricam.

Um colleccionador é capaz de dar uma fortuna por uma batata de tulipa, não ligando maior attenção ás flores, quando lhe são offerecidas. Agora, ainda na Hollanda olhamos para um dos grandes canaes e vamos ver que as flores e as tulipas tambem figuram nas embarcações plantadas em caixotes ou vasos. Uma cousa muito original é existirem na Hollanda muitas familias cujas casas são as embarcações. Existem milhares de meninos e meninas hollandezes que nasceram e se crearam em botes e navios. Essa circumstancia não os torna menos felizes porque quando estão cansados de brincar nos diques vão descansar nos navios que lhes servem de morada. Pelas notas que vocês acabam de ler com certeza verificarão que a Hollanda, esse pequenino paiz da Europa, possue um povo forte, alegre, trabalhador e sobretudo industrioso. Tão industrioso que, luctando com os maiores sacrificios, conquista ao mar a terra onde vive.

A Sultana

A bella Maida

Radem-Bani teve um dia a honra e a felicidade de salvar a vida de seu Sultão, o grande Adim-Sachar, que reinava então na Persia com deslumbrante magnificencia e cuja fama se estendia além dos limites do imperio. Chamavam-o nos reinos vizinhos, assim como nos seus Estados, Sachar, o Grande, e Sachar, o Justo.

No dia em que Radem-Bani, humilde copeiro, do palacio, lhe salvou a vida, Adim-Sachar disse-lhe:

— Meu filho, pede-me aquillo que puderes desejar de mais precioso. Eu comprometto a minha palavra. Pede o que quizeres e, se estiver em meu poder, tel-o-ás.

✣ ✣ ✣

Mas é preciso contar primeiro em que circumstancia Radem-Bani teve a gloria de arrancar á morte o seu soberano.

O Sultão tivera uma bella noite a fantasia de se banhar, á luz da lua, em um lindo rio, que por vezes se tornava caudaloso e vira boiando nagua, deante delle, uma penna vermelha, penna de um passaro tão raro que só de trinta em trinta annos é possivel encontral-o. Além disso, aquella penna tinha na ponta um rubi tão grande e rutilante que o seu fulgor illuminava a agua.

O Sultão nadou o quanto poude, mas a penna seguia a correnteza do rio e tanto tempo levou o soberano a perseguil-a que ficou quasi sem forças, mas conseguiu agarrar a penna e tratou de alcançar a margem do rio. Aconteceu, porém que naquelle logar, a margem, de um lado e outro, era tão escarpada que não permittia tomar pé.

Adim-Sachar, fatigado, deixou-se envolver pelas plantas aquaticas e começava a se afogar.

Nesse momento é que Radem-Bani, passando ali perto, viu o Sultão em perigo de vida.

O pobre copeiro reflectiu um pouco:

— Se eu me atirar á agua — pensou elle — arrisco-me a morrer tambem; mas se não me atirar aquelle homem morrerá com toda a certeza. Em todo o caso, elle está em perigo, porque cahiu ao rio. Eu, que tive a sorte de não cahir não devo cahir na asneira de me atirar lá...

Mas, apesar de todas essas reflexões, a piedade foi mais forte em seu coração do que a prudencia, porque, despindo-se rapidamente, Radem-Bani pulou para o rio e, agarrando o Sultão com mão firme, arrancou-o do meio das plantas aquaticas que o tinham captivo e poz-se a nadar contra a corrente.

Foi longa e difficil a luta. Quando elle conseguiu tomar pé, estava a morrer de fadiga; entretanto, tratou logo de cuidar do homem que salvara e, reconhecendo nelle o seu soberano, começou a soltar gritos de susto tão fortes e agudos que correram todos em seu auxilio.

— O Sultão vae morrer! — gritava o copeiro — venham todos!

Nesse momento Adim-Sachar recobrou os sentidos.

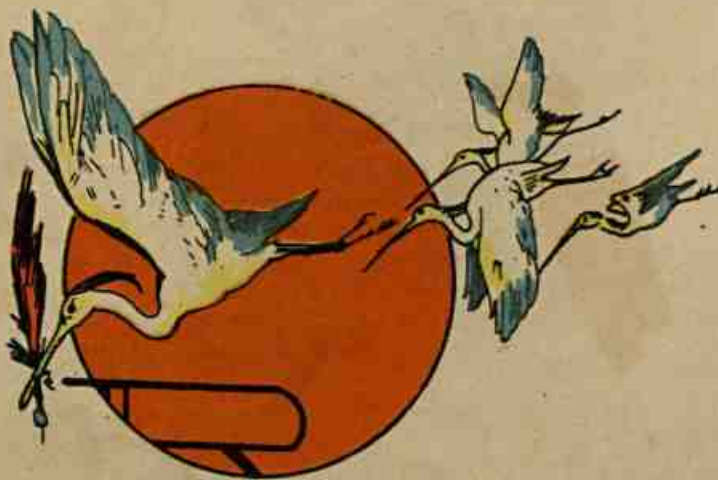
Um official do palacio, que correra tambem, agitava os braços, e o medico imperial, que ia passando, poz-se a exclamar:

— Milagre! Que felicidade eu estar aqui para salvar o meu soberano.

O Grão-Vizir tambem começou logo a se lamentar, dizendo:

— Vejam o que é andar passeando sózinho sem escolta. O Sultão podia morrer. Sem elle, que seria de nós? — Oh, Allah omnipotente! E quem és tu homem mal vestido, que te atreves a amparar a cabeça veneravel do Sultão. Sae dahi. Tu não tens turbante nem manto, vae-te embora.

Mas o Sultão, apesar de estar quasi nu e todo molhado, interpellou severamente os seus dignitarios.

— Façam-me o favor de deixar aqui este rapaz, que foi o unico que me soccorreu. Tu és um medico tagarela e tolo, este rapaz é que me curou e não não a tua sciencia idiota. Mas, ao menos, devias pensar em me levar para um leito. E tu, Grão-

A penna vermelha fôra levada por uma ave de rapina

O Sultão semi-nu e todo molhado interpellou os seus dignitarios

Vizir, fica sabendo que uma escolta não me teria impedido de seguir o meu destino e o fio da correnteza.

E por falar nisso: Afinal, que fim levou a penna vermelha pela qual eu ia perdendo a vida?

Estão ahi todos a olhar para mim, como se eu fosse um animal curioso! Eu lhes digo que foi para apanhar uma penna vermelha que me arrisquei a me afogar. Cheguei a segural-a e emquanto conservei os sentidos não a abandonei. Onde está ella? Saibam que faço questão de encontral-a, custe o que custar.

Radem-Bani exclamou:

— Venham commigo! Eu os vou levar ao logar em que o Sultão perdeu os sentidos, a penna vermelha deve estar ali.

Com effeito, no logar indicado pelo copeiro foi encontrada a preciosa penna, e o que maior admiração causou foi que a agua não a tivesse estragado. O rubi que a ornava brilhava ainda com maior fulgor.

✣ ✣ ✣

No dia seguinte o Sultão amanheceu de muito bom humor. Viu logo á cabeceira da cama a famosa penna vermelha, lembrou-se da aventura em que estivera envolvido e immediatamente mandou chamar o copeiro Radem-Bani. Quando este foi trazido á sua presença, perguntou-lhe:

— Que queres tu em troca do valioso serviço que me prestaste hontem?

O copeiro reflectiu alguns instantes, depois disse:

— Meu senhor, eu quero apenas que seja escripto no livro da Historia da Persia o seguinte:

"Radem-Bani salvou a vida de seu soberano". Assim, mais tarde, meus filhos e meus netos ficarão orgulhosos.

— Isso não precisas pedir — respondeu o Sultão — o facto é tão notavel que ha de ser conservado pela historia. Pede outra cousa.

— Então — disse Radem-Bani — eu quero que Vossa Magestade me dê a posse absoluta, para mim e para meus herdeiros, de uma arvore que existe ali adeante, junto da Torre Branca. E' uma oliveira, junto da qual minha mulher costuma se sentar para fiar seda; é tambem á sombra dessa arvore que eu durmo a sesta quando estou cansado e que meu filho brinca todas as tardes. Eu quero essa arvore e o terreno em que está plantada.

Ora, a arvore de que o copeiro falava estava a um canto da praça publica onde quasi ninguem passava. O Sultão respondeu:

— Tu és muito modesto nos teus desejos. Emfim, será feita a tua vontade. O Grão-Vizir vae redigir o acto de propriedade e a arvore ficará sendo tua.

Assim se fez e Radem-Bani ficou proprietario da arvore.

✣ ✣ ✣

Passaram-se muito tempo.

Cem annos depois já Adim-Sachar tinha morrido e a Persia era então governada por um neto do Sultão Adim-Ophir. O proprietario da oliveira era então Kerin, o Altivo, neto do Radem-Bani.

Adim-Ophir ostentava todos os dias no turbante imperial a penna vermelha com o seu rubi fulgurante. Mas esse soberano tinha vinte e quatro filhos e dezenove filhas, de modo que o palacio era pequeno para conter tanta gente. A' vista disso, o Sultão resolveu mandar augmentar o palacio, mas o architecto encarregado dessa obra disse-lhe:

— Real senhor, o melhor seria construir uma nova ala para a direita e outra para a esquerda, mas não o posso fazer por causa da propriedade de Radem-Bani, que hoje pertence a Kenin, o Altivo, este não a quer ceder por preço algum.

— Mande-me cá esse homem e sempre quero ver se elle tem a audacia de me recusar qualquer cousa! — exclamou o Sultão. Kerin veiu e disse ao Sultão:

— Vossa Magestade póde, se quizer, tomar a minha propriedade, porque é Sultão, mas nesse caso nunca mais terá direito ao titulo de Adim, o Justo, que tanto honra seu illustre avô.

O Sultão ficou muito pensativo e depois disse:

— Este homem tem razão. A arvore impede a construcção do palacio, mas a arvore é delle, ninguem póde obrigal-o a vender e não serei eu que desmoralize o acto de meu avô. O architecto que procure outro recurso.

Entretanto, a velha Sophia, ama do Sultão, disse:

— Que queres tu em troca do serviço que me prestaste? perguntou o Sultão.

Uma mulher de véo enterrava ali uma caixinha

— Os homens não sabem resolver negocio. Quando ha um nó intricado, só pensam em cortal-o. Só as mulheres sabem desenlear os enredos. Se me deixassem dirigir o caso eu convenceria Kerin, o Altivo.

— De que modo? — perguntou o Sultão.

— Isso não digo. Um segredo que sae da bocca corre mais do que um veado!

— Então faze lá como quizeres. Dou-te um anno para resolveres esse negocio.

— Bastam-me vinte dias — respondeu a ama — mas é preciso que ninguem se envolva no que eu fizer.

No dia seguinte Kerin, para mostrar que continuava na posse de sua arvore e fazia questão de usar della, foi se sentar no banco que mandara construir á sombra da oliveira; mas, ao se aproximar, parou com um gesto de admiração. Uma mulher, com o rosto coberto por um véo, estava curvada ao pé da arvore, occupada em collocar num buraco que abrira no chão uma caixinha de ferro artisticamente cinzelada. Depois a mulher tornou a encher o buraco de terra, sapateou em cima, collocou no logar varias hervas para que não se vissem os signaes da excavação e retirou-se sem ver Kerin.

— Que quer dizer isto? murmurou Kerin — Querem ver que ella enterrou ali um thesouro? Logo á noite hei de voltar aqui para verificar este caso.

Com effeito, á noite, depois que toda a gente se adormeceu, Kerin voltou, cavou no chão, desenterrou a caixa, que se abria com uma simples mola. Abriu a caixa e viu que estava cheia de ouro e pedras preciosas. Mas sobre toda essa riqueza havia um retrato e um papel no qual estavam escriptas as seguintes palavras:

"A Sultana mandou enterrar aqui o dote de sua aia Maida, que ella muito estima e que só se casará com o homem que goste mais della do que de todas as cousas deste mundo"

Kerin, assustado, apressou-se a enterrar outra vez a caixinha dizendo:

— Vejam só! Se me tivessem visto agora aqui, a Sultana havia de ficar furiosa pensando que eu queria roubal-a. E o caso é que a tal Maida e uma linda moça. Se eu me casasse com ella, além de ganhar uma esposa formosa, ainda receberia um magnifico dote.

No dia seguinte, ainda pensando no facto, Kerin foi passear nos arredores do palacio e interrogou geitosamente uma vendedora de pasteis que se sentava mesmo deante da porta principal.

Falou-lhe em Maida, que a vendedora conhecia muito bem.

— Maida — disse ella — é a mais linda das aias da Sultana; só a velha Sophia, aia, do Sultão, póde falar com ella todos os dias, mas eu ás vezes a vejo passar.

Kerin voltou durante tres dias a passear por ali para ver se encontrava Maida.

No quarto dia viu passar a aia e ficou tão encantado com a sua presença que mandou logo um emissario á Sultana pedir Maida em casamento.

A Sultana mandou chamal-o á sua presença e disse que, por ella, não via embaraços a esse casamento, mas

Kerin interrogou geitosamente uma vendedora

O thesoureiro do Sultão entregou ao Kerin tres mil moedas

que era preciso em primeiro logar saber se Maida o acceitava como noivo.

Kerin foi então conversar com Maida e esta lhe disse:

— Ora, qual! Eu só me casarei com um homem que goste mais de mim do que de tudo neste mundo.

— Eu juro que tudo farei para lhe ser agradavel — respondeu Kerin.

— Devéras! Não o acredito. Ouvi dizer que o seu maior orgulho é a posse da arvore na praça publica. Será o senhor capaz de abandonar aquella arvore para provar que gosta mais de mim do que della?

Eu tambem acho muito bonita aquella arvore, mas por isso mesmo não me agrada que ella esteja ali junto ao palacio. Eu queria aquella arvore plantada deante de minha casa, para que eu pudesse gosar a sua sobra sem precisar ir á rua.

— Isso não póde ser, disse Kerin. Em primeiro logar eu não tenho dinheiro para comprar uma casa.

— Isso é o menos, — respondeu Maida — se o senhor quizesse vender ao Sultão o direito sobre o terreno em que a arvore está, o nosso soberano de certo lhe deixaria levar a arvore e ainda lhe daria dinheiro bastante para comprar uma casa.

— Ah! vender ao Sultão o meu direito? Isso nunca — exclamou Kerin, já zangado.

— Tambem nunca me casarei com um homem que não me faça a vontade.

Kerin voltou para casa e continuou a pensar no caso todo o dia.

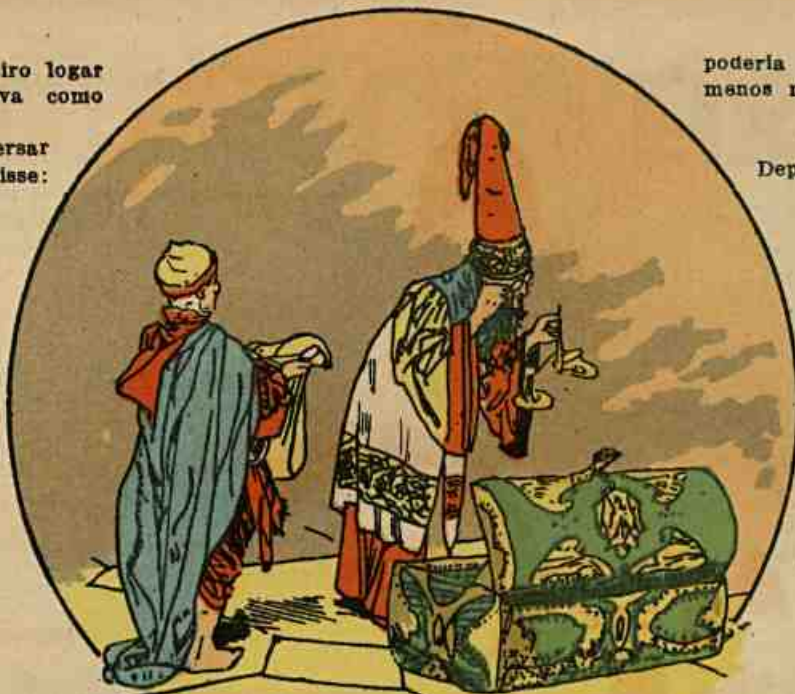
A' noite elle pensou o seguinte:

— Se eu algum dia tiver filhos não poderei fazer delles sabios nem officiaes, porque eu não tenho dinheiro para os educar. Ora, o Sultão seria bem capaz de dar duzentas moedas pelo meu terreno.

Pensou nisso todo o dia seguinte. A' noite pensava assim:

— Se eu algum dia tiver filhas, ellas não poderão casar com fidalgos, porque eu sou um pobre homem que nem sequer tenho uma casa. Ora, pensando bem, aquelle meu terreno vale umas quinhentas moedas.

Passou mais um dia — Kerin começou a pensar assim:

— Eu sou um pae de mau coração. Estou arruinando os filhos e filhas que poderei vir a ter um dia. Se eu tivesse juizo, poderia receber do Sultão pelo menos mil moedas de ouro.

\+ \+ \+

Depois de tanto pensar resolveu voltar ao palacio e disse ao Sultão.

— Por mim, eu não cederia — disse elle — mas é por causa de meus filhos, que eu lhe venho, meu senhor, pedir que me compre o direito ao terreno na praça publica.

— Mas de que filho fala você, perguntou o Sultão — Não sabia que tinha casado...

— Eu ainda não casei — disse Kerin — mas se Vossa Magestade comprar o meu terreno, casarei com Maida, a aia da Sultana.

— Então quanto quer pelo terreno?

— Eu lhe digo, meu senhor — respondeu Kerin — Vossa Magestade me dará duzentas moedas para eu comprar a casa, duzentas moedas para cada uma das minhas cinco filhas, outras tantas para cada um de meus seis filhos, e mais cem moedas para a festa de meu casamento...

— Que diz este miseravel? — exclamou o Grão-Vizir — Duas mil e quinhentas moedas! Duas mil e quinhentas pauladas precisa você...

— Cala-te — replicou o Sultão — Então você acha que a vida de meu avô não valia isso?

Ainda que Kerin me pedisse dez vezes mais, eu lhe daria. Meu avô prometteu que daria o que pedisse o avô deste homem. Portanto, eu ordeno que mandes dar trez mil moedas de ouro e elle ainda terá o direito de levar a arvore para onde quizer.

O thesoureiro do palacio entregou a Kerin trez mil moedas, e realizou-se o casamento. Mas a oliveira não quiz viver depois de mudar de logar e Kerin teve apenas um filho.

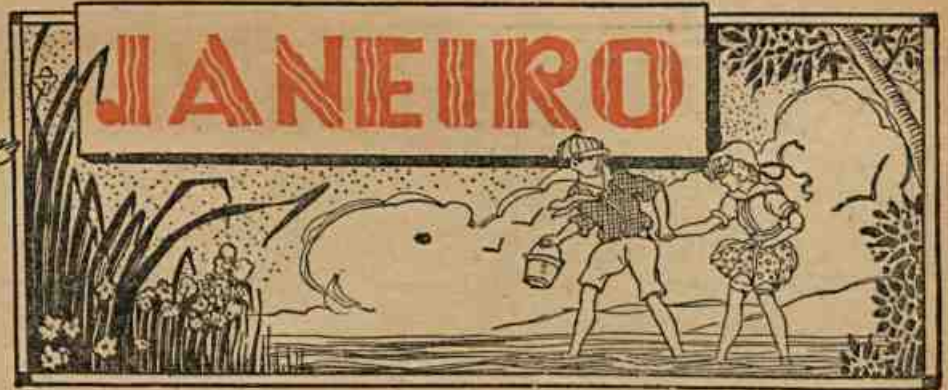
\+ \+ \+

O filho do Kerin tornou-se um grande sabio

E este filho tornou-se um grande sabio, viajou por todo o mundo e veiu a descobrir que a famosa penna vermelha fôra arrebatada por uma ave de rapina da cabelleira da imperatriz de Sarmocanda.

Ahi já era Sultão da Persia um filho de Adim-Ophir, chamado Aladin. Sabendo disso, Aladim foi visitar Sarcocanda e offereceu á imperatriz, que então reinava, a restituição da penna. Ora, essa imperatriz era moça e bonita, o Sultão era moço e garboso.

Casaram e assim o filho de Kerin pagou a generosidade de Adim-Ophir para com seu pae.

■ ■ ■ ■ ■ ■ ■ ■ ■ ■ ■ ■ ■ ■ ■

Dia	Santo
1 — Domingo	✠ Circ. do Senhor
2 — Segunda	Sto. Isidoro
3 — Terça	Sto. Anthero
4 — Quarta	S. Gregorio
5 — Quinta	S. Simeão
6 — Sexta	✠ Santos Reis
7 — Sabbado	S. Theodoro
8 — Domingo	S. Lourenço
9 — Segunda	S. Julião
10 — Terça	S. Gonçalo
11 — Quarta	Sto. Hygino
12 — Quinta	S. Satyro
13 — Sexta	Sto. Hilario
14 — Sabbado	S. Felix de Nola

1.° MEZ — 31 DIAS

Signo — AQUARIO

O mez de Janeiro tira seu nome de Januarius, homenagem a deusa Janus, que presidia as relações do lar e da patria.

Dia	Santo
15 — Domingo	Sto. Amaro
16 — Segunda	S. Marcello
17 — Terça	Sto. Antão
18 — Quarta	Sta. Prisca
19 — Quinta	S. Canuto
20 — Sexta	✠ S. Sebastião
21 — Sabbado	Sta. Ignez
22 — Domingo	S. Vicente
23 — Segunda	Sto. Ildefonso
24 — Terça	Septuagessimo
25 — Quarta	Conv. de S. Paulo
26 — Quinta	S. Polycarpo
27 — Sexta	S. João Chrysostomo
28 — Sabbado	S. Cyrillo
29 — Domingo	S. Francisco de Salles
30 — Segunda	S. Martine
31 — Terça	S. Pedro Nolasco

NO MUNDO ALADO

O Cuco é um passaro muito interessante que os meninos conhecem certamente, pelo menos por já o terem visto nos velhos relogios que, ao bater as horas, deixam sahir de uma caixinha o passaro, dando-nos a impressão de ouvirmos o canto do Cuco. O Cuco inglez põe os ovos nos ninhos dos outros passaros. Em geral põe cinco ovos em cada ninho que não é o seu.

Ha estudos interessantes a respeito do Cuco. O Cuco não só põe os ovos como retira os que não são seus dos ninhos alheios, depondo-os no chão.

O CUCO

O Cuco torna-se, por isso, um passaro realmente interessante, dotado de grande astucia e capaz de defender com encarniçamento os seus ovos dos ataques dos outros passaros.

Nas gravuras desta pagina os nossos leitores vêm o Cuco ao lado de um tico-tico e o mesmo passaro num ninho alheio.

1 — Quarta	Sta. Brigida
2 — Quinta	Purif. de N. Snrª.
3 — Sexta	S. Braz
4 — Sabbado	Sto. André
5 — Domingo	Sta. Agneda
6 — Segunda	Sto. Armando
7 — Terça	S. Maximiniano
8 — Quarta	Sto. Alfredo
9 — Quinta	Sta. Appolonia
10 — Sexta	S. Guilherme
11 — Sabbado	S. Proculo
12 — Domingo	S. Julião Hosp. (Septuagesimo)
13 — Segunda	S. Benigno

2.ª MEZ — 28 DIAS

Signo — PEIXES

O mez de Fevereiro era consagrado pelos romanos a Neptuno, deus do mar.

De quatro em quatro annos, Fevereiro tem mais um dia. Quando assim acontece o anno é bisexto.

14 — Terça	S. Valentim
15 — Quarta	S. Faustino
16 — Quinta	S. Gregorio
17 — Sexta	S. Silvino
18 — Sabbado	S. Marcello
19 — Domingo	S. Conrado
20 — Segunda	Sto. Eleuterio
21 — Terça	S. Felix de Metz
22 — Quarta	Sta. Margarida
23 — Quinta	S. Lasaro
24 — Sexta	Prom. da Const.
25 — Sabbado	S. Cesario
26 — Domingo	Sto. Alexandre (Carnaval)
27 — Segunda	S. Leandro (Carn.)
28 — Terça	S. Rufino (Carn.)

CURIOSAS SUPERSTIÇÕES

OS ALFINETES

Ha muitas superstições a respeito de alfinetes. Este objecto que nos é tão util constitue verdadeiro horror para um certo numero de pessoas. Diz-se na Inglaterra que, quando se vê um alfinete no chão deve-se apanhal-o para se ter sorte. Como esta, ha muitas outras superstições. Uma camponeza ingleza, ao trajar-se para o casamento, só usa alfinetes novos no vestuario, do contrario será infeliz. No Condado de Cornualhes (Inglaterra) as moças costumam jogar alfinetes ao poço de St. Madron para saber da sorte de cada qual.

1 — Quarta	Sto. Adrião (Cinzas)
2 — Quinta	S. Carlos
3 — Sexta	S. Martinho
4 — Sabbado	S. Casemiro ☽
5 — Domingo	S. Pulcheria
6 — Segunda	S. Collets
7 — Terça	S Thomaz Aquino
8 — Quarta	S. João de Deus
9 — Quinta	S. Candido
10 — Sexta	S. Militão
11 — Sabbado	S. Constantino
12 — Domingo	Sto. Eulogio ◑
13 — Segunda	S. Rodrigo
14 — Terça	S. Leandro
15 — Quarta	S. Henrique
16 — Quinta	Sto. Agriaco
17 — Sexta	Sto. Agricola

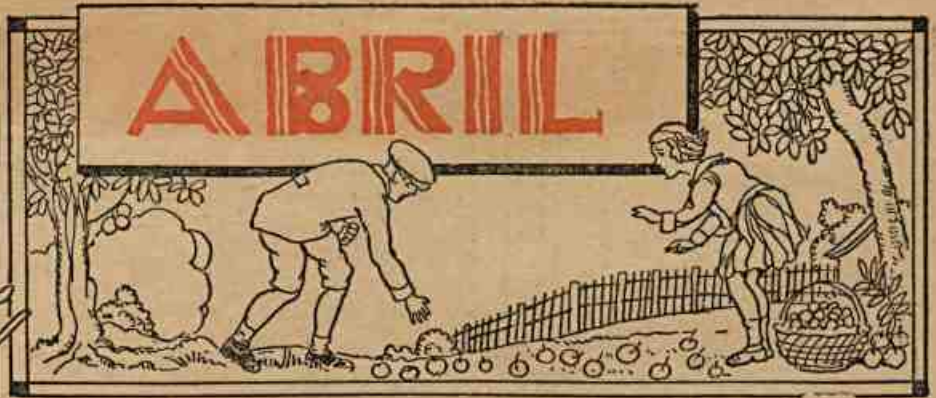
3.° MEZ — 31 DIAS

Signo — Carneiro

Foi o imperador Romulo que deu ao mez de Março o nome do deus Marte. Era este mez o primeiro do anno romano e consagrado á deusa Minerva.

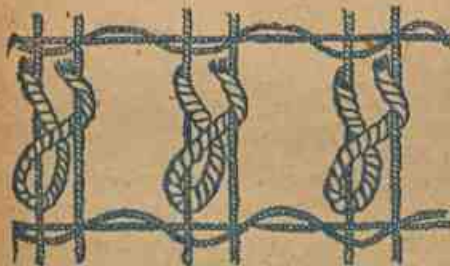
18 — Sabbado	S. Arc. Gabriel ☾
19 — Domingo	S. José
20 — Segunda	S. Gilberto
21 — Terça	S. Bento
22 — Quarta	Sto. Octaviano
23 — Quinta	S. Liberato
24 — Sexta	Sto. Agapito
25 — Sabbado	S. Quirino
26 — Domingo	S. Braulio ●
27 — Segunda	Sto. Alexandre
28 — Terça	Sta. Dorothéa
29 — Quarta	S. Victorino
30 — Quinta	S. João Climaco
31 — Sexta	S. Benjamim

AS CASAS DA AFRICA

A Africa é um continente onde existem muitas especies de casas. Em Marrocos, Argelia e Tunisia, os nativos vivem em casas de alvenaria com telhados chatos e lisos, dormindo nestes telhados durante os dias mais quentes. Os cafres da Africa do Sul constróem as suas casas sob a fórma de gigantescos chapéos. Essas casas são resistentes. Os indigenas dos Camerões fazem as casas de palha e barro em fórma conica, tal como poderá ver-se na gravura acima, á direita.

1 — Sabbado	S. Venancio
2 — Domingo	S. Nicecio
3 — Segunda	S. Benedicto
4 — Terça	S. Sosimo
5 — Quarta	S. Geraldo
6 — Quinta	S. Celestino
7 — Sexta	Sto. Epiphanio
8 — Sabbado	Sto. Amancio
9 — Domingo	S. Marcello (Ramos)
10 — Segunda	S. Terencio
11 — Terça	S. Magno
12 — Quarta	S. Romeu
13 — Quinta	S. Justino
14 — Sexta	S. Lamberto
15 — Sabbado	S. Basilio
16 — Domingo	S. Fructuoso (Pasc.)
17 — Segunda	Sto. Aniceto
18 — Terça	Sto. Appolonio
19 — Quarta	S. Jorge
20 — Quinta	N. S. dos Prazeres
21 — Sexta	Tiradentes
22 — Sabbado	S. Leonidas
23 — Domingo	S. Fortunato
24 — Segunda	Sto. Alexandre
25 — Terça	Patrocinio de S. José
26 — Quarta	S. Cleto
27 — Quinta	S. Turibio
28 — Sexta	S. Vital
29 — Sabbado	Sto. Hugo
30 — Domingo	Sto. Eutropio

4.° MEZ — 30 DIAS

Signo — TOURO

O mez de Abril era consagrado a Venus. Seu nome deriva de *Aperire*, abrir, porque nessa época a Terra se abre para nos communicar as suas naturaes abundancias.

OS TAPETES ORIENTAES

O numero de nós por pollegada quadrada determina o valor dos tapetes orientaes. Alguns têm 700 nós por pollegada quadrada.

A confecção de um tapete oriental é tão simples que chega a causar espanto. O artifice arranja um pedaço de tecido, liga-o a dois pauzinhos, retesa o fio, vae puxando, torce, enrosca e consegue dar o nó.

Ha duas especies de nós: o de Sehna (Persia) e o nó de Chiordes (Turquia). O bom artifice póde fazer dentro de pouco tempo uma porção de nós e assim o tapete vae crescendo de uma maneira bellissima.

ALGUNS DESENHOS DE TAPETES ORIENTAES

MOTIVOS DE ALGUNS TAPETES PERSAS

1 — Segunda	Festa do Trabalho
2 — Terça	Sta. Mafalda
3 — Quarta	Desc. do Brasil.
4 — Quinta	S. Flaviano
5 — Sexta	Conv. de S. Agostinho
6 — Sabbado	Sta. Judith
7 — Domingo	N. S. do Resgate
8 — Segunda	S. Victor
9 — Terça	S. Gregoriano
10 — Quarta	S. Gordiano
11 — Quinta	Sto. Illuminato
12 — Sexta	S. Phelippe
13 — Sabbado	Abol. da Escravidão
14 — Domingo	S. Bonifacio

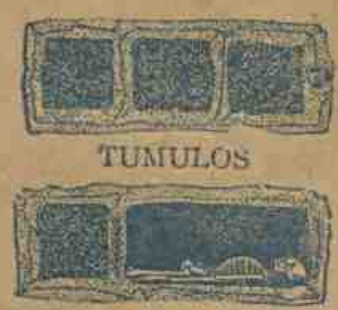
5.° MEZ — 31 DIAS

Signo — GEMEOS

O mez de Maio, terceiro do anno romano, era consagrado a Apollo. Foi-lhe dado esse nome em honra dos velhos Maius Majoribus.

15 — Segunda	Sto. Izidoro
16 — Terça	Sto. Honorio
17 — Quarta	S. Paschoal
18 — Quinta	Sto. Eurico
19 — Sexta	S. Calypso
20 — Sabbado	S. Bernardo de Senna
21 — Domingo	S. Manços
22 — Segunda	S. Romão
23 — Terça	Espirito Santo
24 — Quarta	Sta. Afra
25 — Quinta	S. Vibano (Assump.)
26 — Sexta	Sto. Agostinho
27 — Sabbado	Sto. Olivio
28 — Domingo	S. Germano
29 — Segunda	S. Procopio
30 — Terça	S. Fernando III
31 — Quarta	S. Petronilho

AS CATACUMBAS DE ROMA

TUMULOS

As catacumbas de Roma eram logares onde se enterravam os christãos. As catacumbas consistiam em compridas galerias, seguindo uma porção de direcções, formando corredores infindaveis. Diz-se que para percorrel-as todas uma pessoa tem de andar 500 kilometros.

Os tumulos eram collocados na pedra das muralhas e guardados com todo o cuidado. Na gravura desta pagina os nossos leitores vêem: á esquerda, algumas lampadas encontradas nas catacumbas; ao centro, a entrada para as catacumbas, e á direita, compartimentos fechados e abertos onde se encerravam os mortos.

6.° MEZ — 30 DIAS

Signo — CANCER

O mez de Junho tira seu nome de Juno ou Junio-Bruto. Era o quarto mez do anno romano e consagrado a Mercurio.

Dia	Santo
1 — Quinta	S. Ferino ☽
2 — Sexta	Sto. Erasmo
3 — Sabbado	Corpo de Jesus
4 — Domingo	Espirito Santo
5 — Segunda	S. Saturnino
6 — Terça	S. Marciano
7 — Quarta	S. Claudio
8 — Quinta	S. Gilberto ◎
9 — Sexta	S. Paulo da Cruz
10 — Sabbado	S. Margarida
11 — Domingo	Trindade
12 — Segunda	Sto. Adolpho
13 — Terça	S. Antonio de Lisboa
14 — Quarta	S. Basilio Magno ☾
15 — Quinta	Corpus Christi
16 — Sexta	N. S. do Soccorro
17 — Sabbado	Sto. Anatolio
18 — Domingo	S. Marcellino
19 — Segunda	S. Gervasio
20 — Terça	S. Macario
21 — Quarta	S. Luiz Gonzaga
22 — Quinta	S. Paulino
23 — Sexta	Sto. Aggripino ●
24 — Sabbado	S. João Baptista
25 — Domingo	S. Guilherme
26 — Segunda	Sto. Anthelmo
27 — Terça	Pureza de N. Senhora
28 — Quarta	Sto. Irineu
29 — Quinta	S. Pedro e S. Paulo
30 — Sexta	S. Marçal ☽

O COELHO

UM ANIMAL QUERIDO DAS CREANÇAS

E' um dos animaes mais antigos que o homem conhece. Existe, sob numerosas familias, na Europa e America do Sul e do Norte. Ha varias especies de coelhos: — ha o cinzento, no Canadá e Estados Unidos, e que é muito veloz.

Ha o coelhão, da Europa, muito vivo e facilmente domesticavel. Ha tambem o coelho da Neve, do norte da Europa, inteiramente branco, e que muda o pello duas vezes ao anno, ficando branco no inverno e acinzentado na primavera. Na gravura vemos um coelho denominado "coelhão" muito encontrado na Europa e, á direita, um coelhinho muito commum aqui, no Brasil.

Dia	Santo
1 — Sabbado	S. Simeão
2 — Domingo	Visit. de N. Senhora
3 — Segunda	S. Jacintho
4 — Terça	S. Laureano
5 — Quarta	Sto. Athanasio
6 — Quinta	Sto. Angelo
7 — Sexta	S. Firmino ◎
8 — Sabbado	S. Procopio
9 — Domingo	Sta. Veronica
10 — Segunda	S. Januario
11 — Terça	Sta. Simphronia
12 — Quarta	S. Zalor
13 — Quinta	Sto. Anacleto
14 — Sexta	Tom. da Bastilha ☾

7.° MEZ — 31 DIAS

Signo — LEÃO

O mez de Julho herda seu nome de Julius Cesar, o reformador do calendario romano. Era consagrado a Jupiter e teve tambem o nome de Quintilis, por ser o quinto mez do calendario de Romulo.

Dia	Santo
15 — Sabbado	Sto. Henrique
16 — Domingo	N. S. do Carmo
17 — Segunda	Sto. Aleixo
18 — Terça	Sto. Arnaldo
19 — Quarta	S. Vicente de Paula
20 — Quinta	Sto. Elias
21 — Sexta	S. Claudio
22 — Sabbado	S. Platão ●
23 — Domingo	S. Liborio
24 — Segunda	S. Bernardo
25 — Terça	S. Thiago
26 — Quarta	Sto. Olympio
27 — Quinta	S. Mauro
28 — Sexta	S. Celso
29 — Sabbado	Sto. Olavo
30 — Domingo	Sto. Abdão ☽
31 — Segunda	S. Fabio

O CABRITO DE ANGORA'

O IBEX DA NUBIA

O IBEX, DA GRECIA

OS IBEXES

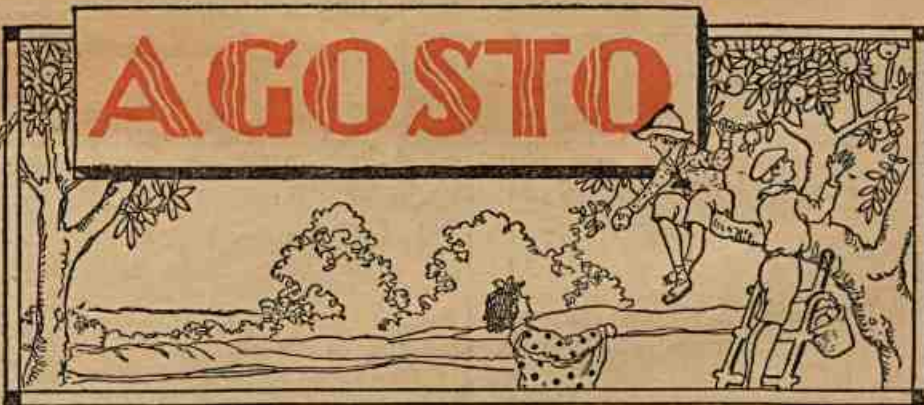
O ibex é uma especie de cabrito bravo. Encontra-se nos Pyrineus, nos Alpes, Caucaso e Himalaya.

O ibex vive na linha de neve perpetua, descendo apenas á noite. Os machos têm guampas compridas, ligeiramente recurvadas. Os ibexes vivem em pequenas manadas, mas os machos velhos andam sós. Na Asia, caçar ibex é um sport. O cabrito de Angorá domesticado tambem tem guampas compridas.

AGOSTO

8.° MEZ — 31 DIAS

Signo — VIRGEM

O mez de Agosto tira seu nome de Augustus, imperador romano. Era consagrado a Ceres, deusa da fartura. Antigamente era chamado Sextilis, por ser o sexto mez do anno romano.

Dia	Santo
1 — Terça	S. Leoncio
2 — Quarta	N. S. dos Anjos
3 — Quinta	S. Cassiano
4 — Sexta	S. Domingos
5 — Sabbado	N. S. das Neves
6 — Domingo	Transf. do Senhor
7 — Segunda	Sto. Alberto
8 — Terça	Sto. Agriaco
9 — Quarta	S. Romão
10 — Quinta	S. Lourenço
11 — Sexta	Sta. Suzana
12 — Sabbado	Sta. Clara
13 — Domingo	Sta. Aquila
14 — Segunda	N. S. da Bôa Morte
15 — Terça	Assump. de N. Sra.
16 — Quarta	S. Roque
17 — Quinta	S. Juliano
18 — Sexta	Sto. Agapito
19 — Sabbado	S. Magiro
20 — Domingo	S. Samuel
21 — Segunda	Sta. Umbelina
22 — Terça	S. Timotheo
23 — Quarta	S. Donato
24 — Quinta	S. Bartholomeu
25 — Sexta	S. Luiz
26 — Sabbado	S. Zeferino
27 — Domingo	S. José de Calazans
28 — Segunda	Sto. Agostinho
29 — Terça	Sto. Adolpho
30 — Quarta	S. Tiacro
31 — Quinta	S. Cecidio

A ERVILHA MEXICANA

AS ERVILHAS

Entre as ervilhas, existe uma, a ervilha mexicana, que pula. Ella pula por causa de uma lagarta. A ervilha mexicana é o fructo de uma grande especie de tithymalo, grupo que inclue a mamona. As ervilhas que pulam receberam o ovo de uma certa mosca. O ovo desenvolve-se em uma lagarta que, ao crescer, vae comendo todo o interior da ervilha.

O ERVILHEIRO

A LAGARTA DENTRO DA ERVILHA

Quando chega o calor, a lagarta acha que viver dentro da ervilha não tem graça e começa a mexer-se.

E' ahi que a ervilha começa a pular. A lagarta, dentro da ervilha, fabrica fios elasticos de seda que agem como mollas da ervilha que pula.

Dia	Santo
1 — Sexta	S. Constancio
2 — Sabbado	Sto. Estevam
3 — Domingo	Sta. Dorothéa
4 — Segunda	Sta. Rosalia ◐
5 — Terça	S. Bertino
6 — Quarta	S. Zacarias
7 — Quinta	Indep. do Brasil
8 — Sexta	Nativ. de N. Senhora
9 — Sabbado	S. Sergio
10 — Domingo	Sta. Pulcheria
11 — Segunda	S. Didimo ☾
12 — Terça	S. Juvencio
13 — Quarta	Sto. Amado
14 — Quinta	Exalt. da Santa Cruz

9.° MEZ — 30 DIAS

Signo — *BALANÇA*

O nome deste mez vem de September, setimo mez do anno romano. Chamou-se tambem Tiberius, Germanicus e Antonius. Era consagrado a Vulcano.

Dia	Santo
15 — Sexta	N. S. das Dores
16 — Sabbado	Sta. Edith
17 — Domingo	S. Fiocello

Dia	Santo
18 — Segunda	S. José Cupertino
19 — Terça	Sta. Panjosa ●
20 — Quarta	Lei O. do D. Federal
21 — Quinta	S. Matheus
22 — Sexta	S. Thomas
23 — Sabbado	S. Luiz
24 — Domingo	N. S. das Mercês
25 — Segunda	Sto. Herculano
26 — Terça	S. Cypriano ☽
27 — Quarta	S. Terencio
28 — Quinta	S. Wenceslau
29 — Sexta	S. Miguel Archanjo
30 — Sabbado	S. Leopardo
. . . .	. . . .

GIBÃO HESPANHOL

GIBÃO FRANCEZ

GIBÃO GERMANICO

O GIBÃO DE CARLOS DE INGLATERRA

GIBÃO INGLEZ, DO TEMPO DA RAINHA ELIZABETH.

O GIBÃO

O gibão era uma peça do vestuario que se usou muito na Europa nos seculos XV, XVI e XVII. O gibão ia do pescoço até á cintura, e apresentava ás vezes mangas. Ajustava-se perfeitamente ao torso. Appareceu primeiro na França, passando depois para a Inglaterra, Italia e Hespanha. Os gibões protegiam tambem o torso nos duellos, porque eram encourados por dentro. Os homens do seculo XVII, da França, Inglaterra e Hespanha vestiam a capricho, porque usavam mantões roçagantes, gibões espaventosos, e coloridos, mangas de goles, calças largas e botas altas, não esquecendo a grande espada de copo florido.

OUTUBRO

Dia	Santo
1 — Domingo	S. Verissimo
2 — Segunda	S. Ligorio
3 — Terça	N. S. do Rosario
4 — Quarta	S. Francisco de Assis
5 — Quinta	S. Placido
6 — Sexta	S. Bruno
7 — Sabbado	Sto. Augusto
8 — Domingo	Sta. Brigida
9 — Segunda	Sto. Audronico
10 — Terça	S. Gereão
11 — Quarta	S. Nerimio
12 — Quinta	Descob. da America
13 — Sexta	Sto. Eduardo
14 — Sabbado	Sta. Eulampia
15 — Domingo	S. Thereza de Jesus
16 — Segunda	S. Martiniano
17 — Terça	N. S. dos Remedios
18 — Quarta	S. Justo
19 — Quinta	Sta. Aquilina
20 — Sexta	S. Feliciano
21 — Sabbado	Sta. Vosula
22 — Domingo	Sto. Euzebio
23 — Segunda	S. Graciano
24 — Terça	S. Raphael Archanjo
25 — Quarta	S. Chrispim
26 — Quinta	Sto. Evaristo
27 — Sexta	S. Didier
28 — Sabbado	S. Simão
29 — Domingo	Sta. Bemvinda
30 — Segunda	S. Angelo
31 — Terça	S. Mathurino

10.° MEZ — 31 DIAS

Signo — ESCORPIÃO

O mez de Outubro era consagrado a Marte e seu nome provém de October, oitavo mez do anno de Romulo.

O JORNAL

As autoridades historicas dizem que o primeiro jornal impresso em typos de metal foi uma "Gazeta", que appareceu em Nuremberg, na Baviera, em 1457. Uma "Gazeta" appareceu tambem em Veneza 1536.

O "Frankfurter Zeitung", chamado o primeiro jornal diario do mundo, appareceu em Francfort, na Allemanha, em 1615. As noticias com gravuras appareceram num jornal do paiz de Galles publicadas em 1607.

O "Hollandsche Mercurius" publicou em 1653 uma pagina inteira com noticias acompanhadas com gravuras, referentes á subida de Cromwell ao poder da Inglaterra.

Essas gravuras eram feitas á madeira.

NOVEMBRO

1 — Quarta	Todos os Santos
2 — Quinta	Finados
3 — Sexta	S. Benigno
4 — Sabbado	S. Carlos Borromeu
5 — Domingo	S. Zacharias
6 — Segunda	S. Gregorio
7 — Terça	Sto. Amarando
8 — Quarta	S. Deodato
9 — Quinta	Sto. Aggripino
10 — Sexta	S. Florencio
11 — Sabbado	Sta. Eustalia
12 — Domingo	S. Diogo
13 — Segunda	S. Didacio
14 — Terça	Patrocinio de N. Sra.

11.° MEZ — 30 DIAS

Signo — SAGITTARIO

O mez de Novembro era consagrado a Diana e tira seu nome de November, por ter sido o nono mez do calendario de Romulo.

15 — Quarta	Procl. da Republica
16 — Quinta	Sta. Ignez de Assis
17 — Sexta	Sto. Hugo

18 — Sabbado	S. Maximo
19 — Domingo	Sta. Isabel de Hung.
20 — Segunda	S. Simplicio
21 — Terça	Apresent. de N. Sra.
22 — Quarta	Sta. Cecilia
23 — Quinta	S. Clemente
24 — Sexta	S. João da Cruz
25 — Sabbado	Sta. Catharina
26 — Domingo	S. Conrado
27 — Segunda	S. Facundo
28 — Terça	S. Gregorio III
29 — Quarta	S. Saturnino
30 — Quinta	Sto. André

SCENA DO "BARBEIRO DE SEVILHA", SEGUNDO UM VELHO PINTOR

BEAUMARCHAIS ESCREVENDO NA PRISÃO.

ROSSINI.

O "Barbeiro de Sevilha"

A musica da opera foi escripta por Rossini. O autor do "Barbeiro de Sevilha" foi o famoso escriptor francez Beaumarchais.

Foi levada ao palco em 1775, com fracasso. Depois Beaumarchais remodelou-a e foi um exito assombroso.

O texto francez foi adaptado á opera de Rossini por Sterbini, um poeta de Roma.

A opera foi representada em Roma, pela primeira vez, a 5 Fevereiro de 1816.

Dia	Santo
1 — Sexta	S. Cassiano
2 — Sabbado	S. Leoncio
3 — Domingo	1º Domingo do Adv.
4 — Segunda	Sto. Armando
5 — Terça	Ad. S. Geraldo
6 — Quarta	S. Nicolau
7 — Quinta	Sto. Ambrosio
8 — Sexta	Conceição de N. Sra.
9 — Sabbado	Sta. Leocadia
10 — Domingo	S. Melchiades
11 — Segunda	S. Damaso
12 — Terça	Ad. S. Justino
13 — Quarta	Sta. Luiza
14 — Quinta	Sto. Agnello

12.º MEZ — 31 DIAS

Signo — CAPRICORNIO

Este mez era consagrado a Vesta. O seu nome vem de December, decimo mez do calendario romano.

Dia	Santo
15 — Sexta	S. Valeriano
16 — Sabbado	Sta. Adelaide
17 — Domingo	Sta. Olympia
18 — Segunda	S. Brasiliano
19 — Terça	Ad. S. Nemesio
20 — Quarta	Sto. Alfredo
21 — Quinta	S. Thomé
22 — Sexta	Sto. Honorato
23 — Sabbado	S. Dagoberto
24 — Domingo	Sta. Emiliana
25 — Segunda	Natal
26 — Terça	Sto. Estevam
27 — Quarta	S. João Evangelista
28 — Quinta	Os Santos Innocentes
29 — Sexta	S. Thomaz
30 — Sabbado	Sto. Hilario
31 — Domingo	S. Sylvestre

AS BONECAS

As bonecas foram encontradas entre a civilização dos homens das cavernas.

Os historiadores contam-nos que as meninas de todos os periodos brincavam com bonecas.

As bonecas mais antigas que se conhecem são os fetiches usados nos ritos religiosos.

Dos ritos religiosos essas bonecas passaram para a infancia e se mantém até hoje.

O ARCO-IRIS

Do arvoredo glauco, marchetado de flores, cahem gottas de prata da chuva que cessou. Esvoaçam de novo as borboletas, chilreia a passarada em pipilos de festa e de ventura e o rio, a correr, transbordante, parece ir murmurando delicadas cantigas de embalar. Chuva que foi andando, que passou no horizonte, deixando junto ao céo a grinalda de côres do arco-iris. Symbolo da bonança e da alegria, arco de côres que revive os sonhos de um menino feliz! Arco-iris! Téla onde o azul do sonho, o rubro das paixões, o jalde das cabelleiras, a esperanca de ventura, o roxo das angustias, se entrelaçam no bailado das côres! Arco-iris! Faixa que traz aos olhos a maravilhosa illusão de um mundo que a gente, quando creança, pensa ser ditoso como a alegria de todas as côres, mas que é, quasi sempre, triste como a côr e o perfume da pequenina violeta.

CARLOS MANHÃES

COMO NASCEU A ESCRIPTA

CADA LETRA DO ALPHABETO REPRESENTA UM OBJECTO.

A — Cabeça de boi.

B — Uma casa.

C — Cabeça de camelo.

D — Uma porta.

E — Uma janella.

Os egypcios, nos primeiros tempos da humanidade, representavam as palavras e até phrases por meio de desenhos de varios objectos. A esses desenhos nós chamamos hieroglyphos. E' que os egypcios não possuiam o alphabeto. Mais tarde, um engenhoso phenicio resolveu de vez essa difficuldade creando um alphabeto, isto é, uma série de signaes que representavam sons e que podiam combinar-se entre si para formar palavras.

Esse alphabeto primitivo tinha vinte e duas letras e todas ellas eram desenhos mais ou menos grosseiros de um objecto familiar.

Desses objectos receberam o nome que, modificado, conservam ainda.

Por exemplo, o A era o desenho de uma cabeça de boi (dizem tambem que era uma cabeça de boi com dois chifres) e chamava-se Aleph, palavra phenicia que quer dizer boi.

Mais tarde os gregos chamaram-na Alpha. Nós recebemol-o dos romanos e em nosso alphabeto figura elle virado, isto é, de baixo para cima, mas conservando a sua fórma primitiva.

O B chamava-se a principio Beth e significava uma casa. Representavam-no pelo contorno de uma casa com telhado, chão e parede de fundo. Não representavam a parede deanteira porque as casas ou choças dos phenicios não tinham essa parede; em vez della, usavam uma cortina.

Os gregos chamaram essa letra de Beta e os romanos Be.

O C significava um camelo, chamado pelos phenicios Gamel.

Era uma representação muito rudimentar da cabeça e do pescoço desse animal. Os romanos modificaram a fórma dessa letra traçando-a como tres quartos de um circulo e ainda ajuntaram a ella um tracinho para que tivesse o som de G.

Devemos, pois, ao camelo, duas letras.

O D representava uma porta. A letra era triangular, provavelmente porque symbolisava a entrada de uma cabana.

Para escrevel-a com mais facilidade os romanos traçavam-na com um raio vertical e uma curva, fórma que ainda conserva.

O E representava convencionalmente uma janella.

O F era um gancho ou anzol.

O I e o J eram primitivamente a mesma letra. Os romanos juntaram ao I uma pequena curva na parte inferior convertendo-o em J, isto é, em consoante.

O H era uma cerca. Primitivamente tinha tres traços horizon-

OS HIEROGLYPHOS DOS POVOS ANTIGOS.

F—Um gancho ou anzol.

taes: um em cima, um no meio e o terceiro em baixo. Nós conservamos unicamente o do meio.

O K representava a silhueta de uma mão aberta.

H — Uma cerca.

O L era um latego.

O M significava as aguas indicadas para tres ondas. Chamavam-na Mem, palavra que queria dizer Mar.

M — Ondas.

O N representava um peixe, em idioma phenicio chamado Nur. Como se vê pela gravura, primitivamente era um grosseiro desenho da cabeça de um peixe com um olho e a bocca aberta. O O representava um olho.

N — Um peixe.

O — Um olho.

O Q era a cabeça e o pescoço de um homem visto por detraz. O R era tambem uma cabeça e um pescoço vistos de lado. Os gregos traçavam-na como o P actual. Os romanos ajuntaram-lhe mais um rabisco.

O S representava um dente molar. No S actual não se reconhece essa fórma, mas é ella evi-

R — Cabeça e pescoço, vistos de lado.

dente ao S dos gregos, chamado Sigma.

O T tinha a fórma de cruz; chamavam-no Tav e era usado como um signal que indicava a propriedade e se applicava aos objectos. Esta é a origem do costume que as pessoas que não sabiam escrever tinham de assignar os documentos com uma cruz.

Q — Cabeça e pescoço de um homem.

A letra Y era representada pela bifurcação de um caminho. Pythagoras, philosopho de Crotona, só empregava esta letra para illustrar principios de moralidade. E chamava a attenção para o facto de, ao se escrever um Y, o instrumento com que se escrevia não poder seguir ao mesmo tempo as duas linhas que se bifurcavam. Cada um devia escolher um caminho, a um tempo, para tomar, porque não se póde seguir ao mesmo tempo dois caminhos, isto é, duas maneiras de viver.

Os nossos leitores comprehenderam a grandeza dessa sentença? Não se póde seguir dois caminhos nem viver de duas maneiras differentes ao mesmo tempo.

Esta maxima nos aconselha a possuirmos resolução na nossa vida.

S — Um dente molar.

Explicada a formação do primeiro alphabeto, desejamos dar aos nossos leitores uma idéa da importancia que o alphabeto tem nas relações dos homens e na civilização dos povos.

Y — A bifurcação de um caminho.

Pensarão os meninos que o alphabeto por ser facil e conhecido, não tem maior valor. No emtanto, com o alphabeto, os homens aprenderam a ler, o que vale dizer, puderam fixar os pensamentos, o resultado de suas observações, de seus estudos, o relato dos feitos heroicos, das acções nobres de todo aquelle que merecia passar á posteridade.

Antigamente a historia não estava escripta porque não se tinha ainda inventado o alphabeto. Os feitos salientes, tudo que devia perpetuar-se era transmittido de geração em geração por meio de pessoas que tinham esse encargo.

Eram como livros viventes, cada um com sua especialidade.

T — Uma cruz.

Pensem os nossos leitores nas enormes difficuldades que isso representava para a diffusão dos conhecimentos uteis. O alphabeto é para a vida do espirito o que o ar é para a vida do corpo.

SANTOS DAS COLUMNAS

Penhascos da Grecia

S. Simão, o velho

S. Simão, o moço

Os "Santos das Columnas" constituiam uma classe de ascetas que costumavam sentar-se no topo de columnas ou rochas durante a Paschoa, através do V e VI seculos da nossa éra, esperando assim receber os primeiros reflexos da segunda vinda de Christo.

S. Simão passou 37 annos sentado sobre o topo de uma columna. Simão, o moço, subiu para o alto de uma columna e ahi passou 69 annos consecutivos. Os monges do Mosteiro de Kalabaka, na Grecia, viviam sobre penhascos, longe do mundo.

O NAVIO NEGREIRO

DO LIVRO

A PATRIA BRASILEIRA,

— DE —

COELHO NETTO E OLAVO BILAC

Sereno é o mar, os ventos sopram de feição, e o brigue veleja garbosamente pelas aguas verdes, sob um céo azul onde não passa a mais ligeira nuvem...

Mas por que espalha gemidos essa embarcação que tão propicia brisa vem trazendo? por que espalha lamentos pelo tranquillo oceano? Virá a maruja presaga adivinhando uma procella proxima? não, a maruja canta descuidada vendo as velas pandas...

Quem geme? de onde vem tão sentido lamento?

E' carga do brigue que assim chora, é a carga do veleiro brigue que veio dos mares da Africa cheio de gente negra...

O porão está entulhado: homens, mulheres e creanças, os pulsos carregados de ferro, os olhos inundados de lagrimas. Não podem ver, estão cercados de treva, num ambiente infecto; ouvem as pancadas dos corações soffredores e o escachôo do mar, ouvem os soluços das mulheres e os brados do commandante. Amanhece, anoitece, o sol surge, as estrellas scintillam, — e sempre é noite, noite negra no porão do navio. Vêm da Africa, arrematados pelo traficante, valem como a especiaria, como o gado, são cousa venal como a lenha da terra, como o coral das aguas. Negam-lhes sentimento, negam-lhes sensibilidade, roubam-lhes os filhos, laceram-lhes as carnes. E o vento, como a alma errante e compassiva do paiz deixado, acompanha-os gemendo.

A's vezes um rompe a chorar, ouvem-n'o todos commovidos e a lagrima communica-se, o choro torna-se geral; mas quem o ouve? o mar, o vento... "Eh! cessa! Eh! basta de choro!" — brada o traficante, não porque a piedade o tenha penetrado, por usura sómente: porque a lagrima definha e o escravo enfraquecido menos vale...

Por que não vens, corsario, açor bemdito?...

Um expira algemado. Ao mar a carniça! Outro enferma e geme... Ao mar o inutil! A creança, que mama, deforma a escrava nova, ao mar o vampiro! Os que morrem, como são felizes! Alguns deixam-se finar á mingua, outros succumbem ao *banzo*, molestia indefinivel da alma, e o brigue veleja sob o céo tranquillo, sobre as aguas mansas.

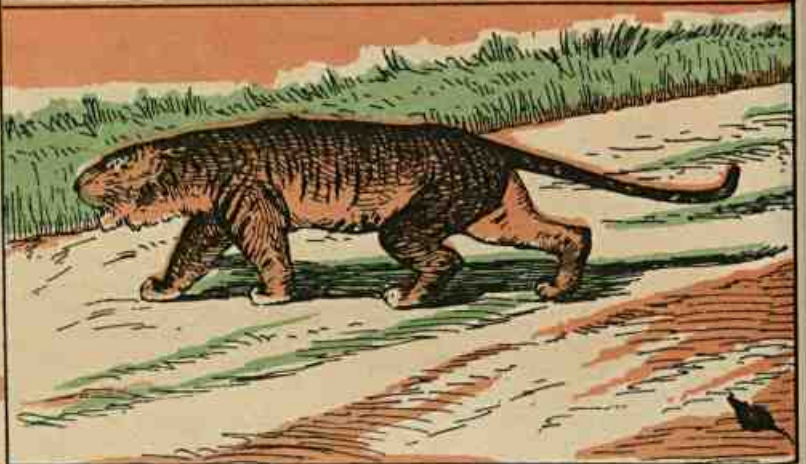
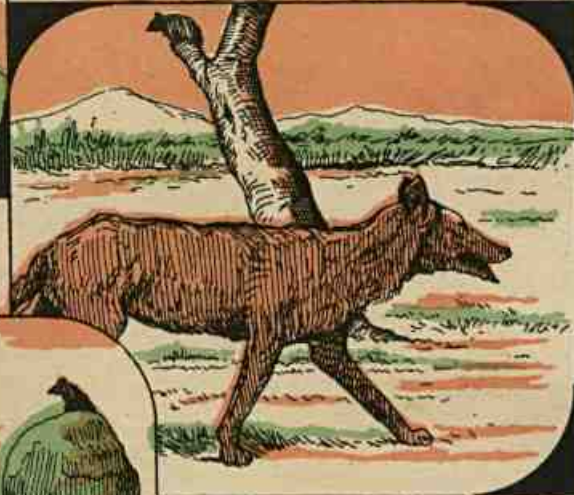
Terra! E Deus que não salva da agonia a pobre gente! Terra! ansia de chegar ao porto tem a maruja; elles, porém, coitados, ouvindo a faina dos que vão descendo a ancora, tremem, pensando talvez que lhes chegou o momento final. Terra! e elles, chicoteados, começam a subir do porão, apertando os olhos que a luz deslumbra, e, magros, arrastando ferros, surgem do negro esquife como esqueletos numa evocação macabra. Terra!...

Um ninho!

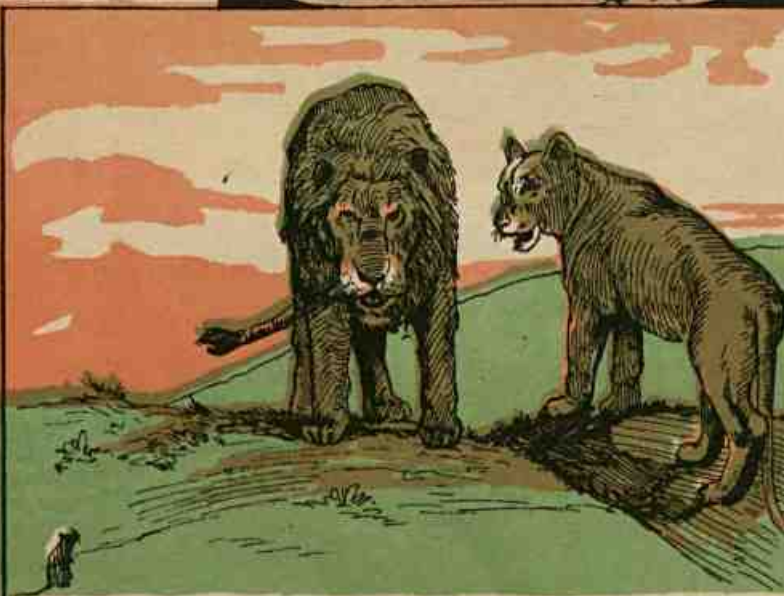
— Venha, Lili, venha ver
Um ninho de passarinhos!
Como é bem feito e bonito!
Já tem quatro filhotinhos!

— Cava, Janjão, essa terra!
Vamos catar vermezinhos
Que sirvam de bom petisco
Para os lindos passarinhos!

E dentro em pouco, de um galho
Pediam tres minhóquinhas,
Que uma ave levou p'ra o ninho,
Batendo as lindas azinhas.

AS AGUIAS

Um pobre ratinho, vivia na sua toca e sentia-se a mais humilde das creaturas. Todos os bichos diziam-se...

... mais fortes que elle; eram todos uns "aguias" na força e na coragem. Elle o sabia pois que a todos perguntava e a resposta era...

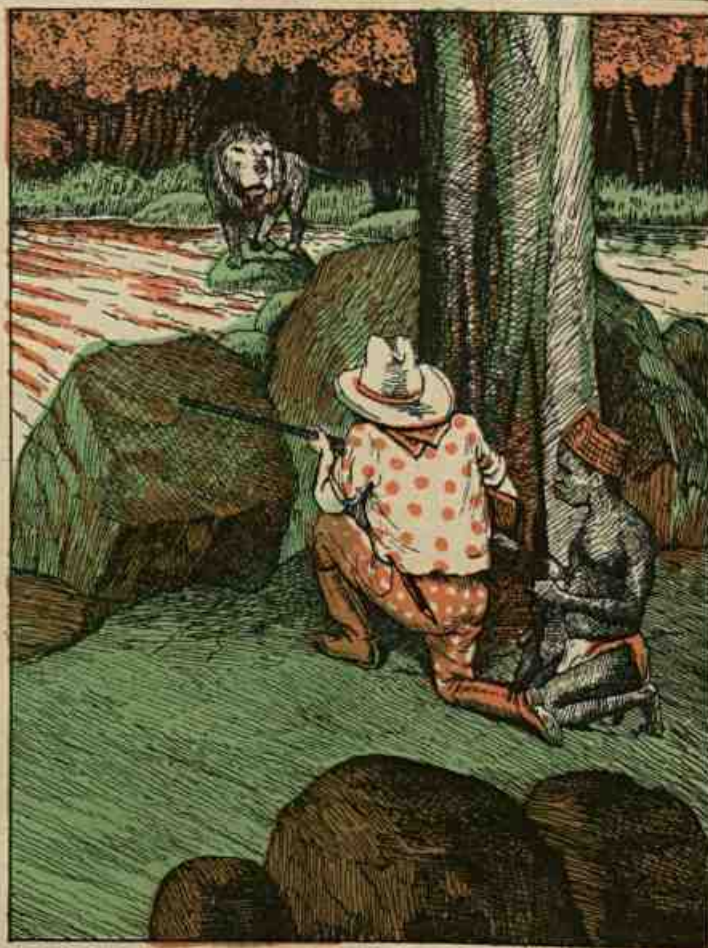
... a mesma. A propria aguia dizia: Eu domino na terra e nos ares, sou mais forte que o leão, o tigre e todas as feras!...

....O tigre por sua vez dizia que, se o leão era tão valente como diziam, elle nunca recuara e o enfrentava...

... O lobo dizia: a fome faz-me tão valente que nada receio da força dos outros. A raposa tambem se gabava...

...Um dia, porém, o ratinho viu que os valentes corriam do homem e pensou que "aguias" todos eram deante dos fracos e continuou sempre humilde na sua toca.

O LEÃO

Havia certo rumor em toda aquella população, quando ali chegou um viajante inglez. Era Mr. Greener, caçador emerito e viaiava por conta propria em busca de aventuras. O populacho estava aterrado com o que acontecera aquella noite. Contavam que um enorme leão entrara no povoado e matara um boi, um cavallo e um homem. Mr. Greener, munido com a sua melhor espingarda de dois canos partiu para o bosque acompanhando as pégadas que o leão deixara na areia. Caminhou cerca de duas horas até chegar á margem de um rio em cujas aguas as pegadas se perdiam.

Ali permaneceu o inglez até a noite. Tinha por companheiro o seu creado Job. A noite passou sem novidade. Aos primeiros alvores do dia Mr. Greener ia retirar-se e ouviu um rugido terrivel. Armou immediatamente a sua espingarda. Numa abertura do bosque o leão assoma a cabeça farejando uma presa. Dá outro rugido e encaminha-se para o lado do inglez. Este aponta e aguarda o momento. A féra desce a margem do rio e o atravessa. A cinco passos do caçador pára, dá novo rugido e eriça a juba. O tiro parte, o leão dá um salto. Está morto. A bala penetrou-lhe o craneo entre os dois olhos.

As 3 Sentenças de Akbar

Conto Oriental — Desenhos de Cicero Valladares

ALLAH é grande! — exclamou o califa Moawiah quando sentiu approximar-se a hora de morrer e, despedindo-se, com um adeus, de todos os cortezãos que lhe rodeavam o leito, deu ordem que trouxessem á sua presença seu filho Yezid.

— Morrerás ao pôr do sol! — dissera-lhe o medico mais sabio da côrte. E emquanto o joven chorava, com os olhos fitos no disco do sol que descia rapidamente em direcção do horizonte, o califa falou sem odios para os inimigos, sem orgulho ante a recordação das acções levadas ao cabo; mas muito inquieto e atormentado pelo receio de, por acaso, não ter sempre feito justiça durante a sua larga vida de chefe do Islam.

— Pae — disse-lhe Yezid, atormentado pelos pensamentos que turbavam naquella hora suprema a tranquillidade do califa — sempre foste magnanimo, generoso e bom!

— Para quem exerce o poder, meu filho — respondeu o ancião — não basta ser bom; é preciso ainda ser justo.

Naquelle instante o sol tocava as collinas que rodeiam a cidade de Damasco, séde, naquella época, do califado e, sentindo que as forças lhe iam fugindo, Moawiah apressou-se a dizer ao filho que se a justiça é tão difficil de administrar é porque as mentiras dos malvados occultam de tal forma a verdade que muitas vezes é impossivel descobril-a.

— Então, pae — exclamou o joven — que deverei fazer quando estiver em duvida?

— Vae em busca de Akbar e diz-lhe simplesmente: — Sou Yezid, o filho de Moawiah.

E no momento em que o sol se escondia detraz das collinas, o califa exhalou o ultimo suspiro.

E Yezid já reinava muito tempo, cercado da estima e do affecto de todos quando occorreu um caso horrivel. Julgado como criminoso, pois todas as apparencias o condemnavam, um homem estava para ser enforcado quando, por uma verdadeira casualidade, se soube que o culpado do assassinato não era outro senão o accusador. Prevenido a tempo, Yezid pôde impedir que uma cabeça innocente cahisse sob o cutello do verdugo; mas a emoção que lhe produziu a aventura foi tal que mezes depois um tremor convulsivo saccudia-lhe o corpo quando alguem pronunciava em sua presença o nome daquelle que, por uma aberração sua, estivera a ponto de abandonar o mundo dos vivos.

Passada aquella crise, Yezid recordou-se do conselho que o pae lhe dera antes de morrer e tomou a resolução de procurar Akbar. Akbar! Quem poderia ser esse homem prodigioso para quem a verdade não tinha segredos?

Akbar fôra, noutros tempos, um guerreiro valente que combatera sob as ordens de Moawiah que, em reconhecimento de seu serviços, quiz elevaI-o ás maiores dignidades. Mas o guerreiro não era daquelles que buscam a recompensa das suas acções nos bens deste mundo e, apesar dos rogos do Kalifa, retirou-se para um sitio afastado da montanha, na maior solidão, que é o refugio supremo do sabio e do crente.

Yezid, acompanhado de uma forte escolta, caminhou dias e dias até chegar aos montes de Libano. Por fim á grande altura, avizinhando-se de um pico de montanha que se perdia entre as nuvens, soube que era ali que se albergava o eremita.

A recepção que o ancião fez á faustosa comitiva não foi affectuosa. Sem se deixar deslumbrar pelas vestes bordadas do Califa, o solitario que ia tomar uma refeição, um pedaço de pão ne-

gro com cebola, perguntou, de modo aspero quem era o ousado que daquella maneira se atrevia a perturbar-lhe o repouso.

— Sou Yezid, filho de Moawiah — respondeu o Califa.

— Então a cousa muda!

E o eremita proseguiu docemente:

— Desculpa-me, meu filho; mas um grão de sal acaba de cahir num dente furado e isto explica o meu máu humor

Pronunciadas estas palavras, Akbar continuou comendo pão e cebola, sem mais se preoccupar com o califa. Era a primeira vez que um de seus subditos se conduzia de maneira tão pouco respeitosa em sua presença. A attitude de Akbar contrastava de tal maneira com o servilismo a que estava habituado o soberano, que, este não pôde deixar de perguntar ao eremita se desconhecia estar tratando com o seu soberano.

Akbar limitou-se a responder com a bocca cheia:

— Moawiah, teu velho pae, numa occasião mandou retirar-se de sua presença a uns emires que se apresentaram vestidos de seda e ouro!

Recordando-se, então, da grande humildade de seu pae, o califa mudou de tom e contou ao eremita o que aquelle lhe dissera antes de morrer assim como a aventura do innocente condemnado á morte, concluindo, por fim:

— Venho aqui para que me ensines a descobrir a verdade, afim de poder ser justo!

— Seja — falou Akbar. Volta a Damasco e dentro de tres mezes reune teu povo e teus magistrados no grande salão do palacio. Que se me apresentem tres casos e por tres vezes farei com que a luz desça ao teu espirito. Agora, vae-te!

Na dia convencionado encontravam-se reunidos no grande salão do palacio de Damasco quatrocentos magistrados sentados em cadeiras de altos espaldares, formando tres filas. No fundo, sobre um estrado, estava Yezid e como o salão, desprovido de portas, dava para um jardim maravilhoso, a multidão, ali reunida, podia tudo ver e ouvir commodamente. De repente ouviram-se rumores, gritos... Era Akbar que vinha montado num cavallo magro e feio. O eremita amarrou a montaria numa arvore do jardim, entrou no salão, sentou-se ao lado do califa e com voz potente e clara mandou que fossem introduzidos no salão o accusado e o accusador da primeira causa. No salão entraram um arabe ricamente vestido e um christão pobre e maltrapilho.

— Qual o que pede justiça? — perguntou Akbar.

— Eu! — respondeu o christão.

— Fala e sê breve!

— Veneravel magistrado, — disse o misero christão — accuso este homem de ter me roubado e enriquecido com meus haveres. Presentemente, elle se pavoneia com roupas sumptuosas, mas quando eu, por desgraça, o conheci, era um vulgar camelleiro chamado Ibrahim e transportava mercadorias de Smirna a Bagdad. Confiei-lhe doze fardos contendo tecidos preciosos e um cofre cheio de perolas e diamantes. Eu devia seguir na caravana, mas uma grave enfermidade deteve-me no caminho. Quando chegou a Bagdad julgou-me morto e vendeu, como se fossem suas, minhas mercadorias. Quando me restabeleci, andei a procural-o e encontrei-o aqui em Damasco a dizer-me que não me conhece e não sabe a quem quero me referir quando reclamo meus bens!

— Aqui está a accusação. Agora, venha a defesa! — disse Akbar dirigindo-se ao arabe.

— Que defesa hei de fazer, sabio magistrado? — disse o arabe com voz doce. Ignoro por completo o que quer dizer este infiel. Não me chamo Ibrahim, mas Ali-ben-Moahmed. Jamais estive em Smirna e nunca em minha vida conduzi um camello, pois para isso tenho meus criados. Na verdade este

christão deve estar louco ou tem a unica intenção de manchar-me a honra.

— Bem, que prova podes apresentar do que dizes? — perguntou Akbar, dirigindo-se de novo ao chritão.

— Não tenho outra senão a minha boa fé.

— Então, vil chacal, retira-te de minha presença! — disse severamente o juiz.

— Apesar de tudo, affirmo...

— Uma palavra mais e ordeno que te enforquem.

O christão quiz explicar-se ainda, mas a multidão, que havia escutado o juiz, começou a manifestar abertamente a opinião acerca do mesmo e taes clamores se fizeram ouvir que o pobre homem, vendo perdido sua causa, começou a derramar lagrimas amargas. Emquanto sua victima chorava, o arabe, acreditando-se já livre, ganhava com passo alegre o fundo da sala. Dispunha-se a entrar no jardim para ir-se embora, quando a voz do juiz de novo se ouviu:

— A proposito, camelleiro...

O arabe voltou-se logo, esquecendo-se de que momentos antes havia declarado que jàmais em sua vida guiara um camello. Esse gesto foi a sua perdição; um instante depois os guardas o seguraram e atiraram-no junto do throno onde Yezid estava sentado. O califa deu-lhe a escolher o castigo: devolver ao christão tudo o que lhe havia tirado e receber cem chibatadas como punição de sua felonia ou ser enforcado immediatamente numa das arvores do jardim.

O falso Ali-ben-Moahmed escolheu as chibatadas.

Foi essa a primeira sentença de Akabar.

Duravam ainda na multidão as manifestações que a perspicacia do juiz dera logar quando foi introduzido no salão um homem accusado de haver commettido um homicidio involutario. Era um pobre operario que, encarregado de fazer certos reparos na torre de uma das numerosas mesquitas de Damasco, perdeu o equilibrio, cahindo de grande altura sobre um transeunte. A essa extraordinaria casualidade devia o operario a vida; mas o infeliz em cima do qual cahira morrera em consequencia do golpe recebido.

A familia do morto pedia que se castigasse o causador da morte do seu chefe de accordo com a lei de talião que então estava em vigor entre os povos orientaes e, segundo a qual, todo prejuizo devia ser reparado na mesma medida do mal causado. Olho por olho e dente por dente. A familia do morto pedia a morte do operario.

— Nada mais facil! — falou Akbar. Ou bem a familia do defunto renuncia perseguir ao matador, uma vez que o damno foi commettido involuntariamente, ou bem se cumpre a lei e autorizamos a qualquer membro da familia accusadora a subir ao logar de onde cahiu o accusado e dali se deixar cahir sobre o operario, o qual se collocará no mesmo sitio em que estava a victima no momento do accidente.

Se algum membro da familia quer, pois, fazer justiça, autorizamol-o a se submetter á prova!

Ninguem se apresentou.

Esta foi a segunda sentença de Akbar.

Immediatamente foi introduzida no salão uma mulher de Alepo. Havia morto o marido com uma machadada, no momento em que este, bruto e de máos instinctos, ia estrangular um filho, joven innocente e de bons costumes.

A mulher confessava o crime mas sustentava que se viu na necessidade de salvar a vida do filho innocente. Ninguem se atrevia a dar sentença num assumpto tão delicado, pois não se podia deixar sem castigo a morte de um esposo, por máo que houvesse sido, embora o malvado tivesse recebido o que bem merecia.

Durante muito tempo o eremita meditou, com o olhar perdido no espaço, como se estivesse mergulhado num sonho...

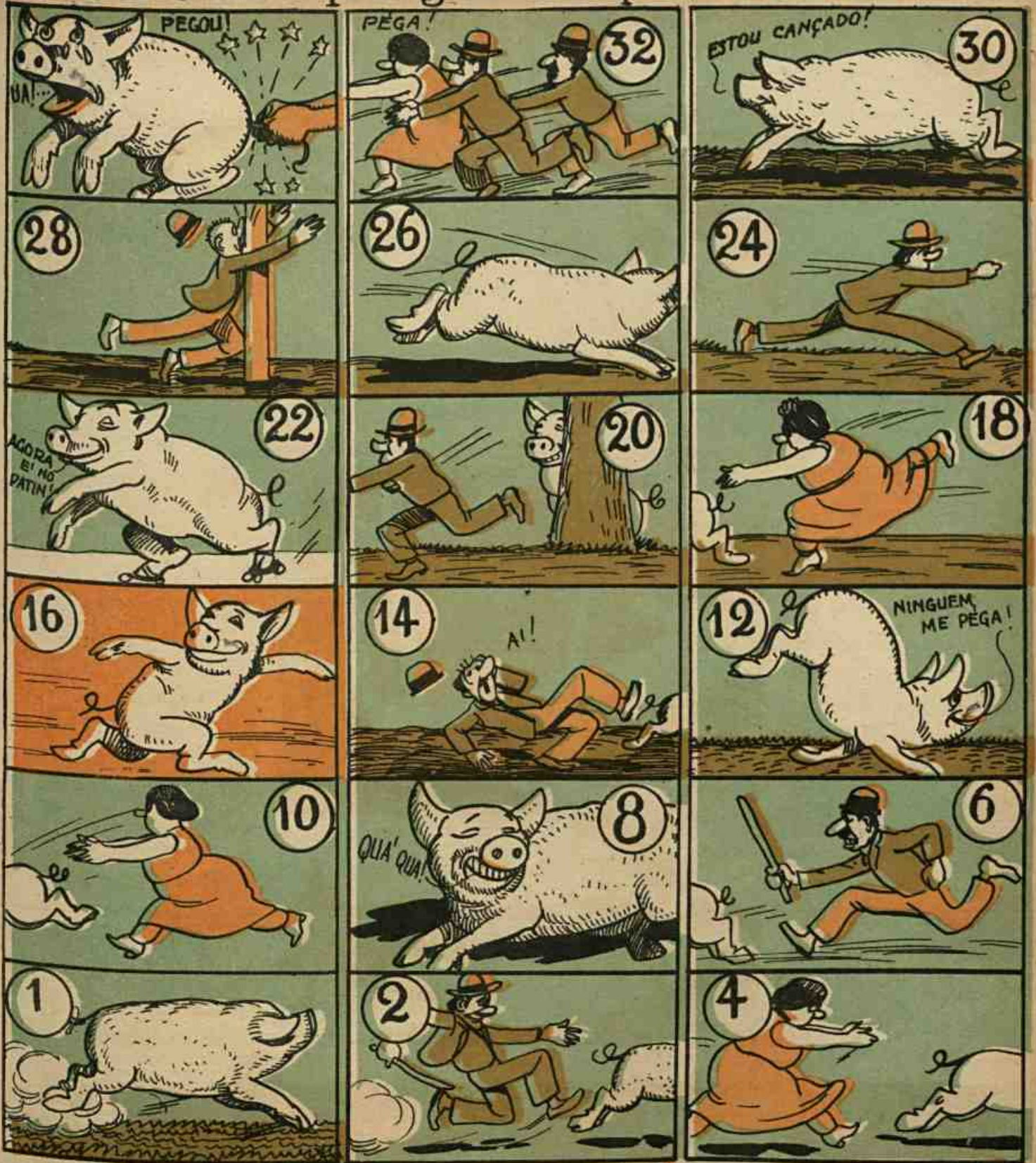
De repente exclamou:

— Mulher, apresenta-te aqui de hoje a cem annos, para seres julgada!

Foi esta a terceira sentença de Akbar.

Quem pega o porco? (JOGO)

RECORTAR E COLLAR ESTAS FIGURAS

JUCA — JOAQUINA — JOAQUINA — GREGORIO — GREGORIO

Jogam 3 parceiros com um dado só.

Só valem os numeros pares. E só avançam com numeros pares.

Por exemplo: Si um parceiro joga de sahida o numero 5, tem que esperar a vez para jogar de novo e poder fazer o numero 2 — 4 — 6.

Si um parceiro estiver no numero 20 e ao jogar o dado fizer numero 5, tem que esperar a vez para marcar um numero par.

E' facil e rapido de jogar.

As figuras a recortar. Juca, Joaquina e Gregorio marcam os pontos nos respectivos logares.

Um pouco do que é nosso

Falarmos de tigres, pantheras, leões e etc., esquecendo do que é nosso, seria pouco amor á nossa terra. Na nossa selva temos uma féra respeitavel: — a onça.

Carniceira, parente proxima do gato e de varios tamanhos, formando tres grupos: suçuaranas, pintadas e negras. São do primeiro grupo as pumas ou cuguar, tambem leão americano (sem o caracter deste), variadas em côres, do vermelho para amarellado tendo algumas, o lombo escuro.

As pintadas, canguçú e canguen-assú (a mais feroz) e finalmente a negra côr de pó de café sobre fundo negro.

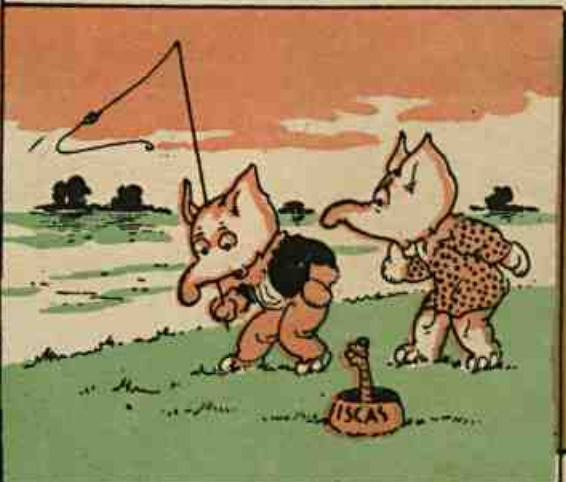
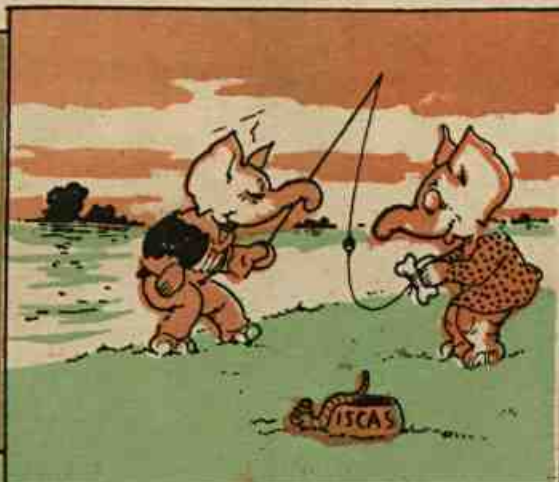
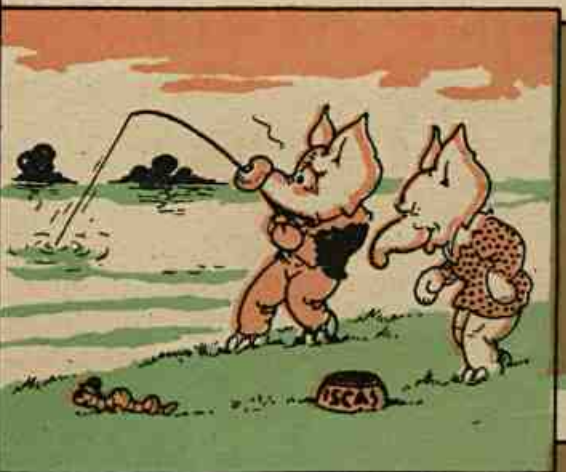
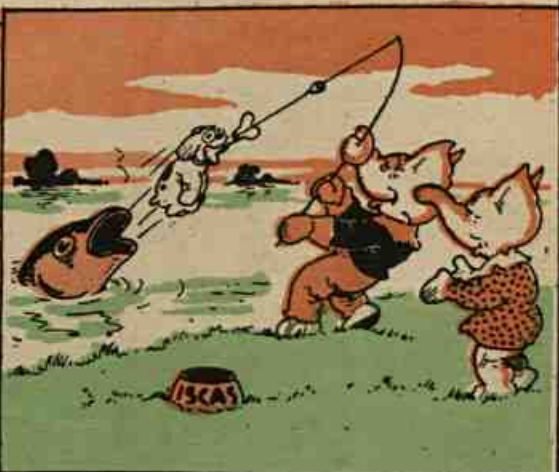
Caçam-n'as os nossos caipiras armados dos seus **pica-paus,** faca á cinta, um polvarinho, chumbo grosso e **uma lasca de fumo para o pito.** Sahem para o matto, com dois cães onceiros, magros e esfolados. Observam daqui e dali até encontrarem o rastro da bicha.

— Vê, cumpadre, a bicha é grande como uma vitella. Vamo callá a bocca a mór de pegá ella na carniça!

Nesse ponto começam os cães á accuar e os caçadores descobrem a onça sobre um pau. E' uma suçuarana. Os caçadores escolhem o ponto para atirar. Antes, porém, prendem os cães para evitar que elles se atirem á onça ferida e sejam por ella estraçalhados. Atiram depois, a onça cahe e os caçadores só della se approximam depois de verificarem que está morta.

Uma bella pescaria

Os irmãos Elephantes estavam na praia pescando, quando um tubarão deu um salto e enguliu *Tótó*, pensando que o cãozinho era uma isca.

Os Elephantes ficaram muito aborrecidos e trataram de descobrir um meio de rehaver *Tótó*, companheiro inseparavel de seus folguedos.

E sahiram pela praia, andando e pensando, até que uma idéa genial lhes veiu á mente. Iriam pescar *Tótó!* E a isca seria um osso!

Não foi difficil para os irmãos Elephantes encontrarem um osso que, amarrado á ponta do anzol, garantiria a victoria da idéa dos pescadores.

Atirado o anzol, ao mar, logo foi agarrado e um dos Elephantes teve de fazer inauditos esforços. E' que o tubarão engulira o osso e este fôra...

... abocanhado por *Tótó* que, dessa fórma, se poude libertar do estomago do voraz peixe que o havia engulido.

Faustina vae á feira

Faustina levantou-se um dia disposta a fazer economias.

Por isso chamou a empregada e resolveu ir fazer as compras na feira.

E, num passo elegante, dirigiu-se á Praça da Bandeira.

Alli comprou tudo quanto precisava de frutos, de verduras, de cereaes.

E, emquanto fazia outras compras, a empregada distrahiu-se e começou a conversar com uma companheira.

Um larapio aproveitou a distracção e substituiu as compras por tijolos.

A empregada, ao voltar, notou que a bolsa de compras estava muito pesada.

Ao chegar em casa, tratou de pôr tudo em cima da mesa.

Mas que logro! As compras não existiam mais. E assim se foram as economias da Faustina.

As feras
Os animaes estavam indignados com a ferocidade humana. — E nós é que somos as féras! falou o tigre. Os homens matam-nos á vontade, e chamam aquella barbaridade, *sport venatorio*.
Assassinam nos campos as pobres avezinhas ou então perseguem os veados ou as raposas. Já são raros os cabritos montezes e as raposas! Precisamos tirar uma desforra, mostrarmos que matamos para...
...comer! disse o leão. — Vae tu, tigre valente, e cobra com usura essa divida ao primeiro *sportsman* que encontrares! E o tigre sahiu á caça do homem. Não faltou quem lhe informasse.
A raposa e o veado, do alto de um rochedo, viram um caçador. O tigre, então, quasi de rasto, sahiu a farejar, cuidadosamente, e o caçador, presentindo-o, tratou de fugir, visto que...
...não podia enfrental-o por lhe faltar munição. Em poucos minutos, sob as garras da féra, morria o homem. Horror! — diriamos todos, a morte de um homem por uma féra. Que poderiam as féras dizer quando um só caçador abatesse muitas féras, muitas avezinhas e outros animaes? Cumpririam o quarto mandamento da lei de Deus?
A. ROCHA.

A GUARDADORA DE PATOS

ERA uma vez uma velha rainha, viuva havia muitos annos, que tinha uma filha muito linda; quando esta menina nasceu prometteram-na logo em casamento ao filho de um rei de um paiz muito distante, de maneira que ao chegar á edade de se casar teve de partir logo para esse reino estranho.

A velha rainha mandou encaixotar alfaias e adornos, ouro, prata, taças e joias, tudo emfim quanto pertence ao dote de uma noiva real, que era de mais a mais ternamente amada por sua mãe.

Deu-lhe tambem uma aia que a devia acompanhar até a entregar ao marido, e a cada uma deu um cavallo para fazerem a viagem. O cavallo da princeza chamava-se *Falador*, porque sabia falar.

Na hora da partida recolheu-se a velha rainha ao seu quarto de dormir e, pegando num canivete, deu um golpe nos dedos, de sorte que deixou cahir sobre um lenço branco tres gottas desse sangue e deu-o á princeza, dizendo-lhe:

— "Querida filha, guarda bem guardadas estas gottas do meu sangue, que te hão de ser necessarias pelo caminho.

E assim se despediram, tristemente, uma da outra.

A filha da rainha meteu o lenço no seio, montou a cavallo e partiu para a terra do noivo, seguida pela aia.

Havia uma hora que cavalgavam, quando ella sentiu uma sede ardentissima e voltou-se para a aia dizendo-lhe:

— "Tenho sede. Apeia-te e tira a agua do ribeiro com o copo de oiro que trouxeste para mim.

— "Pois se tem sede apeie-se e beba de bruços no ribeiro, que eu não estou para ser sua criada.

Então a filha do rei apeou-se, debruçou-se sobre a agua e bebeu. Dessa vez não se serviu do copo de oiro que para ella trouxera a aia. Lamentando-se disse comsigo:

— "Ai, meu Deus!

E as gottas de sangue que tinha no seu seio responderam-lhe:

— "Se a tua mãe soubesse isto despedaçava-se-lhe o coração

Mas a noiva real era subimissa; sem nada dizer tornou a montar e seguiram. Andaram ainda algumas leguas, mas o sol estava ardente e ella tornou a ter sede. Como passavam junto dum rio, disse ainda á sua aia, tendo-se esquecido da má resposta que primeiro tivras: — "Apeia-te e dá-me agua no meu copo de ouro.

Respondeu-lhe ella ainda com mais arrogancia:

— "Se quer beber beba sózinha, que eu não sou sua criada.

A princeza apeou-se e debruçou-se sobre a agua corrente, a chorar, dizendo:

— "Ai, meu Deus!

E as tres gottas de sangue responderam-lhe:

— "Se a tua mãe soubesse despedaçava-se-lhe o coração

Mas como se debruçasse sobre a agua cahiu-lhe do seio o lencinho com sangue e sumiu-se pela agua abaixo, sem que ella désse por isso.

A aia é que viu este desastre e alegrou-se, porque dahi em deante tinha sobre a princeza todo o poder.

Assim, quando ia montar no cavallo Falador, disse-lhe imperiosamente:

— "Esse pertence-me a mim, montarás neste em que eu vinha.

Depois mandou-a despir os seus ricos fatos de princeza real, para os trocar pelos de aia que ella vestia, e por fim ordenou-lhe que jurasse não dizer a ninguem o que se tinha passado se queria viver, pois se não jurasse naquelle mesmo sitio a mataria.

A noiva sujeitara-se a tudo e o Falador prestava a maior attenção ao que se passava.

Feita a troca, cada uma montou no seu novo cavallo e continuaram a caminhar até chegarem ao palacio real, onde tudo estava em festa para a receber. O principe correu ao seu encontro e ajudou a aia a desmontar, cuidando que era a sua noiva.

Conduziram-na pela escadaria principal e entrou no palacio, emquanto a verdadeira filha dos reis ficava no pateo.

O velho rei, que a viu duma janella, notou que era bonita, nova e fina, e foi aos aposentos da futura nora perguntar-lhe quem era aquella menina.

— "E' uma criada que trouxe para me acompanhar durante a viagem, respondeu ella. — Peço o favor de lhe darem serviço para se não tornar ociosa.

O rei não tinha serviço nenhum a dar-lhe, mas porfim lembrou-se de a mandar guardar patos para ajudar

um pequeno chamado Conrado, mas que tratavam por Conradinho, que já não podia só com o serviço. E lá foi a filha do rei, que era a verdadeira noiva do principe, para guardadora de patos.

A aia, que tinha muito medo de que o cavallo Falador viesse a contar o que ella tinha feito, disse para o noivo:

— "Meu querido noivo, desejava pedir-lhe um favor.

— "Da melhor vontade lho farei.

— "Então dê ordem ao algoz para cortar a cabeça ao meu cavallo, que muito me fez arreliar durante a viagem.

O principe deu immediatamente ordem para que tal se fizesse e a noticia espalhou-se: — de que ia ser morto o cavallo da noiva real.

Quando isto chegou aos ouvidos da verdadeira princeza, foi esta em segredo falar com o algoz e prometteu-lhe uma peça de oiro se lhe quizesse fazer um pequeno serviço: que era mandar pregar a cabeça de Falador na porta pela qual passava todas as manhãs e de noite quando recolhia do campo, pois queria ver ainda algumas vezes o seu fiel amigo.

O algoz assim fez, e no outro dia quando ella e Conrado passaram com os patos por baixo do escuro portal, disse para a cabeça:

— "Cabeça de Falador
"Que ahi estás dependurada!...

E a cabeça respondeu-lhe:

"Ai minha joven rainha
"Que ahi vaes tão desgraçada!

"Se a tua mãe soubesse
"De tão triste condição,
"De tanto chorar, decerto
"Partiria o coração!...

E a princeza continuou socegadamente o seu caminho para o campo, seguida por Conrado e pelos gansos.

Quando chegou ao campo assentou-se e soltou os lindos cabellos, que pareciam de fino oiro, para se pentear. Conrado, que nunca vira coisa tão bella, queria arrancar-lhe alguns, mas a princesa pôz-se a dizer em voz alta:

"Sopra, sopra, vento leve
"Rouba o chapéo de Conrado,
"Fal-o correr atraz delle
"Até eu me ter penteado.
"Meu cabello quero entrançar,
"Enfeitar
"E tornar a pregar.

Então levantou-se um vento forte que arrebatou o chapéu do moço, que não teve mais remedio senão correr atraz delle para o apanhar.

Quando voltou já a princeza estava penteada e prompta, de modo que não lhe poude apanhar nenhum cabello. Zangou-se muito e não lhe falou durante todo dia.

Na manhã seguinte tornaram a passar pelo portão escuro e tornou a princeza a dizer:

— "Cabeça de Falador,
"Que ahi estás dependurada!

Ella respondeu:

—"Ai minha joven rainha
"Que ahi vaes tão desgraçada!

"Se a tua mãe soubesse
"De tão triste condição,
"De tanto chorar, decerto
"Partiria o coração!...

E logo que chegaram ao campo tornou a assentar-se e a espalhar o cabello para se pentear. Como o Conrado quiz arrancar-lhe alguns, disse muito depressa:

"Sopra, sopra, vento leve,
"Rouba o chapéu de Conrado
"Fal-o correr atraz delle
"Até me eu ter penteado.
"Meu cabello quero entrancar
"Enfeitar
"E tornar a pregar.

Levantou-se immediatamente um ventinho rijo que levou o chapéu do rapaz, e elle não teve remedio senão deixar os cabellos da princeza, e correr para o apanhar. Quando voltou já estava ella penteada e prompta de maneira que elle não apanhou nem um fio dos seus lindos cabellos de oiro.

Zangou-se muito com ella e assim guardaram os patos até á noite sem dizer nada.

Quando chegou ao palacio foi ter com o velho rei e disse-lhe: — "Senhor, eu não quero mais ir guardar os patos com aquella rapariga.

— "Então por quê? — interrogou o velho rei.

— "Porque todos os dias me faz zangar.

O rei ordenou-lhe que dissesse o que se passava e então Conrado contou:

— "De manhã, quando vamos com os patos para o lenteiro, passamos pelo portão escuro e ella diz assim para a cabeça do cavallo que lá puzeram:

"Cabeça de Falador
"Que ahi estás dependurado!

E de cima a cabeça responde-lhe:

"Ai minha joven rainha,
"Que ahi vais tão desgraçada!

"Se a tua mãe soubesse
"De tão triste condição,
"De tanto chorar, decerto
"Partiria o coração!

Depois, quando chegamos ao campo, assenta-se e espalha os cabellos, que parecem de oiro, e, como quero apanhar-lhe alguns, começa a chamar o vento que me leva o chapéu.

— "Pois amanhã ainda has de ir com ella para o campo, para eu ver o que se passa.

Logo de madrugada foi o velho rei esconder-se no portal escuro para saber a verdade e quando elles passaram com o rebanho dos patos ouvu a princeza falar para a cabeça do cavallo e ella de lá responder-lhe como tinha dito o pastor.

Depois seguiu-os para o campo e, escondido atraz duma moita, viu a princeza espalhar os cabellos que brilhavam como oiro e viu como o pastor lhos queria apanhar e ouviu-a dizer logo:

"Sopra, sopra, vento leve,
"Rouba o chapéo de Conrado,
"Fal-o correr atraz delle
"Até me eu ter penteado.
"Meu cabello quero entrançar,
"Enfeitar
"E tornar a pregar.

Viu que se levantou um vento forte que levou o chapéo do rapaz e este correr muito para o apanhar, emquanto a menina socegadamente se penteava e arranjava.

O rei foi-se embora e á noite chamou a princeza de parte para lhe perguntar o que queria dizer tudo aquillo. — "Isso é que eu não posso dizer — respondeu ella, — nem a vossa magestade nem a ninguem posso contar as minhas magoas, porque assim o jurei para me não tirarem a vida. E por mais que o rei insistisse não conseguiu tirar nada della, até que por fim lhe disse:

— "Pois então, visto que não me queres confiar o teu segredo, desabafa a tua dôr ali para aquelle fogão de ferro.

Foi embora e deixou-a. A princeza metteu-se então dentro da chaminé e começou a lamentar-se e a chorar, dizendo:

— "Aqui estou sózinha, abandonada de todo o mundo, sendo filha de rei e de rainha! A aia que minha mãe me deu para me acompanhar atraiçoou-me, roubou-me as ricas vestes de rainha e o meu cavallo Falador. Tomou o meu logar junto do meu noivo real e obrigou-me a faser os mais ordinarios serviços. Ella é uma princeza e eu guardadora de patos. Se a minha mãe soubesse disto despedaçava-se-lhe o coração!...

O velho rei ouviu tudo, porque tinha ficado junto do cano do fogão, e, conhecendo a verdade, entrou outra vez no quarto, mandou-a vestir com ricas vestes reaes, e tão linda era que só parecia um milagre de Deus. Depois chamou o filho e declarou-lhe que a sua noiva era falsa, pois não passava duma aia que tinha enganado a sua senhora. Que a verdadeira princeza era aquella que estava a guardar os patos com o pequeno Conradinho.

O principe ficou muito satisfeito, pois nunca vira tanta belleza e virtude juntas.

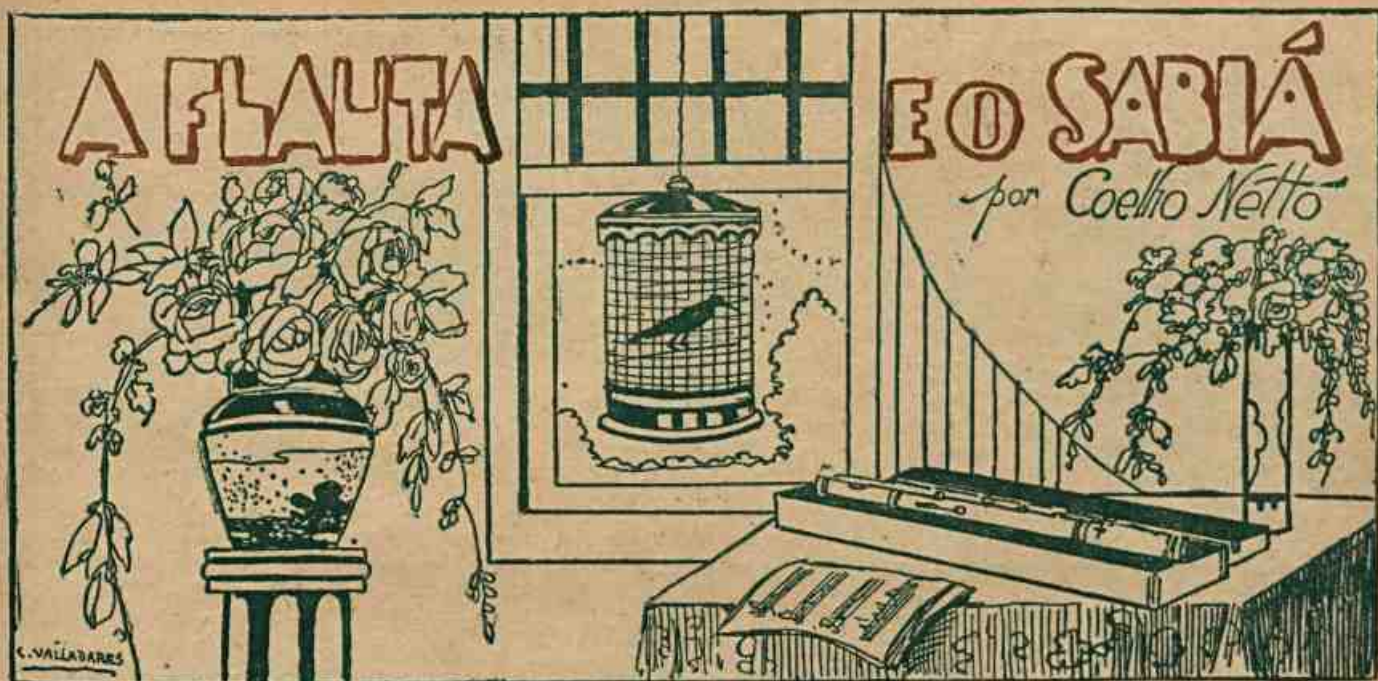
Mandaram fazer um grande banquete para o qual foram convidados todos os cortezãos e principaes do reino. A' cabeceira estava o noivo tendo dum lado a princeza verdadeira e do outro a falsa. Mas a aia estava tão cega pelo orgulho que nem reconheceu a sua antiga ama, que julgava ainda na humilde posição de guardadora de patos. Ao fim do jantar, quando todos estavam mais satisfeitos, perguntou o velho rei á aia: — "Que merecia a pessoa que tivesse enganado outra que lhe fosse confiada?...

E foi contando toda a historia da princeza.

—"Merecia—respondeu ella — que a despissem primeiro e depois a mettessem dentro duma pipa cravejada de pregos, e dois cavallos brancos a puxal-a de rua em rua até morrer.

— "Pois então — disse o rei — déste a tua sentença; assim has de morrer já que tanto mal fizeste á tua ama.

Depois o principe casou com a verdadeira noiva e governaram o seu reino em paz e felidade

ANNA DE CASTRO OSORIO

EM rico estojo de velludo, pousada sobre uma mesa de xarão, jazia uma flauta de prata.

Justamente por cima da mesa, numa riquissima gaiola, suspensa do tecto, morava um sabiá.

Estando a sala em silencio e descendo um raio de sol sobre a gaiola, eis que o sabiá, contente, modúla uma volata.

Logo a flauta escarninha põe-se a casquinar no estojo, como a zombar do módulo cantor silvestre.

— De que te ris? — indaga o passaro. E a flauta, em resposta:

— Ora esta! Pois tens coragem de lançar taes guinchos deante de mim?

— E tu quem és? ainda que mal pergunte.

— Quem sou! Bem se vê que és um selvagem. Sou a flauta. Meu inventor, Marsyas, lutou com Apollo e venceu-o, por isso o deus, despeitado, immolou-o. Lê os classicos.

— Muito prazer em conhecer... Eu sou um misero sabiá da matta. Pobre de mim! fui creado por Deus muito antes das invenções. Mas deixemos o que lá foi. Dize-me: que fazes tu?

— Eu canto.

— O officio rende pouco. Eu que o diga, que não faço outra coisa. Deixarei, todavia, de cantar — e antes nunca houvesse aberto o bico porque, talvez, sendo mudo, me não houvessem escravizado — se, ouvindo a tua voz, convencer-me de que és superior a mim. Canta! Que eu aprecie o teu gorgeio e farei como fôr de justiça.

— Que eu cante...?!

— Pois não te parece justo o meu pedido?

— Eu canto para regalo dos reis nos paços, a minha voz acompanha os hymnos sagrados nas igrejas. Ao rythmo dos meus delicados trillos bailam as damas, guiam-se as endeixas das serenatas de amor, ao luar. O meu canto é a harmoniosa inspiração dos genios ou a rhapsodia sentimental do povo.

— Pois venha de lá esse primor. Aqui estou para ouvil-o e para proclamar-te, sem inveja, a rainha do canto.

— Isso agora não é possivel.

— Não é possivel! Por que?

— Não está cá o artista.

— Que artista?

— O meu senhor, de cujos labios sahe o sopro que transformo em melodia. Sem elle nada posso fazer.

— Ah! é assim...?

— Pois como ha de ser?

— Então, minha amiga — modestia á parte — vivam os sabiás! Vivam os sabiás e todos os passaros dos bosques, que cantam quando lhes apraz, tirando do proprio peito o alento com que fazem a melodia.

Assim, da tua vangloria ha muitos que se ufanam. Nada valem se os não soccorre o favor de alguem; não se movem se os não amparam, não cantam se lhes não dão sopro, não sobem se os não empurram.

O sabiá vôa e canta — vae á altura porque tem azas, gorgeia porque tem voz. E succede sempre serem os que vivem do prestigio alheio os que mais allegam triumphos.

Flautas... Flautas... Cantas nos paços e nas cathedraes... Pois vem d'ahi a um duello commigo.

E, ironicamente, a toda a voz, pozsa o sabiá a cantar e a flauta de prata no estojo de velludo... moita! Faltava-lhe o sopro.

O DINHEIRO MARAVILHOSO

Apesar da humanidade sentir que o dinheiro é um dos elementos preponderantes na vida, prodigalizando a maioria das cousas, proporcionando, mesmo, um conjunto de sensações agradaveis de conforto e bem estar, não deixa entretanto de reconhecer, que, muitas vezes, elle é o vil metal, a vil moeda que corrompe, destóe, aniquilla sentimentos bons ainda vacillantes, e caracteres indefinidos, produzindo avarentos e egoistas; philosophos e commodistas — e desta grande massa rica de bens materiaes o mundo está cheio, e por isto, chegam tão alto aos nossos ouvidos, os gemidos e o pranto daquelles que nada têm — mas, ao lado desta moeda tão mal comprehendida, surge o dinheiro maravilhoso, o dinheiro da viuva que o doce Rabbi da Galiléa representou com tanta sublimidade naquella mulher pauperrima, que deu de esmola o que talvez lhe ia fazer falta no proprio lar — o dinheiro da viuva.

Ha tambem o dinheiro maravilhoso daquelles que abastados o offertam aos Hospitaes onde os pobrezinhos descansam o corpo febril e torturado pela fome; aos orphanatos, onde ás creancinhas que não têm um paezinho e uma mãezinha queridos, sentem entretanto o coraçãozinho aquecido pela fragancia das almas boas, e emfim, aos Asylos dos Velhinhos, onde as cabecinhas de neve repousam das grandes lutas que passaram, e vivem da saudade de suas recordações! Eis o dinheiro maravilhoso, aquelle, que faz felizes os que não são, ou os que não foram!

Agora conto-vos a historia do homem rico.

— Um dia, um millionario quiz viajar pelo mundo afóra, e encheu bem seus alforges, de dinheiro e joias. Pela estrada poeirenta e deserta que conduzia a uma das grandes cidades que elle tencionava visitar, deparou com um pobre homem tiritando de frio e que, ao ouvir a approximação de um cavalleiro, levantara e quasi se prostrara de joelhos pedindo-lhe uma esmola. O homem rico olhou-o indifferentemente e augmentando o trotar do animal, proseguiu o seu caminho, garboso, envolto numa admiravel capa de pelles, que o agasalhava da temperatura, que baixara horrivelmente naquelles ultimos dias.

Mais adiante, porém, como se fosse um pesadello, eis que elle se sente atirado do dorso do animal ao sólo, e immediatamente despojado do dinheiro e dos objectos de valor que levava, perdendo os sentidos.

Qual não foi, porém, a sua surpresa ao abrir os olhos, defrontando com o mendigo que elle encontrara horas antes! Vinha tanta doçura daquelle olhar para o seu olhar.

E apesar de tão emmagrecido e esfarrapado, era tão sympathica a sua physionomia, que o ricaço ousou perguntar-lhe o que acontecera.

— "Fostes roubado, senhor", e eu, que ainda de longe tudo presenciei apressei-me em vir, embora que difficilmente, pois o frio enregela-me as pernas, soccorrer-vos, e prestar-vos todo o meu auxilio — e, com a pouca agua que eu tinha, consegui reanimar-vos".

— Quanto desprendimento e quanta generosidade! — O homem rico envergonhou-se — elle que havia passado tão pretenciosamente perto daquelle ser transido de frio a quem não se dignara a olhar, e agora esta mesma criatura a lhe retribuir arrastando-se penosamente, corajosamente, para auxilial-o, sem interesse e sem resentimento!?

— Ah! Com que gratidão e arrependimento elle estendeu a mão ao mendigo?! E como foram ambos agasalhados sob a mesma capa, que ficara, unidos na mesma sorte, pela estrada deserta, até alcançarem a grande cidade. — Então, o millionario comprehendeu que o seu dinheiro guardado avaramente era um peccado: que o dinheiro gasto exclusivamente com a sua pessoa era um crime; e dahi por diante elle foi o melhor amigo do mendigo da estrada, e de todos aquelles que necessitavam de auxilio e protecção. E aquelle vil metal — aquella vil moeda — transformaram-se pela caridade no dinheiro Maravilhoso!

MRS. MERVYN

O FILHO ENCONTRADO

Parando aqui e acolá,
Um pequeno ciganinho
Fazia dansar na rua
Um esperto macaquinho.

E o pobre simio se punha
A imitar um dansarino,
Sob o som do realejo
Tocado pelo menino.

E, depois de ter dansado,
Elle pedia a esmolinha,
Segurando firmemente
Numa velha bandejinha.

Toda gente admirava
Do ciganinho a belleza
E a sua pelle, tão fina,
Igual a de uma princeza.

Lá, no palacio real,
Quasi sempre o ciganinho
Parava para fazer
Dansar o seu macaquinho.

E uma linda princezinha
Vinha espiar do portão
O ciganinho tão lindo
Para lhe dar um tostão.

O rei não gostava muito
Que a filha fosse escutar
O cigano maltrapilho
Lá no portão do seu lar.

Numa tarde de esplendor
O pobre pequeno andejo
Appareceu no palacio
Tocando o seu realejo.

Mas desta vez o cigano
Chegara tristonho e mudo...
Tinha perdido o macaco
Que na vida lhe era tudo!

Quando a princezinha viu
O ciganinho a chorar,
Pegou-lhe pelas mãozinhas
E o fez no palacio entrar.

Quando o rei viu no palacio
Aquelle cigano immundo,
Pegou-lhe pela camisa
Como um louco furibundo.

E a camisa que era velha
Com a força então se rompeu
E no peito do cigano
Um signal appareceu.

Quando o rei viu o signal
No peito do desgraçado,
Soltou um grito de dôr
E cahiu desacordado.

Reconhecera depressa
No cigano maltrapilho,
No tocador de realejo,
O seu adorado filho!

HORACIO DE SOUZA COUTINHO

A lenda de Santa Dorothéa

Havia em Cesaréa, cidade da provincia de Cappadocia, uma virgem chamada Dorothéa, filha de nobre familia, a qual vivia em grande pureza de costumes, empregando todo seu tempo em jejuns e orações. Ora em Cesaréa governava por esse tempo um certo Sapriccio, grande perseguidor de christãos, o qual sabendo o caso da piedosa virgem mandou chamal-a á sua presença e perguntou como se chamava.

— Chamo-me Dorothéa — respondeu a virgem sem o menor signal de temor.

— Mandei chamar-te — continuou Sapriccio, afim de que sacrifiques aos nossos deuses, segundo rezam os editos do imperador.

A virgem, calma e segura de si respondeu sem vacillar:

— O Deus que está nos céos ordena-me que o adore e sirva a elle; devo, pois, obedecer-lhe, e não fazer o que me manda o imperador, que é creatura mortal como o resto dos homens.

— Bem vejo — tornou o perseguidor — a pertinacia e firmeza do teu coração em adorar os teus deuses, como o fazem todos os christãos. Aconselho-te, porém, que abjures essa religião e sacrifiques aos nossos idolos se queres evitar os tormentos que te esperam.

Dorothéa, fitando-o frente a frente, respondeu-lhe:

— Os tormentos de que me ameaças são ephemeros e temporarios; os do inferno pelo contrario são eternos. Ah! Sapriccio, apressa o que tens a fazer, afim de que eu contemple em breve a face d'Aquelle por cujo amor affronto os tormentos e a morte!

— E quem é esse que esperas ver em breve? — perguntou o tyranno.

— Christo, Filho de Deus — respondeu Dorothéa.

— E onde está elle? tornou Sapriccio.

— Como Poder, está em toda a parte; está, tambem, como pessoa da Santissima Trindade, sentado á direita de Deus Padre Omnipotente, no céo, a celestial mansão, onde a primavera é eterna, onde perpetua é a belleza dos lyrios e das rosas e onde os santos e os martyres gosam as delicias da eterna Bemaventurança.

Vendo o perseguidor que não poderia nunca vencer aquelle firme e altivo coração decretou pela seguinte fórma:

"A Dorothéa, soberbissima virgem, a qual se recusa obstinadamente a sacrificar aos nossos deuses, preferindo a morte, decreto e ordeno que se lhe corte a cabeça".

Ao ouvir tal sentença Dorothéa, na exaltação sublime do sacrificio, exclamou:

— Graças te rendo, meu senhor Jesus Christo, já que te dignaste ouvir tua serva e pela corôa de martyrio conceder-me, como o fazer, o galardão sem par da vida celestial!

Ao sahir do palacio do tyranno, para ser conduzida ao martyrio, um certo juiz por nome Theóphilo, que assistira ao interrogatorio e processo da virgem, disse-lhe em tom de escarneo:

— Então, Dorothéa, sempre é verdade que vaes ao paraiso ver teu esposo; ao paraiso onde, segundo affirmas, a primavera é eterna, florida de eternas flores e frutos? Muito bem!... Não te esqueças, então, de enviar-nos algumas rosas e pomos desse inegualavel jardim...

— Não esquecerei teu pedido — respondeu a virgem.

E então, Theophilo, recrudesceu de escarneo e de mofa.

E, chegados que foram ao logar do martyrio, Dorothéa pediu ao algoz que lhe concedesse alguns minutos para fazer suas orações. O algoz concedeu-lhe o que pedia e a virgem, então, muito devotadamente orou pedindo ao Senhor Jesus Christo não só que a tivesse em sua santa guarda, como tambem operasse o milagre das flores e dos frutos que ella promettera a Theophilo.

E finda que foi a oração, eis que apparece de repente um anjo do Senhor, em fórma de um menino, offerecendo-lhe em nome de Jesus Christo tres preciosas e lindissimas rosas e tres pomos de maravilhosa belleza.

Dorothéa, rendeu graças a Deus, pedindo depois ao menino que de sua parte as fosse levar a Theophilo, dizendo:

"Eis as rosas e os pomos que Dorothéa te prometteu enviar do Paraiso. São poucos, como vês. Se, no emtanto, desejares mais, pensa em tua alma e faz como fez Dorothéa, dando com jubilo a vida pela confissão da sua fé".

O menino, ouvidas estas palavras da santa virgem desappareceu. Então a Martyr dobrou o collo sobre o cepo e foi decapitada.

No emtanto, Theophilo, num grupo de amigos, escarnecendo da virgem e de sua promessa, dizia:

— Acabo de ouvir uma curiosa historia; e é que indo hoje ao martyrio a christã Dorothéa, prometteu-me ella enviar-me do paraizo algumas rosas e pomos...

E sobre estas palavras todos os do grupo começaram a zombar e a galhofar cada qual dizendo as mais sacrilegas coisas sobre a ardente e sublime fé dos martyres christãos.

Nisto, porém, surgiu-lhes pela frente o menino, que era um anjo do Senhor, trazendo as flores e os frutos de que falamos.

— A bemdita virgem Dorothéa — disse elle a Theophilo e a seus companheiros — manda-te do Paraiso estas flores e estes frutos de belleza e de sabor eterno. E manda-te dizer, ainda, que se os achares poucos, faz como ella fez e vae como ella ao jardim onde ella habita agora".

Com seus sete annos, Rosita
E' casta rosa em botão,
E não sómente bonita,
Mas faceira, mas catita
Com uma aurora em cada mão.

Certa noite, noite bella,
Estrellada e sem luar,
Ao canto de uma janella,
Olhando a infinita umbella
Põe-se á mãe a perguntar:

"Mamãe, que estrella formosa
E' aquella, a brilhar no céo?
Que coisa maravilhosa!"
E a mãe, terna e carinhosa:
"Talvez seja a alma do Léo..."

"A alma do Léo, meus amores,
Do Léo do meu coração,
Que eu vi, transida de dores,
Todo coberto de flores
Num pequenino caixão?"

E com os olhos em brasas
De um estranho fogaréo:
"Mamãe! põe-me duas azas!
Quero voar sobre as casas,
Ver e beijar o meu Léo!"

A mãe, com suave quebranto
De voz, assim retrucou:
"Morto o Léo, eu chorei tanto,
Tanto, tanto, que o meu pranto
No céo se crystalizou,

E fez-se a estrella nevada,
A linda estrella que vês
Lá no céo, filha adorada,
E que ha de ser a morada,
Junto de Deus, de nós tres...

Olhando o céo, que se arqueia,
Rosita suspira e diz:
"Léo querido, esta alma anseia,
De amor e saudade cheia,
Viver comtigo, feliz,

Na linda estrella brilhante
Que fulge por sobre nós,
E a teu lado, instante a instante,
Numa alegria incessante,
Beijar-te, ouvindo-te a voz!"

E mãe, viuva, parece
Uma santa, — que as mãos têm
Postas em ardente prece:
Pela filha, que adormece,
E o filho, que dorme além...

— Lulú, disse a Zizi, sabes que só falta uma semana para o dia de Natal? Precisamos pedir ao Papae do Céo os nossos brinquedos.

— Não tens medo, Zizi, que elle se atrapalhe e traga para nós algum brinquedo que outra creança pediu?

— Oh! Lulú, como pódes dizer isso de Papae do Céo?

— Não acho que elle faz por mal, Zizi; mas quem me disse que elle se atrapalhava muitas vezes com os brinquedos foi o Jorge. Contou-me que no anno passado elle pediu uma bicycleta e ganhou um velocipede.

— Quem sabe, Lulú, se Papae do Céo não teve medo que elle cahisse da bicycleta e por isso lhe deu o velocipede? Elle é ainda tão pequeno!

— Mas, elle contou-me tambem que o Luiz pediu um trem de ferro de corda e ganhou um livro de historias e uma carrocinha. Mas talvez não seja elle que se atrapalhe, mas sim o Papá Noel quando vem com o seu sacco entregar os brinquedos, disse a Lulú.

— Eu queria ganhar uma boneca grande e uma loucinha de chá, e tu, Lulú?

— Eu queria dois autopés, disse a Lulú.

— Dois? Com certeza Papae do Céo não dá dois brinquedos iguaes á mesma pessoa. Mas, por que queres dois autopés?

— E' para quando o Jorge ou o Luiz vierem cá andarem nelle. Já sei que mamãe diz logo: "Lulú, precisas ser uma boa menina e emprestares o teu brinquedo ao teu primo". Assim já tenho um guardado para elle, não preciso dar o meu. Mas achas, mesmo, que elle não dá dois brinquedos iguaes?

— Acho que sim, disse Zizi.

— Já sei como vou arranjar as coisas, disse a Lulú, depois de reflectir algum tempo. Peço um autopé e uma loucinha e tu o outro e a boneca. Depois trocaremos.

— Mas Lulú, é feio enganar Papae do Céo, elle é capaz de ficar zangado e não nos dar mais nada. Acho melhor irmos perguntar a mamãe.

E as duas gemeazinhas Luiza e Luzia correram para a mãe, que estava junto á sua secretaria escrevendo.

— Sim, Zizi tem razão, disse a mãe, depois de ouvir attentamente as suas duas pequenitas. Papae do Céo nunca mandaria dois autopés para ti, nem o poderias enganar pedindo em nome da tua irmã. Elle tudo vê e tudo ouve. Elle não gosta de meninas egoistas que não emprestam de boa vontade os seus brinquedos aos amiguinhos.

— Então mamãe escreve uma carta a Papae do Céo para elle não deixar o Papá Noel trocar os nossos brinquedos, como trocou o anno passado os de Jorge e do Luiz. Escreve a elle que eu quero um autopé e um pião e a Zizi uma boneca e uma loucinha.

M. DALKEN

ANACAHYRA

Dos seus cabellos doirados,
tinha inveja o flammeo sol!
A rosea côr do arrebol,
a alvura da madrugada,
contemplavam, invejosas,
o seu rostinho de neve,
a sua face rosada.

As estrellas mais formosas,
desmaiavam quando viam
os dois pequeninos astros
que nos seus olhos fulgiam.

As aves, quando escutavam
a sua voz crystallina,
vinham poisar junto della,
pelo prazer de escutal-a.
E emmudeciam pensando:
— Quem dera que fossem nossos
os trenos da sua fala!

Tanta bondade envolvia
su'alma e seu coração:
era tão meiga, tão santa,
que achou a Virgem Maria
uma impiedade deixal-a
em meio do mundo acréo.

E, com certeza, a seu mando,
o anjo da morte, um dia
arrancou-a dos meus braços
e levou-a para o céo...

LILINHA FERNANDES

NATAL TRISTE

A' querida sobrinha Laura Quintal Motta

Natal tão triste, Alice
Teve.
E quem a visse
Muito branca, de neve,
A garrular com sua velha avó
Com quem vivia só,
Triste ficava.

A todo o instante
Anciosa perguntava
Se a hora era chegada de dormir,
De olhar faiscante
O céo fitava
Para vêr se baixava,
Quando devia vir
Papae Noel,
Montado num corcel
Feito de nuvens, Barbas muito brancas,
Como o cabello da velha avózinha;
Em toda casa ia abrindo as trancas
Levando á creancinha
Que fôra aquelle anno
Boa p'ra os seus, muito brinquedo, doces...
Mas, sómente p'ra aquella
Que p'ra mamã, p'ra o mano,
Fosse bondosa, fosse
Meiga. Ella,
Mamãe não tinha e nem papae. Sómente
A avó que a idolatrava,
Era a sua companheira. Estava
Sciente
Que o bom papá Noel
Traria ao seu sapato
Já tão velhinho, cousas que de facto
Quizera ter: muitos brinquedos, balas
Uma boneca linda
Envolta num finissimo papel
Numa caixa, que um dia
Vira numa vitrine... e que sorria
Para ella implorando á linda Alice
Que a levasse dali, pois que teria infinda
Meiguice
Para a nova mamã.

.. ..

Mal rompeu a manhã,
De seu modesto leito
Ella saltou ligeira e, nada!
Estaria enganada?
Ou não era o Natal?...
Nenhum brinquedo e nenhum só confeito.
Correu á avó: — Vovó,
O que eu fiz, de mal
P'ra que papá Noel não désse um só
Doce p'ra mim?
— Nada, meu anjo, elle se esqueceu.
— Elle ninguem esquece...
Emfim
Parece
Que eu
Alguma cousa fiz... Em pranto cahe
No collo da vóvó, pobre velhinha,
Que então num longo ai
A' netinha
De lagrimas e beijos mil cobriu.

Nenhum vintem tivera
Para comprar uma balinha só
E a pobre da vóvó
— O inverno se aquecendo á primavera
Disse
A' sua linda Alice:
— P'ra o anno
Eu vou escrever
Para papá Noel que não seja tyranno
E não vá te esquecer.

HUMOT

As estações do anno

A Terra, girando, como vocês sabem, em torno do Sol, toma em relação a este differentes posições e por isso experimenta variações de temperatura, que constituem as estações do anno.

Como este movimento de translação da Terra se completa no decurso de um anno, durante o qual esta toma quatro posições especiaes, divide-se o anno em quatro estações, que são: — Primavera, Verão, Outono e Inverno.

Si o Sol se achasse sempre sobre o equador, isto é, si a Terra em seu movimento annual não tomasse differentes posições em relação ao Sol, aconteceria que só teriamos uma unica estação. Mas, como o Sol parece se achar ora no mesmo plano do equador, ora parece que se dirige para o hemispherio do norte até ao tropico de Cancer e d'ahi voltar para o equador, e ora parece que vae do equador para o hemispherio do sul até ao tropico de Capricornio, d'onde volta novamente para o equador: acontece que as diversas partes da Terra não são igualmente aquecidas pelo Sol.

A 21 de Março de cada anno o Sol está no equinoxio, isto é, no ponto em que a ecliptica corta o equador; d'esse dia em diante elle se dirige para o hemispherio do norte até que chega ao solsticio, em 21 de Junho, dia em que elle tem attingido ao tropico de Cancer; é a **Primavera,** n'esse hemispherio.

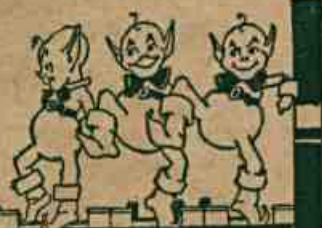
De 21 de Junho, o sol se dirige novamente para o equador, onde chega 22 de Setembro Durante esses tres mezes o hemispherio do norte tem recebido grande quantidade de calor: é o **Verão,** estação quente.

De 22 de Setembro, dia do outro equinoxio, o Sol se dirige então para o hemispherio do Sul até chegar ao tropico de Capricornio: é o **Outomno** para o hemispherio do norte e a **Primavera** para o nosso hemispherio.

De 21 de Dezembro o Sol torna a se dirigir para o equador, onde chega a 21 de Março, dia do primeiro equinoxio; durante esses tres mezes o hemispherio do norte, que tem recebido poucos raios solares, se acha frio: é o **Inverno** para elle; mas, como o nosso hemispherio tem recebido grande somma de raios solares, se acha bastante aquecido, nós temos o **Verão.**

Cada estação do anno dura tres mezes.

As estações são oppostas nos dois hemispherios; quando nós, americanos do Sul, temos o verão, os americanos do norte e os europeus tem o inverno e vice-versa.

Os povos que habitam as regiões que se acham debaixo da linha equinoxial têm sempre os dias iguaes ás noites em duração. Para todos as outras regiões da terra são as noites e os dias desiguaes. Nas zonas glaciaes ha dias e noites maximos que podem ir de 24 horas a seis mezes, conforme a approximação dos pólos.

Em um grande paiz, terra de nobres
e palacios antigos,
mas tambem onde havia,
pelas longas estradas,
choças esburacadas
e nas ruas centenas de mendigos;
numa praça onde apenas habitava
gente de alta linhagem,
parou á porta de feudal palacio,
soberba carroagem.
E um misero aleijado
que proximo se via,
a um nobre cavalheiro,
que do carro descia,
mandou o filho estender a mão franzina
e uma esmola implorar.
Mas, a voz do menino,
finge o grande senhor não escutar...

. . . .

Na noite desse dia
na choça escura e fria
o mendigo feliz, o pae afortunado
soluça de emoção
escutando o menino murmurar
em meio da oração:

— Deus de misericordia e de esperança!
perdoae o mesquinho
que hoje não teve pena do aleijado,
nem teve compaixão de uma criança.

L I L I N H A F E R N A N D E S

UM PASSEIO INESPERADO

(HISTORIA MUDA)

MAMMIFEROS PROBOSCIDEOS

O elephante actual, tendente a desapparecer, é o unico genero vivo da numerosa familia de proboscideos (providos de tromba) que existiu ha muitas centenas e milhares de seculos.

Dos generos extinctos, que se têm revelado aos sabios pelas excavações scientificas, destacam-se: o dinotherio, o mastodonte, a tetrabelodon e o mamuth.

O dinotherio, do qual havia exemplares gigantescos, viveu no periodo terciario da Terra; foi contemporaneo dos primeiros macacos. O dinotherio possuia de 3 a 3 e meio metros de altura, e duas enormes presas no maxillar inferior que se dirigiam para baixo.

O mastodonte viveu nos periodos terciario e quaternario, em quasi todas as regiões do nosso globo; tinha de altura uns 3 metros, e duas ou quatro enormes presas, sendo as do maxillar superior muito curvas ou enroscadas.

O tetrabelodon era dotado de 4 enormes presas, e existiu no tempo do dinotherio.

O mamuth era coberto de longos pellos, viveu na Europa e na Asia no periodo quaternario, isto é, foi contemporaneo dos primeiros homens. Do maxillar superior sahiam-lhe duas grandes presas curvas. Possuia uns 3 metros de altura. Alguns encontram-se em blocos de gelo na Siberia, em bom estado de conservação.

J. CORDILHA

Zézito, o toureiro amador

por Leonor Posada

I — A idéa

Quando Zézito acabou de ler a historia do toureiro ficou enthusiasmado.

Que coisa bonita era ser toureiro! Pegar um *bicho* daquelles pelos chifres e fazel-o arriar até o chão como se fosse de panno! E passear-lhe a capa vermelha pela frente como a provocal-o? E enterrar-lhe no lombo forte as bandarilhas?

Zézito nem podia dormir. Virava na cama de um lado para outro pensando só em toureiros, em touros, cavallos... E na sua imaginação de creança traquinas via-se um toureador valente. Dahi, então, se lhe pregou na cabeça a idéa.

Iria ser toureador!

E Zézito dormiu com esse pensamento de futuro.

II — A resolução

No dia seguinte, logo que se levantou, lembrou-se do livro, da historia e pensou novamente em ser toureiro quando crescesse. Quando crescesse!...

— "Mas a *gente* deve desde pequeno ir praticando, para depois ser um assombro", pensou o garoto. Então lembrou-se de tourear Sultão, o grande Terra-Nova que era o vigia da casa.

Chamou o Néco, o priminho, o Cazuza e a Faninha e expoz-lhes a idéa monumental. O primo e os irmãos bateram palmas radiantes. Iriam assistir a uma tourada "de verdade".

III — Os preparativos

Zézito foi ao quintal e olhou Sultão que dormia. Era bem um bello touro malhado!

Inspeccionou em volta: afastou os vasos, riscou o chão marcando a *arena*, como na gravura. Arranjou umas varas finas, poz-lhes numa das pontas um alfinete grande e na outra uns pedacinhos de papel de seda: eram as bandarilhas! Depois, foi ao quarto da Mamãe, arranjou um panno vermelho: a combinação de seda. Com uma faixa de Faninha rodeou o corpo, cintando-o. Buscou o bonet, pôl-o um pouco de lado à cabeça e... prompto! Estava armado um verdadeiro toureador!

Néco, Cazuza e Faninha olhavam-no admirados. Como Zézito era valente! Só lhe faltava o cavallo. Mas esse mesmo appareceu: era a vassoura da cozinha presa por um barbante á guisa de rédea.

IV — A arena

Zézito arrumou uns caixões: eram os camarotes e nelles aboletou Néco, Cazuza e Faninha. Trouxe a vassoura, isto é, o cavallo e avisou ao Cazuza que quando elle passasse a cavallo todos deviam bater-lhe palmas. Faninha, como moça, deveria jogar-lhe flores.

Néco, então, lembrou que poderiam convidar o Anatolio, o filho da cozinheira, e o Jorge, um vizinho amigo.

Zézito consentiu e, em pouco, os dois estavam sentados em volta da casa do Sultão á espera da tourada.

V — A tourada

Montado no cavallo de páo, Zézito fez a volta do quintal com o bonet na mão, cumprimentando a todos, sorridente e feliz.

A petizada rompeu em palmas e Faninha, para não fugir á praxe, atirou ao toureiro uma rosa.

Zézito abaixou-se, apanhou a rosa e enfiou-a na casa do paletot! Depois, sempre trotando, foi deixar o *cavallo* atraz da casinhola do Sultão.

Era o momento da tourada.

De sua casita o cão acompanhava todos os movimentos do pequenino dono. Quando o menino foi buscal-o, Sultão lambeu-lhe a mãozinha. Mas não era isso que Zézito queria. Puxou o animal para fóra e mandando Néco tomar conta da entrada para que Sultão não fugisse para dentro, começou a passear pelo focinho do animal a combinação vermelha da Mamãe.

Sultão, nem caso! Zézito pulava, saltava, sacudia a *"capinha"*, mas qual o *touro improvisado* nem se importava com o toureiro.

Lembrou-se Zézito das bandarilhas e foi buscal-as. De um arranco enterrou no lombo do Sultão o alfinete. Com a dôr o animal deu um salto e começou a correr. Zézito exultou: era a tourada! Sutão corria procurando fugir e Zézito, com a combinação na mão, tomava-lhe a frente, valoroso e ousado.

Néco, Cazuza, Faninha, Anatolio e o Jorge batiam palmas.

Desejando coroar o trabalho com uma *pêga á unha*, Zézito saltou e agarrou as orelhas do pobre animal.

Nesse momento, Sultão que ainda tinha o alfinete no lombo, suppondo talvez que o dono fosse espetal-o novamente, arreganhou os dentes rosnando ameaçadoramente, e... foi uma debandada!

Toureiro, espectadores, tudo desappareceu, como encanto, com medo do touro.

Quando papae soube do succedido riu-se muito e foi curar Sultão que, na sua casota, gania com a dôr do alfinete enterrado no *lombo!*

OUTRA TOURADA

VI — Continúa a idéa

Mas Zézito não desanimou. Dias depois andava elle pensando onde e cómo poderia tourear. Passando perto do gallinheiro, o pequeno bateu na testa, cheio de contentamento:

— Achei! Achei!

Néco, Faninha e Cazuha accudiram:

— Achaste algum dinheiro?

— Um brinquedo?

— Um doce?

— Tolos! Grandes tolos! Não penso em dinheiro, nem em doce ou brinquedos.

Penso no meu futuro e... — Néco, Faninha e Cazuza abriram a bocca espantados, sem nada comprehenderem, e... continuou Zézito alegremente, — achei outro campo para tourear!

Estendendo o braço direito mostrou o gallinheiro, cheio de gallinhas e pintainhos e onde um gallo ruivo e bello, parecendo que lhe ouvira a bravata, bateu as asas e soltou um longo:

Có-có-ri-có ó ó ó...

Neco bateu palmas. Faninha olhou logo em volta, procurando a flôr com que devia animar o toureiro ousado e Cazuza foi logo chamar o Anatolio.

Trataram dos preparativos.

O poleiro serviria de archibancada.

Zézito foi buscar a combinação vermelha da Mamãe. Com a faixa de Faninha enrolou o corpo; arranjou as *bandarilhas*, o *cavallo*.

Emquanto fazia os preparativos Néco tratou dos convites.

Dentro de poucos minutos a *archibancada* estava repleta: Faninha, Néco, Cazuza, Jorginho, Anatolio e mais uma outra pequenita, a Lina.

Com passos de vencedor Zézito penetrou no gallinheiro, isto é, na *arena*.

Desfraldando a combinação vermelha, o menino começou a provocar o medo entre os gallinaceos: os pintainhos corriam de um lado para outro:

Piu! piu! piu! piu!...

As gallinhas procuravam, em vão, fugir pelos buracos do arame. E Zézito estava satisfeito!

Como que procurando defender a sua *familia* o gallo arripiou-se.

Começou então a *tourada*.

Zézito passeava a combinação vermelha por deante do gallo. Este, enfurecido, dáva um salto procurando bical-a. Zézito pulava para o lado, o gallo tambem, cada vez mais encrespado, cada vez mais furioso. A criançada no poleiro batia palmas; as gallinhas e pintainhos cacarejando e piando faziam uma algazarra terrivel.

Ouvindo tanto alarido no quintal, Mamãe chegou á janella. Foi o bastante!

Zézito escondeu-se. Néco, Faninha, Cazuza, Jorge, Anatolio e Lina atiraram-se do poleiro para não serem vistos.

Victorioso, então, o gallo subindo ao alto da cerca saltou um sonoro:

Có-có-ri-có ó ó ó...

Zézito, desta vez, inda perdera a tourada!

VII — O ULTIMO TORNEIO

Passaram-se uns dias. Zézito parecia ter esquecido a sua *vocação*.

Mas qual! O pequeno, andando pela casa, narizinho para o ar, *farejava* o modo por que deveria continuar os exercicios *tauromachicos* isto é, os exercicios com os touros, de toureiro ou toureador. Com que havia de lutar não encontrava o pequeno, e isso entristecia-o sobremodo. Aconteceu, porém, que a mamãe em companhia da titia foram jantar fóra. Jantar fóra era para Zézito a liberdade. Poderia elle livremente escolher pela casa toda o logar e com que fizesse uma tourada de *truz*.

Foi com carinha *hypocrita* que ouviu a recommendação da mamãe e foi com mal contida alegria que viu o automovel afastar-se.

Sózinhos, elle, Néco, Faninha e Cazuza.

Sózinhos, não! A vóvózinha meiga, lia na varanda e de quando em vez haveria de chamal-os.

Mas a vóvózinha era tão bôa!

Então Zézito reuniu os pequenos.

— Vamos arranjar uma tourada?

— Vamos, responderam Néco, Faninha e Cazuza, já promptos para buscar o Anatolio.

Zézito que já havia resolvido, levou-os pouco depois para o salão de visitas.

— Que lindo! fez Anatolio arregalando os olhos.

Um tapete macio forrava-o quasi todo. Cadeiras douradas, estatuetas, espelhos, jarrões, esplendiam aqui e ali.

— É um bello logar, disse convencidamente o Zézito. Se a *gente* cahir nem se machuca!

— Mas... e o touro? perguntou o Néco.

Zézito, piscando o olho, satisfeito, respondeu:

— O touro de agora é *gente*. Não pode ser *bicho* porque estamos dentro de casa. O touro vae ser o Anatolio.

— Eu, gemeu o moleque, meio amedrontado.

— Você, sim.

— Mas eu vou ser espetado, como o Sultão, no outro dia?

— Bôbo! Aquillo não dóe nada!

E Sultão não tinha roupa.

— Não quero! gemeu ainda o Anatolio.

— Assim, não ha tourada, disse aborrecido o Zézito.

— Vae, aconselhou Cazuza. Vae, Anatolio, é um *instantinho só*.

O moleque, que gostava a valer do Cazuza, acabou cedendo.

Em poucos instantes tudo estava prompto. As cadeiras afastadas, as columnas levadas para os vãos das janellas...

Zézito enfaixou-se; foi buscar a combinação da Mamãe e não se esqueceu das *bandarilhas*, isto é, das varinhas com os alfinetes nas pontas.

O Anatolio, como touro, deveria estar sempre de quatro pés. Néco e Faninha, esta, agora sem flôr, para offerecer ao toureiro, e Cazuza, repimparam-se no sofá.

Começou a tourada.

Zézito entrou. Tirou o bonet cumprimentando de um lado para outro, risonho, resoluto.

Pouco depois, de gatinhas, mansamente, veiu o Anatolio.

Zézito jogou o bonet longe. Apanhando sobre uma cadeira a combinação da mamãe, começou a fazer *passes* deante do Anatolio. Este, virava a cabeça de um lado para outro.

— Não é assim, gritou o Néco. É preciso fingir-se zangado.

Anatolio foi pouco a pouco perdendo a cerimonia. Já não voltava apenas a cabeça; pinoteava, dava berros, e mettia cabeçadas a torto e a direito.

Um successo.

Zézito estava radiante!

Néco e Faninha, de cima do sofá, applaudiam cheios de enthusiasmo ao toureiro, e Cazuza animava o touro!

Pegou Zézito então as bandarilhas.

Dando um pulo, enterrou-as fortemente no hombro do Anatolio.

Foi a conta!

Com a dôr, o moleque esqueceu-se de que era *touro* e metteu uma cabeçada de véras no Zézito, que cahiu.

Com a quéda virou uma cadeira e esta, batendo no jarrão, fel-o tombar, quebrando-se ao meio.

Néco, Faninha e Cazuza gritaram.

Assustada, vóvó accorreu e ia ralhar, quando papae, surgiu á porta do salão.

Ninguem mais se entendeu.

Zézito, Néco, Faninha, Cazuza e Anatolio procuravam fugir, esconder-se, que sei eu!

....

VIII — O RESULTADO

E o resultado?

Zézito preso, privado de sobremesa.

Néco e Faninha com uma *tarefa* bem grande da lição.

O Anatolio, esse além da alfinetada, levou uns petelécos da mãe, mas teve o consolo de uns doces dados, ás escondidas, pelo Cazuzinha.

Tambem, ao que parece, não houve mais touradas em casa do Zézito.

(Da *Collecção Nise* — Historias illustradas para crianças. — No prélo).

::

O Tico-Tico, revista illustrada das crianças

AS FORMIGAS

— DE —

Coelho Netto

(Do livro *Fabulario*)

A' sombra duma faia, no parque, emquanto o principe, que era um menino, corria perseguindo as borboletas, abriu o velho preceptor o seu Virgilio e esqueceu-se de tudo, enlevado na harmonia dos versos admiraveis.

Os melros cantavam nos ramos, as libellulas esvoaçavam nos ares e elle não ouvia as vozes das aves nem dava pelos insectos: se levantava os olhos do livro era para repetir, com enthusiasmo, um hexametro sonóro.

Sahiu, porém, o principe a interrompel-o com um commentario pueril sobre as pequeninas formigas que tanto se afadigavam conduzindo uma folhinha secca; e disse:

— Deus devia tel-as feito maiores. São tão pequeninas que cem dellas não bastam para arrastar aquella folha que eu levanto da terra e atiro longe com um sopro.

O preceptor, que não perdia ensejo de educar o seu imperial discipulo, aproveitando as lições e os exemplos da natureza, disse-lhe:

— Lamenta V. A. que sejam tão pequeninas as formigas... Ah! meu principe, tudo é pequeno na vida: a união é que faz a grandeza. Que é a eternidade? um conjuncto de minutos. Os minutos são as formigas do Tempo. São rapidos e a rapidez com que passam fal-os parecer pequeninos, mas são elles que, reunidos, formam as horas, as horas fazem os dias, os dias compõem as semanas, as semanas completam os mezes, os mezes prefazem os annos, e os annos, Alteza, são os elos dos seculos.

Que é um grão de area? terra; uma gotta dagua? oceano; uma centelha? chamma; um grão de trigo? seara; uma formiguinha? força.

Quem dá attenção á passagem de um minuto? é uma respiração, um olhar, um sorriso, uma lagrima, um gemido; juntae, porém, muitos minutos e tereis a vida.

Ali vae um rio a correr — as aguas passam acceleradas, ninguem as olha. Que fazem ellas na corrida? regam, refrescam, desalteram, brilham, cantam e lá vão, mais ligeiras que os minutos.

Quereis saber o valor de um minuto, disso que não sentis como não avaliaes a força da formiga? entrae de mergulho nagua e tende-vos no fundo — todo o vosso organismo, antes que passe um minuto, estará protestando, a pedir o ar que lhe falta. Ora! o ar de um minuto, que é isso? direis. E' a vida, Alteza.

Vedes a formiguinha que vae e vem procurando migalhas na terra — se a encontra e póde carreal-a leva-a, se é superior á sua propria força, recorre á companheira que passa; outras chegam, ajuntam-se em chusma e eil-as fazendo com facilidade o trabalho que seria impossivel a uma só.

Se a formiga desanimasse nunca iria provisão ao formigueiro. Assim vós, meu Principe, pretendeis um conhecimento, ides ao livro que o contém e inclinaes-vos sobre elle. No primeiro instante tudo vos parece o b s c u r o ; desanimaes, aborreceis-vos. S e lançardes de vós o livro, ficareis sempre em ignorancia, mas se persistirdes, appellando para todas as forças do vosso engenho, pouco a pouco ireis removendo as difficuldades e chegareis ao caminho franco da certeza.

Assim é em tudo na vida. O que pretende governar deve ver o trabalho da formiga porque é um ensinamento. Não póde o principe alhanar um embaraço só com o seu juizo, chama a conselho os homens de mais experiencia e tino, ouve-os, delibéra com elles e juntos facilmente arredam o que, no principio, parecia inamovivel. Tudo é proporcional na vida. Deus não fez o insuperavel. O "Impossivel" é uma expressão inventada pelos fracos.

O que é para a formiga um carreto, vôa com o sopro debil de uma creança; o que é para o homem empecilho as aguas levam de roldão; onde não póde a força de um braço suppre-a o instrumento e, se ainda o embargo se obstina, então o homem appella para o homem como a formiga reclama a companheira e, conjunctamente, afastam o pesado entrave.

Se eu vos pudesse levar ao labyrintho, que é o reino subterraneo das formigas, verieis a perfeita ordem que nelles ha, a disciplina que os compõe, a harmonia que os rege e se cá fóra pudesse ser applicada a lei que regula a sociedade dos insectos exemplares, facil vos seria governar o povo porque todos os homens dar-se-iam por felizes nos seus postos, não haveria inveja nem ambição, males que tanto malsinam as sociedades.

Qual é a força da formiguinha? é pouca para um grão de assucar, entretanto, a formiga póde mudar montanhas se o formigueiro se ajunta em esforço solidario.

Que é uma gotta de orvalho? um nada para o calor de um raio de sol, lançae-a ao mar, entrará na vaga concorrendo para o sossobro das maiores náos de guerra.

Quereis ver a força da formiga, procurae-a no formigueiro, que é a união.

Assim falou o preceptor. E, como passasse uma borboleta azul e o principe sahisse a perseguil-a, abriu de novo o seu Virgilio e continuou, deliciadamente, a leitura interrompida.

A data de 21 de Abril relembra um dos factos mais importantes da historia patria. Recorda ella a morte injusta do grande brasileiro que foi Joaquim José da Silva Xavier, o Tiradentes.

Em 1789, quando se annunciava em Minas a cobrança do imposto do **quinto** de ouro, cuja importancia era enorme, o alferes Joaquim José da Silva Xavier, ajudado por Ignacio José de Alvarenga Peixoto, os tenentes-coroneis Domingos de Abreu Vieira e Francisco de Paula Freire de Andrade, os Drs. Claudio Manoel da Costa e Thomaz Antonio Gonzaga, os padres Carlos Correia de Toledo e José da Silva Oliveira Mollim, Domingos Vidal Barbosa e José Alves Maciel resolveram libertar o Brasil do jugo portuguez, acabar com a escravatura e estabelecer o regimem republicano.

O momento era azado, porque o imposto de **quinto** era um dos grandes vexames que angustiavam o brioso povo de Minas.

O lemma da nova bandeira já estava escolhido: **Libertas quæ sera tamem** (Liberdade inda que tarde.)

Todavia, a trahição de um supposto conjurado fez fracassar o sonho patriotico de **Tiradentes.** Foi Joaquim Silverio dos Reis quem denunciou o plano ao governador. As providencias não se fizeram esperar.

Tiradentes, por ser o mais ardoroso na campanha da Liberdade, foi o primeiro a ser preso. Seguiram-se as prisões de seus companheiros.

Feita rigorosa devassa, veiu a sentença de 18 de Abril de 1792; condemnando onze conjurados á morte e varios outros a degredo.

Estas penas, porém, foram logo commutadas, soffrendo e pena de morte sómente o intemerato **Tiradentes,** que se mostrou, no decorrer do processo, de uma altivez e patriotismo sublimes.

A 21 de Abril subiu ao cadafalso o grande, o maior, o mais sublime brasileiro.

E só hoje, nesta epoca de liberdade, se reconhece o valor da causa, que **Tiradentes** defendeu até ao ultimo momento de sua vida!

NOS CAMPOS SIDEREOS

O que são os cometas. — A formidavel velocidade desses astros. — O que os antigos pensavam desses vagabundos do céo.

SABEM os meninos o que são os cometas?

Desde já fiquem sabendo que a astronomia, a grande e bella sciencia que estuda os astros, não possue dados muito seguros para o perfeito conhecimento dos cometas.

A apparição destes astros foi por muitos seculos um motivo de terror para os povos antigos. Os cometas de antigamente parece que tinham o proposito de aterrar os homens. Segundo os livros dos primeiros tempos da humanidade os cometas tinham as fórmas mais extravagantes.

No anno de 117 da éra christã, appareceu um daquelles astros que, segundo os historiadores, tinha a fórma exacta de uma espada e excedia em brilho a luz do sol. Julgaram que elle era o aviso certo de calamidades proximas.

Hoje, porém, essa crença já não existe mais, o povo vendo realizar-se a predição da volta de muitos cometas em épocas determinadas começa a abandonar essas prophecias.

Antes de Tycho-Brahe, julgava-se que os cometas eram produzidos por meteoros que se formavam na propria atmosphera da terra, porém, reconheceu-se que esses corpos se achavam a uma distancia muito consideravel do nosso globo, e que, em vez de traçar na sua marcha uma linha recta ou parabolica, descreviam ellypses muito excentricas alongadas e de que o sol occupava um dos focos. Newton foi o primeiro que fez reconhecer as verdadeiras leis que regem esses astros.

Observou que os cometas não sendo visiveis para nós, senão quando elles percorrem a parte da sua ellypse mais vizinha do sol, podia se julgar a principio que sua orbita fosse parabolica, isto é, que vindo de um ponto do espaço, girassem em torno do sol e se afastassem para um outro ponto do infinito.

As orbitas desses astros, em vez de serem contidas no zodiaco, como as dos planetas, tomam todas as direcções, o que faz com que elles cortem a eclyptica em todos os sentidos, movendo-se em todas as especies de velocidades, tanto do norte para o sul, como do oriente para o occidente.

Os cometas se distinguem sobretudo por essas nebulosidades luminosas de que são seguidos, precedidos ou cercados e que se chama, segundo a fórma ou direcção que elles affectam, de cauda, barba ou cabelleira.

Existem, portanto, cometas desprovidos destes appendices e inteiramente redondos.

Taes foram os de 1585, de que nos fala Tycho-Brahe e o de 1682, que era tão claro como Jupiter.

Existem também cometas que apresentam, ás vezes, muitas caudas ou feixes luminosos: o de 1744 apresentava seis caudas de uma extensão de 30° a 40°: o seu comprimento real devia exceder de 30 milhões de leguas.

Alguns, finalmente, offerecem, em torno de um nucleo central, uma nebulosidade radiante muito externa, chamada cabelleira.

Nem todos elles são visiveis a olhos desarmados; tem-se descoberto um grande numero que só se avista por meio de apparelhos opticos.

Acontece muitas vezes que dois ou mesmo tres cometas apparecem ao mesmo tempo como já se teve occasião de observar no Rio de Janeiro.

A maior parte dos cometas parecem compostos de uma materia nebulosa muito mais densa no seu centro do que na sua circumferencia.

Esta parte central se apresenta ordinariamente sob a apparencia de um nucleo luminoso.

Reconheceu-se tambem que este nucleo era transparente, podendo se avistar através as mais pequenas estrellas.

Alguns existem que não apresentam nucleo e a materia gazoza que os compõe é mais condensada sómente para o seu centro.

O cometa de 1819 e o de Encke, ou dos 1.200 dias, passavam adeante do disco do sol sem produzir sombra e nem mancha á nossa vista.

Suppõe-se hoje que a materia vaporosa que compõe os cometas é de tal modo dilatada, que toda a materia da maior parte destes astros apresenta sómente algumas centenas de kilogrammas.

O volume dos cometas é geralmente restricto; porém a nebulosidade que os cerca ou as caudas que os acompanham lhes

dão uma importancia apparente. Estes longos rastilhos luminosos têm attingido, ás vezes, a 90° de comprimento, de fórma que quando o cometa se occulta, a extremidade da cauda está no zenith; essas caudas são geralmente rectas, porém algumas apresentam curvas.

E o que são essas caudas?

Suppõe-se que ellas sejam produzidas pela evaporação que soffrem os cometas quando proximos do sol. Sobrevêm muitas vezes mudanças rapidas na fórma de um cometa e como prova dellas ha o seguinte facto:

Em 17 de Março de 1843 avistou-se em França um cometa cuja cauda abrangia um angulo de 40° emquanto que, nas noites precedentes, nenhum traço luminoso apresentava. E' que, de visivel que era, desenvolvendo-se rapidamente de maneira enorme, tornou-se invisivel, sem rastilho, apagando-se.

Os cometas, quando estão mais proximos do sol, têm a sua marcha accelerada. Segundo o calculo de Newton, elles devem experimentar um calor 2.000 vezes maior que o do ferro em braza. O astronomo Halley foi o primeiro que predisse a volta de um cometa: elle encontrou essa fórmula applicando o methodo de Newton a um grande numero de observações, chegando á conclusão de que o cometa de 1862 devia ser o mesmo que apparecera nos annos de 1456, 1531 e 1607.

Seu periodo devia ser de 75 annos, pouco mais ou menos e elle predisse a sua reapparição para os annos de 1759, 1835, 1910 e 1985.

O primeiro acontecimento confirmou plenamente a sua predic-

ção e elle recebeu o nome de Halley.

O pequeno cometa de Encke, o dos 1.200 dias, é igualmente bem conhecido. Foi o astronomo Encke quem primeiro determinou o seu movimento ellyptico.

A periodicidade do cometa Biela e de Faye foi tambem notada: o primeiro preencheu sua revolução em torno do sol em 6 annos e 3|4; o segundo em 7 1|2 annos.

Temos ainda o cometa de Brorsen, que se suppunha perdido e cuja periodicidade é de 5 1|2 annos.

A velocidade de alguns cometas quando se approximam do sol é prodigiosa. A do de 1860, calculada por Newton, percorria perto de 293.000 leguas por hora, e a

do de 1770, observada em Palermo por Bridone era de mais de 20 milhões de leguas por dia.

O grande numero de cometas e a irregularidade das suas marchas fazem originar as crenças sobre a possibilidade de um choque com a Terra.

Depois da descoberta das Asteroides, formulou-se na opinião de alguns astronomos que estes pequenos astros seriam os fragmentos de um planeta despedaçado por uma tremenda catastrophe cosmica.

Veiu entreter essas apprehensões no espirito de muita gente a hypothese de um encontro fatal da Terra com um cometa e viu-se em 1857 que effeito de terror produziu na Europa a crença absurda do Fim do Mundo, para o dia 13 de Junho, pelo simples facto de annunciar-se a volta do cometa de Carlos Von de Donati.

Depois da auspiciosa e bemvinda "Estrella de Bethlém", de formosura, brilho e deslumbramento sem igual, e de que noticia São Matheus no Cap. II, versos 2 e 11; que guiou os felizes Magos a Bethlém, por uma graça especial do Creador, no Nascimento Gloriosissimo do Salvador e Redemptor do Mundo: os cometas mais esplendidos que se têm visto foram os de 1811 e o de 1892, de orbita parabolica.

O de 1811, que deve voltar daqui a 30 seculos, talvez bem debilitado como o de Halley, era um colosso, um assombro; para os mortaes olhos que o viram: elle tinha, incluindo a cauda 180 milhões de kilometros de comprimento, podia o nucleo achar-se na terra e a extremidade da cauda chegar até o sol.

Os nossos descendentes de 30 gerações o verão.

O BURRO TRISTE
Eram tres garotos que deviam ter nascido num dia de grande ventania. Por onde elles passavam não fi cava nada em...
...perfeito estado. Uma vez, em logar de irem para o collegio, como era habito, resolveram fazer uma "gazeta" e lá foram pelo matto afóra.
Andaram, andaram muito até que encontraram, debulhado em lagrimas, um burro triste.
— Olha só! Um burro a chorar! Falou o mais velho dos tres. E se achegaram então ao quadrupede tristonho, fazendo perguntas cheias de curiosidade:
— Diga lá, amigo burro, o que foi que te aconteceu que te faz chorar como um bezerro desmammado?
O burro então tomou uns ares de martyr abandonado e falou:
— Eu tambem fui menino, mas menino igual a vocês. Tinha cabellos loiros e olhos muito azues. Meu pae, um ferreiro de pouca cultura mas de sentimentos muito nobres, era a creatura mais santa do arraial. Todas as suas economias accumuladas com muito sacrificio eram dedicadas á educação de seus filhos. Nós eramos tres irmãos. O mais velho aproveitou muito, tudo quanto meu pae lhe deu.
Foi o alumno mais distincto do collegio e depois, na capital, desenvolveu os seus conhecimentos e ficou muito rico exercendo a medicina. O segundo tambem. Deante do exemplo do irmão, progrediu rapidamente. Empregado no escriptorio de uma fabrica, fazendo contas com uma precisão pasmosa, acabou director da mesma fabrica. Eu, entretanto, não quiz estudar. Passava os dias perseguindo os gatos e fugia do collegio para pescar no rio. Meu pae gastou o ultimo tostão para ver se eu tomava caminho.
Depois elle morreu. Eu quiz escrever uma carta para meus irmãos, mas inutilmente. Preguiçoso, fui dormir e quando acordei... tinha-me transformado em burro.
Os tres garotos então se entreolharam e o mais velho falou:
— Sabe de uma coisa, pessoal. Vamos para o collegio.

Que será?

Que musica original,
Cujo som vem da floresta,
Com certeza que annuncia
Que é dia de alguma festa!

Mas, que instrumento exquisito!
E que voz! Que vozeirão!...
São guinchos, pios, apitos,
E' trombone ou bombardão?

Faz annos o porco-espinho,
Ou se casa o jacaré?
Uma musica exquisita
E ninguem sabe por que é!

O THESOURO DO EXERCITO

Uma vez um importante exercito atravessava uma região bastante montanhosa.

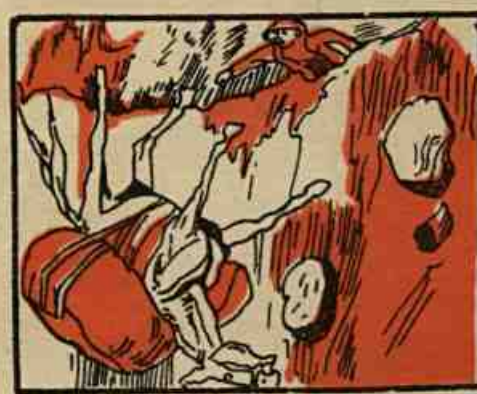
A' frente, iam dois burros, carregando, o primeiro polvora e o segundo dinheiro para pagamento dos soldados.

O capitão Salvatudo, que era um bandido, teve então uma idéa e foi procurar o chefe dos arreieiros, a quem falou,

— Quando passarmos ao pé do despenhadeiro das almas, arranja-te de modo que o burro branco, que é o que...

... leva o dinheiro, venha a cahir no abysmo. Nós vamos depois ao fundo do abysmo e dividiremos o dinheiro para nós!

Entretanto, quando chegou a noite, os arreieiros tiraram as cargas dos burros para que estes descansassem...

... e, no dia seguinte, um arreieiro, por engano trocou as cargas. O arreieiro chefe, que ...

... não sabia disso, arranjou meio de ficar atraz de todos com os dois burros e atirou o burro branco pelo despenhadeiro.

No dia seguinte vieram os dois ladrões e prepararam-se para descer ao abysmo com o auxilio de cordas.

Então, o arreieiro pensou: — Se fosse eu só a apanhar o thesouro, este seria todo meu! Pensando assim cortou a corda e o capitão cahiu, morrendo logo.

Então, o arreieiro desceu, sózinho, para procurar o thesouro. Mas, como no fundo do abysmo estava muito escuro ...

... elle accendeu um archote e approximou-se do sacco que em vez de dinheiro, continha polvora. E uma explosão colossal foi o castigo do criminoso.

RÉCO-RÉCO, BOLÃO e AZEITONA
Desejam aos seus admiradores, Bôas Festas e Feliz Anno Novo.
1932 — 1933

Réco-Reco e Bolão, lembrados ainda do que lhes aconteceu no anno passado, fingindo-se de bons meninos, recolheram-se ao leito, á espera de que Papae Noel lhes trouxesse os presentes.

Azeitona andava por cima do telhado, levava no braço uma cesta coberta com um panno. O endiabrado negrinho havia resolvido pregar uma peça aos dois inseparaveis amigos.

Chegando junto á chaminé, pousou a cesta a um canto e sentou-se calmamente, á espera que Papae Noel chegasse com os presentes destinados a elle, e tambem a Réco-Réco e Bolão.

A' meia-noite, quando o bom velhinho chegou, Azeitona levantou-se e pediu que lhe entregasse tambem os brinquedos que trazia para os seus dois companheiros. Papae Noel satisfez-lhe...

...a vontade, deixando um grande embrulho que era destinado para os tres. Depois sahiu pelos outros telhados para cumprir a sua bondosa missão. Azeitona seguiu-o com a vista.

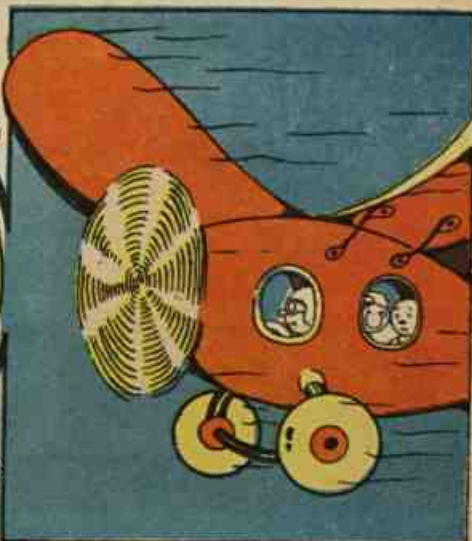
Quando Papae Noel desappareceu, Azeitona guardou o embrulho e com o auxilio de uma corda, fez descer a cesta que trouxera, pela chaminé, que dava justamente para o quarto onde Bolão e Réco-Réco dormiam.

Réco-Réco, que não tirava os olhos do fogão, quando viu a cesta descendo pela chaminé, precipitou-se para ella. Oh, surpresa!... Ao levantar o panno que a cobria, uma porção de ratos sahiram de dentro em debandada... Bolão gosava...

Depois de pregada a peça, Azeitona abriu o embrulho, o qual continha uma caixa de marimbondos que cahiram em cima delle ás ferroadas. Azeitona, louco de dor, precipitou-se de cima do telhado e quasi que morreu. Papae Noel o havia castigado.

Apesar da chuva e da forte ventania que fazia, Azeitona munido de um guarda-chuva, e com uma bolsa no braço, sahiu para fazer as compras,

No meio do caminho uma rajada de vento mais forte, cahiu de cheio em cima delle. Azeitona quiz resistir, fez "fincapé" no chão, mas . . . infelizmente, foi . . .

. . . arrebatado pelos ares, como se fosse um balão. O preto segurou-se firme no guarda-chuva. Subia cada vez mais e lá em baixo as casas pareciam brinquedinhos.

Réco-Réco e Bolão que tudo presenciaram, ficaram horrorizados e trataram de tomar as providencias que o caso exigia.

Sem perda de tempo dirigiram-se para o campo dos Affonsos. Ahi contrataram um aeroplano, para . . .

. . . sahirem em busca do pretinho. O apparelho "decollou" maravilhosamente e em poucos segundos estava a grande altura . . .

Quando encontraram Azeitona que vagava pelo espaço, fizeram descer uma escada de corda, para que elle subisse para o aeroplano. Azeitona já podia respirar. Estava salvo.

Com grandes dificuldades o preto conseguiu agarrar-se na escada, na qual começou a subir. Foi uma escalada cheia de accidentes, por duas vezes escapando de despencar-se lá de cima.

Serenados os animos, ao chegarem em casa, Réco-Réco disse a Azeitona: — "Estás ouvindo? Hontem, noite de Natal, nos pregaste uma peça, e hoje eu pago o mal que me fizeste, com o bem". Azeitona pediu perdão.

O URSO PARDO OU BRUNO

E' uma féra carniceira e terrivel. Habita as Montanhas Rochosas, desde o Alaska (ao N. O. da America do Norte) até o Mexico, ao longo do Oceano Pacifico. Tambem se encontra na Russia, na Scandinavia, na Hespanha, na França, na Turquia. Finalmente, é o urso mais conhecido, o que causa mais damnos e é o maior, logo abaixo do seu irmão polar.

Ha quem supponha que o urso é um animal lerdo, entretanto um cavallo a galope é, por elle, facilmente alcançado. O seu peso attinge a 400 kilos mais ou menos. Ha pelles

que medem 2 metros e 70 cent. na largura de uma á outra.

Os caçadores procuram a féra nas furnas, onde ella se esconde, nas horas de sol. Approximam-se fazendo barulho e o urso sahe. Levanta-se sobre os quartos trazeiros. Uma bala o attinge e se não fôr mortal (o que sempre acontece) elle carrega sobre o caçador abraçando-o. Se este estiver só, a sua morte será certa. Se, porém, tiver um companheiro este virá em seu soccorro e, com acertada punhalada porá o urso fóra de combate. O caçador que soffreu o abraço terá depois que curar os estragos que recebeu na pelle e nos ossos e a saude ficará abalada.

"Do prato á bocca perde-se a sopa"

ANDAVAM sobresaltados um gallo e uma gallinha, os unicos sobreviventes de um gallinheiro, antes cheio de aves de raça. O dono das gallinhas descobriu que os ladrões das aves eram

raposas. Encontrou signaes, como sejam pégadas, pennas tintas de sangue e fragmentos de ossos. Armou, para apanhar as ladras, armadilhas de ferro e as raposas desappareceram por algum tempo.

As raposas são astutas e desconfiadas; em se tratando, porém, de gallinhas ellas vão ao inferno sem temer as brasas do demonio. Um dia as raposas voltaram ao latrocinio, disputando a primazia, cada qual queria ser a primeira. Brigavam e as mais timidas fugiam. Ficaram apenas duas, uma menor que a outra.

A maior viu no caminho uma ratoeira armada e então disse:

— Cara amiga, deixo-te livre o caminho e vou-me embora; aviso-te, entretanto, que "do prato á bocca perde-se a sopa."

A outra raposa não comprehendeu o rifão. Partiu a correr para apanhar o

NO TEMPO EM QUE AS RAINHAS FIAVAM...

A rainha Berta, esposa de Pepino, o Breve, era tão bondosa quanto trabalhadeira. Estava sempre com uma roca, fiando, dando, assim, um bello exemplo a todas as damas do reino.

Num recanto da Ilha de França morava um negociante de tecidos, que era viuvo e vivia com a filha, Yolanda, de dezeseis annos, e a sobrinha, Ignez, orphã que havia recolhido. Se bem que esse seu gesto fosse para elle um sacrificio, o negociante não o demonstrava á sobrinha, mas...

... Yolanda, egoista e vaidosa, maltratava a prima, um anno mais moça do que ella. — Os beneficios de meu pae á Ignez redundam em prejuizo para mim! — pensava a orgulhosa.

O negociante ausentava-se muitas vezes para o seu commercio, deixando a filha a dirigir a casa. Yolanda aproveitava-se dessa ausencia do pae para humilhar a prima.

Ignez nunca se queixava. Doce e boa, era bem reconhecida aos parentes e para dar disso um testemunho trabalhava, fiando...

... activamente nas horas de descanso. Yolanda ignorava por completo a arte de fiar.

Um dia, um arauto annunciou que o rei e a rainha viriam visitar a provincia. Contentes com a novidade os habitantes começaram os preparativos para receber os soberanos.

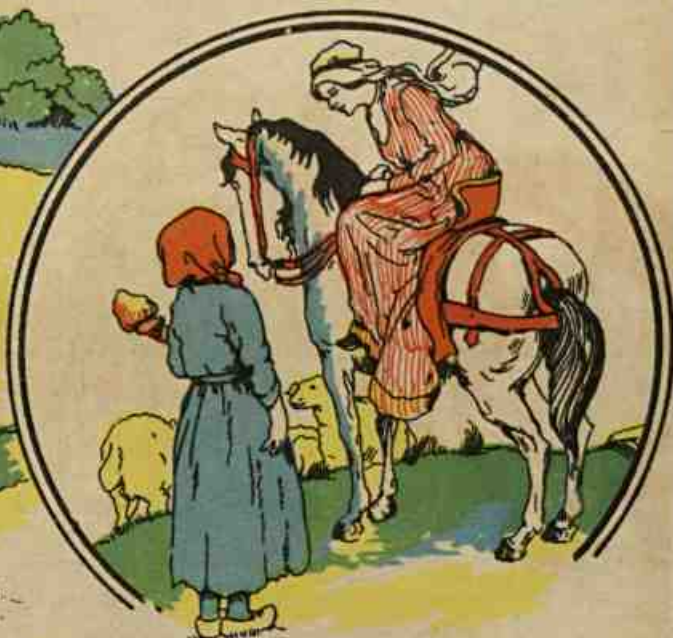
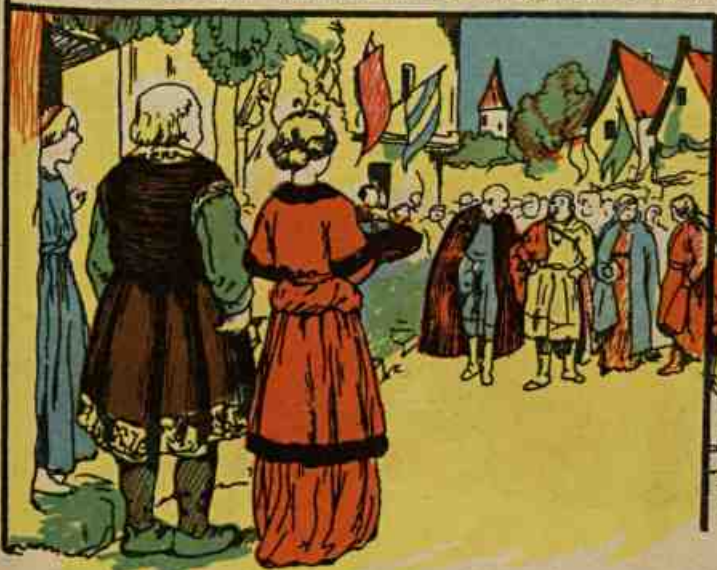
Todos se entregavam ao trabalho de dar ás proprias casas um tom festivo. A's mulheres teciam girlandas de flores e folhagem.

Yolanda nada fizera. Um projecto ...

... ambicioso germinava-lhe no cerebro. Sonhara ser distinguida pela rainha, a quem offereceria um presente: — uma gola de linho bem fino, habilmente tecida e bordada.

Está claro que foi Ignez encarregada do trabalho, porque a arte de fiar e de bordar não tinha segredos para ella. A menina trabalhava noite e dia e foi uma verdadeira ...

... maravilha o que sahiu de seus dedos. Quando o rei e a rainha entraram na provincia foram recebidos com grande pompa pelos habitantes que os foram receber. Os soberanos prometteram visitar a cidade na tarde do dia seguinte. Na manhã do dia immediato, a rainha Berta foi dar um passeio, ...

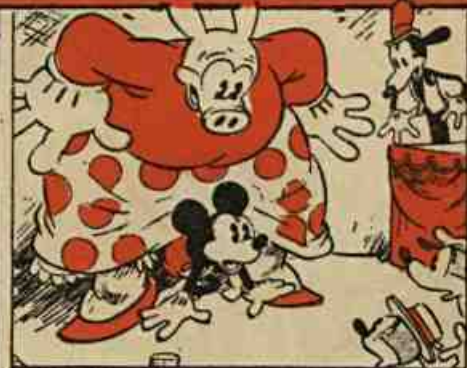
... a cavallo, sózinha pelo campo. No campo viu a soberana uma moci- nha, modestamente vestida e que, ao mesmo tempo que guardava o rebanho, ...

... fiava com tanta attenção que não observou a presença da soberana. A mocinha era Ignez. Berta chamou-a, felicitou-a pela actividade com que trabalhava e perguntou-lhe quem era. Ignez respondeu e a rainha, afastando-se disse-lhe um adeus de amisade.

De tarde, Pepino, o Breve, e sua esposa percorreram, a pé, a cidade. As ruas estavam enfeitadas e embandeiradas. A casa do negociante de tecidos estava no itinerario seguido pelo cortejo. O negociante achava-se ...

... á porta com a filha e a sobrinha, esta muito simples como de costume. Yolanda, ricamente vestida e palpitante de esperança, approximou-se da rainha apresentando a gola numa almofada de velludo. Balbuciou algumas palavras pedindo á rainha que acceitasse o humilde presente.

— Foi você que fez este lindo trabalho, minha menina? — pergun-

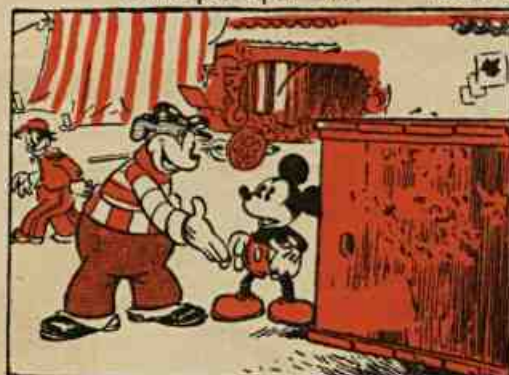
tou a rainha examinando a obra. — Sim, Senhora. — Respondeu Yolanda que, ao proferir tal mentira, enrubeceu até ás orelhas.
A rainha percebeu a mentira. — Então é você uma habil fiandeira? Mostra-me como se começa esse trabalho. — Minha roca está em casa ...
... — balbuciou Yolanda. — Aqui tem a minha! — respondeu a rainha.
E Berta entregou a róca á Yolanda ...
... que nem sabia sequer segurar esse objecto. Sua incapacidade e o embuste de que lançára mão evidenciaram-se aos olhos de todos. — Quero saber quem confeccionou esta golla! — Falou severamente a rainha.
Era necessario confessar a verdade: — Foi minha prima — disse com despeito Yolanda apontando para Ignez. Esta, a um signal da rainha, approximou-se.
— Mas esta menina é a pastorinha que eu vi pela manhã. Foste tu que fizeste este ...
trabalho? — Sim, Senhora, respondeu ella toda confusa, mas é minha prima quem lh'o offerece. Sou pobre e não posso fazer presentes.
Yolanda retirou-se com os olhos brilhando de colera: — E' a paga, meu pae, de sermos caridosos! — disse com ar desdenhoso. — Oh! Yolanda, falou o pae avançando para fazel-a calar. Ignez, a esse tempo, estava a chorar. A rainha que era muito ladina ...
... comprehendera. — Seu pae não terá mais de fazer essa caridade, menina, disse a rainha friamente para Yolanda. De agora em diante tomarei conta da sua prima, que irá fiar na côrte de França. Segue-me, menina, falou a rainha, voltando-se para a orphã. E poz-se a caminhar. Muito tremula, Ignez obedeceu.
Berta cumpriu a promessa; levou a pequena fiandeira que, perto da boa rainha passou a mais feliz das existencias emquanto que a egoista Yolanda teve de renunciar a seus sonhos ambiciosos. Na sua prosperidade Ignez não esqueceu o tio ...
... que tinha se mostrado tão bom para ella. Obteve, para elle, a protecção da rainha, graças á qual os negocios do vendedor de tecido prosperaram, tendo elle a recompensa da caridade que prestára á orphãzinha.

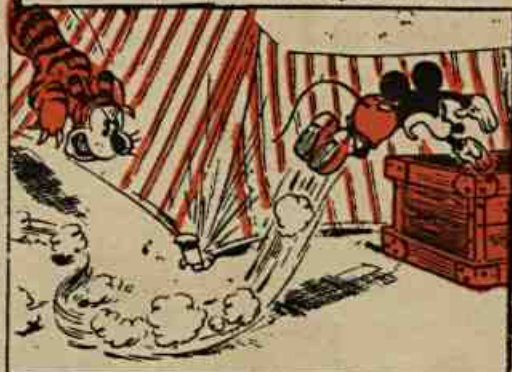
HISTORIA DO RATINHO CURIOSO

(Desenhos de Walt Disney e U. B. Iwerks exclusividade para o TICO-TICO, em todo o Brasil).

— Deixei todo o dinheiro em casa. Como poderemos entrar no circo? — disse **Ratinho** Curioso para o libertado.

— Não se impressione! Não é preciso dinheiro! Entre por aqui! E...

...**Ratinho Curioso** passou para dentro do circo de um modo bastante original, isto é sob o saiote do gigante Porcalhão

Antes não o tivesse feito, pois o dono do circo jogou-o á rua sem dó nem piedade

— Precisamos entrar no circo — disse o libertado para **Ratinho Curioso.** Vamos pôr em pratica uma grande idéa! Uma...

...idéa victoriosa! — Entre depressa dentro deste caixote e fique quietinho esperando o...

...resultado! E o libertado, fazendo as vezes de servente, carregou

o caixote para dentro do circo. Neste momento **Ratinho Curioso** saltou de dentro do caixote, onde estava um tigre real de...

...Bengala. E o pobre do **Ratinho Curioso,** para escapar á perseguição da féra que queria devoral-o, pulou para...

...dentro de um outro caixote, escondendo-se. O tigre passou sem vel-o. Mas, instantes depois o dono...

...do circo foi encontrar **Ratinho Curioso.** — Que está fazendo aqui? **Ratinho Curioso** tremeu de medo — Você está prejudicando...

...o meu circo! Poderia matal-o já! — disse o cannibal

Em 1553 — sendo nomeado 2º Governador Geral do Brasil D. Duarte da Costa, trouxe elle comsigo 16 jesuitas, entre os quaes o grande José d'Anchietta e como provincial da Ordem o Padre Manoel da Nobrega.

Tendo já os jesuitas um nucleo ou pequena colonia em S. Vicente, para ali convergiram seus esforços.

Fundaram, como centro de acção, em uma paragem bellissima nos campos de Piratininga um collegio que recebeu o nome de S. Paulo, onde, com o decorrer dos annos e do progresso surgiu uma das mais bellas capitaes do Brasil.

Os selvagens foram attrahidos pela fama e bondade de Anchietta, que lhes ensinava a ler e escrever, a ser bons, doceis e obedientes e a amar a Deus sobre todas as cousas.

Existia tambem nas margens de Piratininga João Ramalho, um portuguez, que se tornou chefe dos indios, que, com seus numerosos descendentes e de seus companheiros (chamados mamelucos, por serem cruza-

Collegio de S. Paulo

O chefe Jaguanhara terror dos antigos portuguezes.

Offereceu-se Anchieta espontaneamente a ficar prisioneiro dos indios.

Com cerca de 2.000 guerreiros em 300 canôas atacaram S. Vicente...

mento das duas raças — india e portugueza) mostraram em principio grande animosidade e antipathia aos jesuitas, porém annos mais tarde tornaram-se amigos e alliados dos mesmos contra os francezes. A D. Duarte succedeu Mem de Sá no governo do Brasil. Bateu os invasores que tinham tomado diversas colonias e expulsou os francezes da bahia do Rio de Janeiro, desalojando os do forte Coligny.

Em represalia os francezes incitaram o odio dos selvagens aos portuguezes, movendo e prégando uma guerra santa contra os homens de S. Vicente, dos quaes tinham os indios recebido os mais crueis tratamentos, inclusive a escravisação. Centenares de chefes tamoyos levantaram-se e uniram-se aos francezes.

Contra a influencia dos francezes, juntou-se o predominio moral que sobre o espirito dos maioraes tamoyos teve Anchietta e seus companheiros, para com a gente de Ramalho e o grande chefe Tibiriçá, a quem confiaram a defesa do collegio e povoação de S. Paulo. Jaguanhara, sobrinho de Tibiriçá era o terror dos portuguezes. Incendido de odio feroz, assumiu o commando de muitas legiões; invadiu as capitanias de Espirito Santo, S. Vicente, deixando por onde passaram a devastação e o incendio! Por fim **Jaguanhara** conseguiu, numa alliança geral que ficou historicamente conhecida pelo nome de **Confederação dos Tamoyos**, dar um ataque decisivo a S. Paulo.

Com cerca de 2.000 guerreiros, em 300 canôas atacaram S. Vicente, obrigando os moradores a fugir com pavor. E reunidos todos os chefes selvagens resolveram destruir a colonia exterminando todos os habitantes. Anchietta e Nobrega resolvem tentar a salvação da colonia e afoitamente dirigem-se a Iperoy onde em grande assembléa estavam os chefes indigenas. O grande ascendente e a extrema bondade que revelaram os dois jesuitas conseguiram por completo aplacar a colera dos barbaros alcançando um armisticio.

Mas Jaguanhara furioso exigia como penhor do accordo de paz que um dos padres ficasse como refem e garantia. Offereceu-se Anchietta espontaneamente a ficar prisioneiro dos indios, emquanto Nobrega ia levar a S. Paulo as bases do accordo.

Longos dias esteve o grande Anchietta á espera de Nobrega. Mas, foi durante esse tempo que elle concebeu o seu poema á Virgem Santissima, escrevendo 4.172 admiraveis versos latinos nas areias da praia e nas cascas das arvores e que conservava de memoria.

Voltou Nobrega e com elle celebrou-se a festa da paz! Obrigaram-se, pelo tratado, a retirar-se para os sertões Oeste e os portuguezes assumiram o compromisso de não mais lhes perturbar o socego. Voltou Anchietta a S. Vicente onde continuou a sua missão fundando com seus companheiros outros collegios e levando por todo Brasil, apostolos do Novo Mundo, a religião do Christo Redemptor! Morreu Anchietta com 63 annos de idade dos quaes 43 e meio passados no seio das florestas brasileiras. Delle disse o bispo D. Pedro Leitão: **"A Companhia no Brasil é um annel de ouro, a pedra preciosa delle é o padre José Anchietta!"**

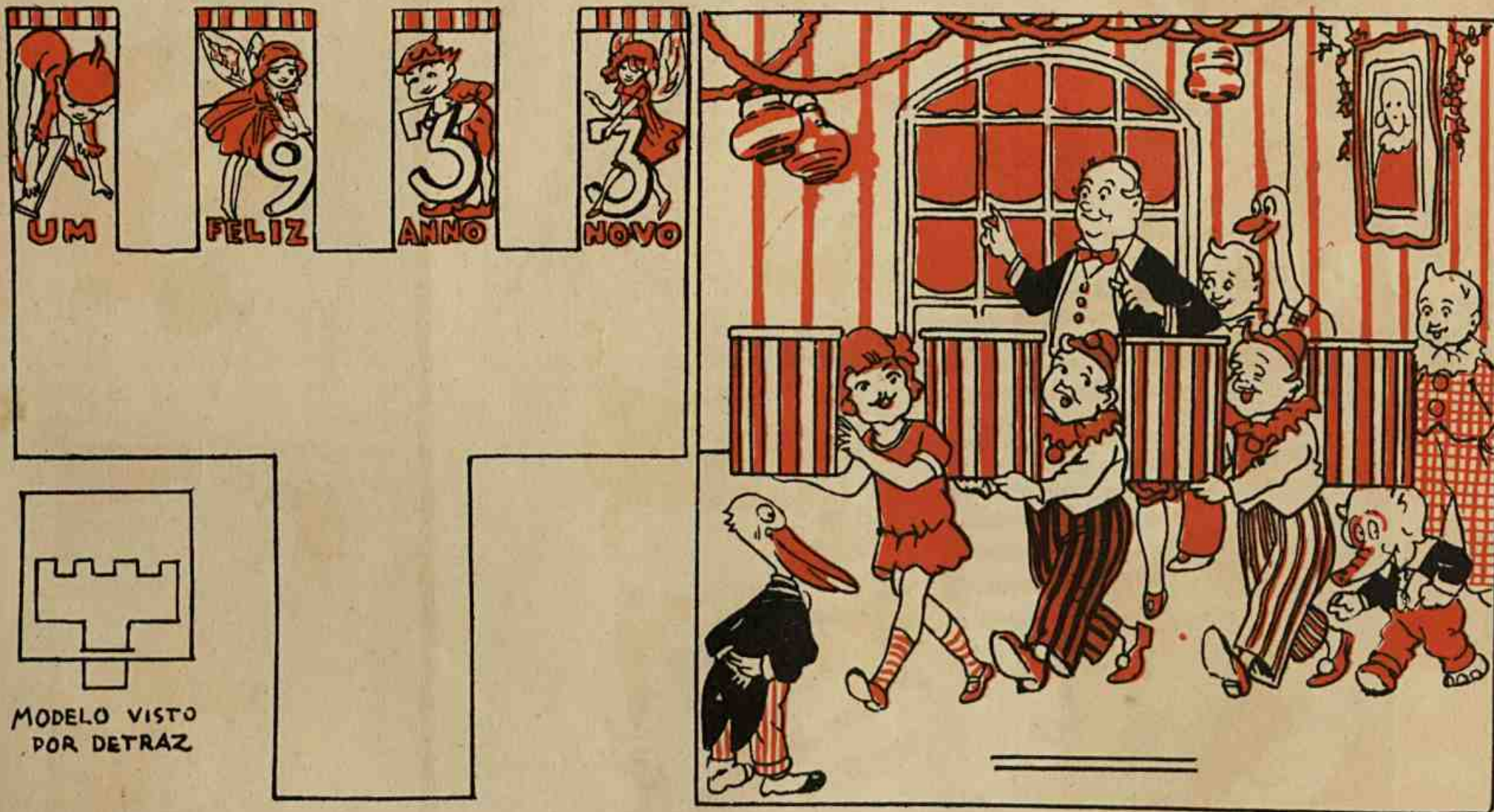
Escrevendo 4.172 admiraveis versos latinos nas areias da praia!...

Bolas

— Não vale a pena, Belmiro,
Por uma bola perdida
Pensar assim deste modo
Como se pensa na vida...

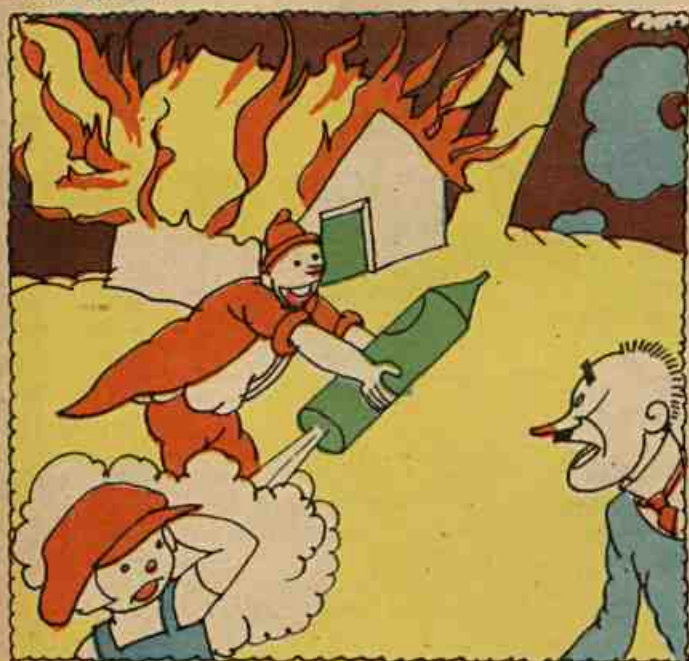
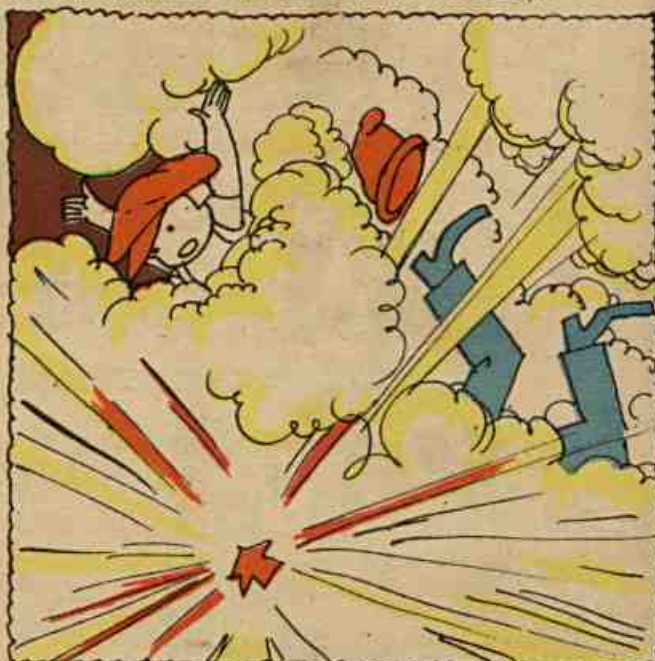
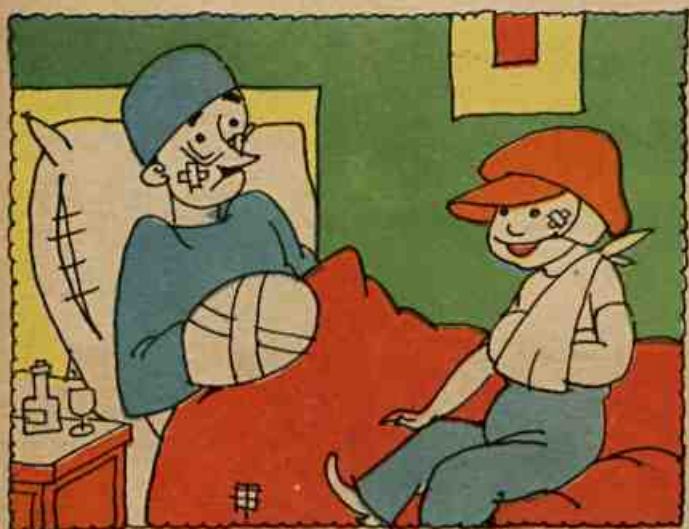
— Mas, a bola era sabida
Meu amigo Balthazar,
Fazia um **goal** bem certinho
Sem ser preciso **shootar**...

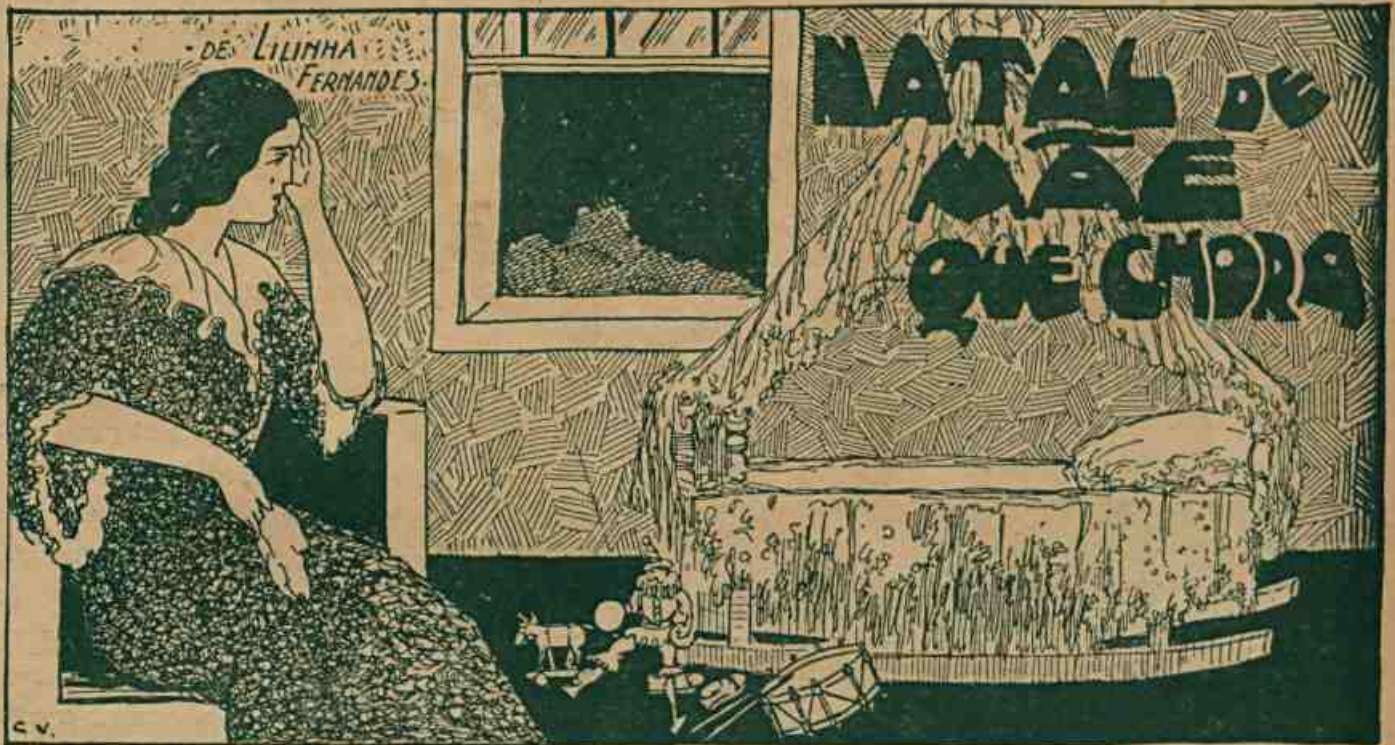
— Pois então, Belmiro, amigo
E' facil de concertar:
Abre um collegio p'ra bolas
E as bolas toca a ensinar!...

Um feliz anno novo

Explicação: — Collem as duas peças em cartolina, recortando-as, em seguida. Abram a canivete a parte superior de cada caixa que os meninos carregam, bem como o espaço assignalado com dois traços na parte inferior da peça maior. Introduzam, depois, os quatro dentes da peça menor nas quatro ranhuras da figura maior do modo indicado no modelo. Movendo, em sentido vertical, a alêta da figura maior, verão que das caixas carregadas pelos meninos surgirão lindas figuras saudando o anno novo.

CARTOLA E BORBOLETA

Ha muito tempo o Cartola andava querendo passar um plano no tio de Borboleta.

Munido de um extinctor de incendio o famigerado prestou-se a fazer uma experiencia, depois de atear fogo á um casebre.

Mas, não sabendo manejar o apparelho o tiro lhe sahiu pela culatra.

O extinctor explodiu como uma bomba e levou tudo pelos ares.

Borboleta e o tio ficaram oito dias de molho e o Cartola foi ..

.. veranear alguns mezes no estado maior das grades.

Um dia, um lindo pimpolho,
um brejeiro garotinho,
que além de ser muito arteiro
era tambem palrador,
deixou o ninho da terra,
para fazer novo ninho
Junto de Nosso Senhor.

E sua mãe, sem conforto,
num constante soffrimento,
em meio de atroz saudade
que não podia domar,
vivia num desalento,
a todo o instante a evoca.
os dias que alegremente
passou, risonha e feliz,
embalando docemente
entre cantigas e beijos,
o seu travesso petiz
— aquelle ser innocente,
aquella mimosa flôr
que era todo o seu cuidado,
seu enlevo e seu amôr!

Nessa noite em que a alegria
deixava em todos os lares
uma celeste harmonia,
no seu pequeno casal,
que modesto se occultava
em meio de um laranjal,
cresceram mais os pesares,
era maior a agonia!

Com a alma dilacerada
a inditosa mãe chorava,
sem achar consolação.
Dessa magua exacerbada,
a dolorosa razão,
toda gente adivinhava
na tristeza que em seu rosto
o soffrimento deixara.
— Era o filho que se fôra...
era o Natal que chegara...

Seus olhos amortecidos,
pelo pranto derramado,
não cansavam de fitar
uns pequeninos sapatos
onde, tambem, num Natal,
o bom Noel foi botar;
um lindo polichinello
para o bébé se alegrar.

.. ..

Quando, ao nascer do outro dia,
o sol, ao canto das aves,
enchendo a Terra de luz,
deixou fagueiro o seu leito;
e o sino da velha ermida,
que entre colinas se erguia,
chamando os fieis á missa,
badalava satisfeito,
no cemiterio que havia
distante do povoado,
num sepulchro de creança,
os coveiros encontraram
um lindo polichinello,
nuns sapatinhos deitado.

E, errando por entre as campas,
viram cheia de emoção,
uma mulher inda moça,
de olhar absorto e extranho
perdido na immensidão...

.. ..

— Pobre mãe desventurada
a quem fugira a razão!

O PINGUIM

O pinguim é uma das aves mais estranhas que os ornithologistas conhecem. Os marinheiros chamam-na "João Pinguim" que anda como homem.

O pinguim é uma ave de apparencia exotica encontrada nas regiões antarcticas, tendo pernas curtas, asas curtas, cobertas com pennas que se parecem com escamas, um corpo de pato e uma cauda muito curta.

Ha cerca de 15 especies variando no tamanho de 18 pollegadas a 3 pés de comprimento. Na agua,o pinguim usa de asas curtas como remo e os pés providos de nadadeiras servem como lemes. Os pinguins não sentem frio, por mais baixa que seja a temperatura, visto possuirem uma camada de gordura sob a pelle.

SORTES DE SÃO JOÃO

MUSICA DO "OS TRES GAROTOS"

Aqui estamos prazenteiros
a falar ao coração (*bis*)
desvendando, alviçareiros,
as sortes de S. João.

(*Avança um menino com um copo tendo um ovo dentro d'agua*):

Neste copo o ovo guardado
traz mysterios de vencer;
ou serei abençoado,
ou em breve hei de morrer.

(*Olha o copo, cheio de espanto e de alegria*):

Mas que vejo, vida minha,
linda cousa de pasmar;
Vejo erguida a capellinha
(*dando uma volta radiante*),
- Meu Jesus, vou me casar...

(*Os tres*):

Aqui estamos prazenteiros
etc., etc.

(*Adianta-se um menino, tendo na mão tres caroços de feijão*):

Trago na mão, com cuidado,
tres feijões,podeis bem ver (*mostra-os*)
um é branco, outro raspado,
outro é negro de doer.

(*Fecha os olhos, buscando escolher um*):

Fecho os olhos, tiro a sorte,
qual a dita a me aguardar ?

(*Examina o que tirou, dando provas de satisfação*):

— todo negro — é grande porte !
Vou ser rica, vou gozar.

(*Os tres dansando*):

Aqui estamos prezenteiros
etc., etc.

(*Dá um passo uma menina, com dois papelsinhos dobrados. Mostra-os*):

Estes papeis, dobradinhos,
um diz — sim; outro diz — não.
Para tantos segredinhos,
respondei meu S. João.
Metto os dedos de velludo,
Olhem todos para mim
(*Sonhadora*)
— Vencerei no meu estudo?
(*Radiante ao ler o papel*)
S. João diz-me que — sim.

(*Os tres retirando-se a dansar*):

Vamos, vamos prazenteiros,
já — falamos — coração,
desvendando, alviçareiros,
as sortes de S. João.
Se quizerdes, minha gente,
ver da vida o ermo vão,
perguntae incontinente
ao amado S. João.

LEONOR POSADA

ERAM completamente differentes Antonietta e Dulcina.

Antonietta, estudiosa, applicada, vivia ás voltas com os livros, consultando notas e preparando lições; Dulcina, vadia em extremo, só pensava em brincadeiras.

Quando a directora da escola, que ambas frequentavam, descobria qualquer travessura, não precisava muito para achar a autora — era Dulcina!

Approximava-se a época dos exames.

Antonietta, calma, certa do seu preparo, repassava as lições numa leve recordação. Dulcina, comprehendendo o erro em que vivera, via chegar com pavor a semana das provas.

Mas era intelligente, sabia-o! Poderia talvez, estudando, fazer qualquer coisa.

Resolveu então recorrer á Antonietta, pedindo-lhe umas explicações.

Orgulhosa do seu valor, a menina respondeu-lhe:

— Não passaste o anno todo a brincar? Agora...

Dulcina nem esperou que ella acabasse a phrase; debulhada em lagrimas voltou para casa. Cheia de dôr e de arrependimento, não quiz tomar parte nas festas do fim do anno e nem tampouco assistiu á distribuição dos premios.

Extranhando a ausencia de Dulcina, a directora foi procural-a. A menina, por entre lagrimas, confessou toda a sua vadiação e contou-lhe o que se passara entre ella e Antonietta.

Reunindo, então, ambas no seu gabinete, a directora falou-lhes com brandura:

— Vocês duas aqui, sem o querer, repetiram a fabula da cigarra e a formiga. Dulcina foi a cigarra imprevidente... Antonietta, a formiga...

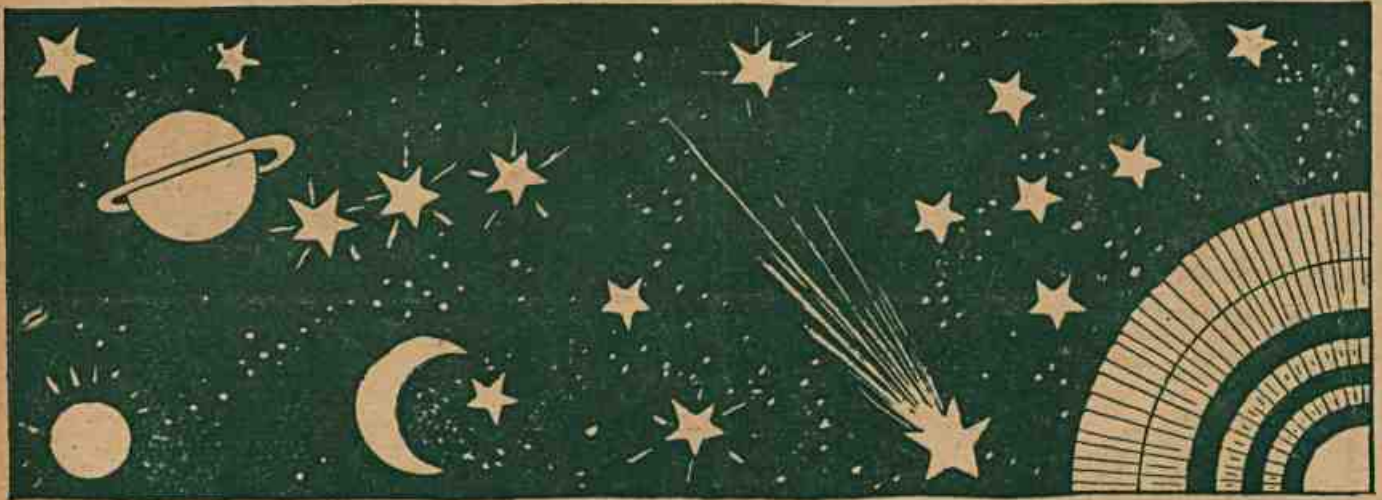
Mas ah! se o trabalho da formiga e a alegria da cigarra me encantaram, a avareza de uma e o desleixo da outra me entristecem...

A você, Antonietta, foi a cigarra pedir auxilio; você negou-o! Fez mal!

E' certo que essas explicações pouco adiantariam... mas não acha você mais agradavel prestar-se um favor que causar tristeza?

Antonietta baixou os olhos; Dulcina approximou-se-lhe. As mãos de ambas se apertaram...

A cigarra e a formiga acabavam de fazer as pazes!

LEONOR POSADA

NO MUNDO DA LUA

UMA PEQUENA VIAGEM AO PALLIDO SATELLITE DA TERRA

E' tal o poder dos telescopios modernos, que um objecto, um ser, um accidente de terreno, que exista na Lua, do tamanho de um elephante, póde ser visto nitidamente pelos astronomos.

Actualmente sabemos mais da Lua do que da Africa Central. E como a Lua não está rodeada por uma camada de ar, vê-se nella tudo claramente, sem que a atmosphera com suas nuvens e nevoeiros seja um obstaculo a nosso olhar.

Por que não tem a Lua atmosphera? Simplesmente porque a força de gravidade não existe nella de modo apreciavel. O peso de um objecto sobre um planeta depende de seu volume.

Supponhamos que um homem pudesse chegar a Jupiter, o maior dos planetas do systema solar. Ser-lhe-ia difficil levantar ali um braço, tal seria o augmento de seu peso. No Sol, o hypothetico viajante necessitaria de um guindaste para fazer esse movimento. Em Marte, que é menor do que a Terra, dar-se-ia o contrario; um homem terrestre poderia saltar facilmente por cima de uma casa.

A Terra está rodeada por uma camada de atmosphera; porém, a Lua, sua filha, não tem ar. Por isso considera-se pouco provavel que exista ali vida semelhante á da Terra. Talvez haja por lá alguma vegetação em certas crateras e frestas profundas; porém, até agora nada foi divisado e a Lua parece um mundo desoladoramente deserto. Sem duvida o astronomo que com os olhos mecanicos vê com tanta nitidez a superficie da Lua, sente-se tão perto de suas montanhas, que lhe seria permittido julgar-se, ás vezes, no alto de uma dellas, contemplando a paizagem, que o rodeia. Vamos rogar ao astronomo que nos deixe estar a seu lado alguns instantes para observar com elle as imponentes caracteristicas da paizagem lunar.

O dia lunar é tres vezes maior do que o nosso. Não ha, porém, ali aurora, como na Terra, porque é a atmosphera que, reflectindo os raios solares quando o sol está abaixo da linha do horizonte, nos proporciona os deslumbramentos do alvorecer e ao crepusculo. Os raios do Sol, muito mais ardentes ali do que em nosso planeta, porque não são coados pela capa atmospherica, apparecem de subito no horizonte negro, illuminando fortemente as cristas das montanhas, emquanto os valles continuam sumidos em obscuridade completa.

Na Terra, a luz do sol é suavisada pela cortina de ar; na Lua os raios solares chegam puros e são, por conseguinte, muito mais luminosos do que os que nos alcançam. Por outro lado sua luminosidade resalta extraordinariamente contrastando com o firmamento negro, que o envolve.

A Terra é vista da Lua tres vezes maior do que a Lua é vista de nosso planeta, devendo constituir para os lunares (se elles existirem) um espectaculo imponente e magnifico. Apresenta phases semelhantes ás que observamos na Lua. A Terra Cheia, que equivale ao que chamamos Lua Cheia, apparece de vinte e nove em vinte e nove dias. O selenita, ou lunar, vê a Terra girando sobre seu eixo, com os continentes e zonas polares distinctamente visiveis em sua superficie — a superficie de um grande globo luminoso suspenso no espaço. Portos da superficie apparecem obscurecidos por massas de vapor, esbranquiçado que se movem lentamente e quasi sempre parallelas ao equador. São as nuvens.

Porém, para não esquecer que estamos no cume de uma das montanhas da Lua, observemos a paizagem que nos cerca. Vemos por toda a parte uma scena da mais impressionadora desolação. Em alguns pontos as sombras tornam o solo absolutamente impenetravel á nossa vista. Cones vulcanicos se erigem por toda a parte em infinitas cadeias; seus diametros variam desde algumas centenas de metros até muitas milhas. A uma distancia de quarenta milhas, mais ou menos, elevam-se os cumes de uma gigantesca linha de montanhas. Não é possivel apreciar exactamente a distancia, devido á falta de perspectiva aerea. Demais, nos arredores nota-se que a região se compõe principalmente de collinas formadas com restos vulcanicos, rochas, precipicios, frestas sem fundo e montanhas; scenario sem duvida de inconcebiveis commoções em épocas anteriores á historia humana e agora silencioso mundo morto. E' um mundo vasio de vida, de ruido, de movimento e no qual, como não actúa nem sequer o agente atmospherico, está tudo por igual a milhares e milhares de annos. Mesmo que o sol prodigue seu calor sobre esse colossal cadaver, durante o longo dia lunar, as rochas permanecem sempre frias. A's vezes desprendem-se barrancos inteiros dos flancos de colossaes montanhas sem ruido algum, porque como não ha ar na Lua, não póde ali vibrar nem se transmittir som algum. Não existe ar, nem tampouco agua; nada que seja uma condição de vida.

Mundo de grandeza sublime, mas tambem horrivel. Por sorte nossa a visita foi sómente uma hypothese. Regressemos á nossa querida Terra, muito mais estimavel, apesar de seus defeitos.

OS PAPAGAIOS

No Brasil ha uma grande variedade de papagaios, bem como os ha na India e na Australia. Assim, os papagaios da India differem um pouco dos do Brasil por serem mais esguios, de bico mais comprido, de garras mais fortes e de terem uma especie de pennacho sobre a cabeça.

Muitos papagaios da India e Australia têm plumagem esbranquiçada, com manchas alaranjadas, vermelhas, amarellas e verdes. Os papagaios domesticam-se facilmente e constituem adorno de muitas casas.

OFFERENDA DE BOA VONTADE

O dia vinte e cinco de Dezembro é para mim o dia mais bonito. Basta ter sido o dia do nascimento de Jesus. E' um verdadeiro encanto! Todos gostam de festejal-o, desde os mais pobres até os mais ricos.

Os pobres coitadinhos, trabalham o mais possivel para no dia de Natal fazerem uma boa ceia. Os ricos não precisam trabalhar para passarem a noite alegres em seu lar.

Em casa de Lili, reinava nesta noite grande alegria.

Estava ella com muito somno e indo para o seu bello quarto para dormir, tirou de dentro de uma gaveta uma camisola azul que ganhara de sua avó, e vestiu-a.

Com as mãozinhas postas e olhando para o céo fez a sua oração para dormir.

Sonhou nesta noite com papae Noel, que lhe havia trazido muitos brinquedos, mas muitos! Pediu a papae Noel que levasse para a filha da lavadeira, uma boneca de louça muito corada.

Entra pela janella um raio de sol e Lili acorda, pulando no mesmo instante da cama, para ver os seus brinquedos, e dá com sua mãe que lhe pergunta.

— Gostaste dos brinquedos Lili?

— Gostei, minha mãezinha, e a Lucia deve estar muito alegre, pois ganhou uma boneca que foi sempre o seu maior desejo.

— E como sabes?

— Esta noite sonhei com papae Noel e pedi-lhe que levasse para Lucia uma boneca.

Lucia ganhou o presente de papae Noel retardado.

Fôra a mãe de Lili, que lhe comprara.

Passou a tarde muito contente a menina.

NEUZA GUIMARÃES

De onde os mezes tiraram os seus nomes

"Janeiro" deriva o nome do latim "Januarius", mez consagrado a Janus, um dos principaes deuses da Roma antiga. Era a divindade da paz e da guerra e se representava por uma cara de duas faces.

"Fevereiro", de "felmare", fazer expiações. Os romanos as faziam em Fevereiro, antes do novo anno, que começava a 1º de Março. Elles julgavam conjurar desse modo as máos espiritos.

"Março" procede do nome do deus da guerra, Marte (Mars), pae de Romulo e Remo, fundadores de Roma, segundo a conhecida tradição.

"Maio" deve o nome á deusa "Maia" identificada depois com a filha de Atlas, amada por Jupiter.

"Junho" provém de "Juno", a deusa protectora do sexo feminino, filha de Saturno e esposa de Jupiter.

"Julho" tinha, primeiramente, o nome do "Quintilis" (5º); mas no anno 45 antes da éra christã, foi chamado "Julius", em honra de Julio Cesar, que nascera nesse mez.

"Agosto" era, no começo, designado por "Sextilis" (6º). Recebeu, mais tarde, o nome do imperador Augusto (Augustus).

"Setembro" era o setimo mez do anno romano, que principiava, como vimos, em março.

"Outubro" era o oitavo mez.

"Novembro" era o nono.

"Dezembro" era o decimo mez do anno.

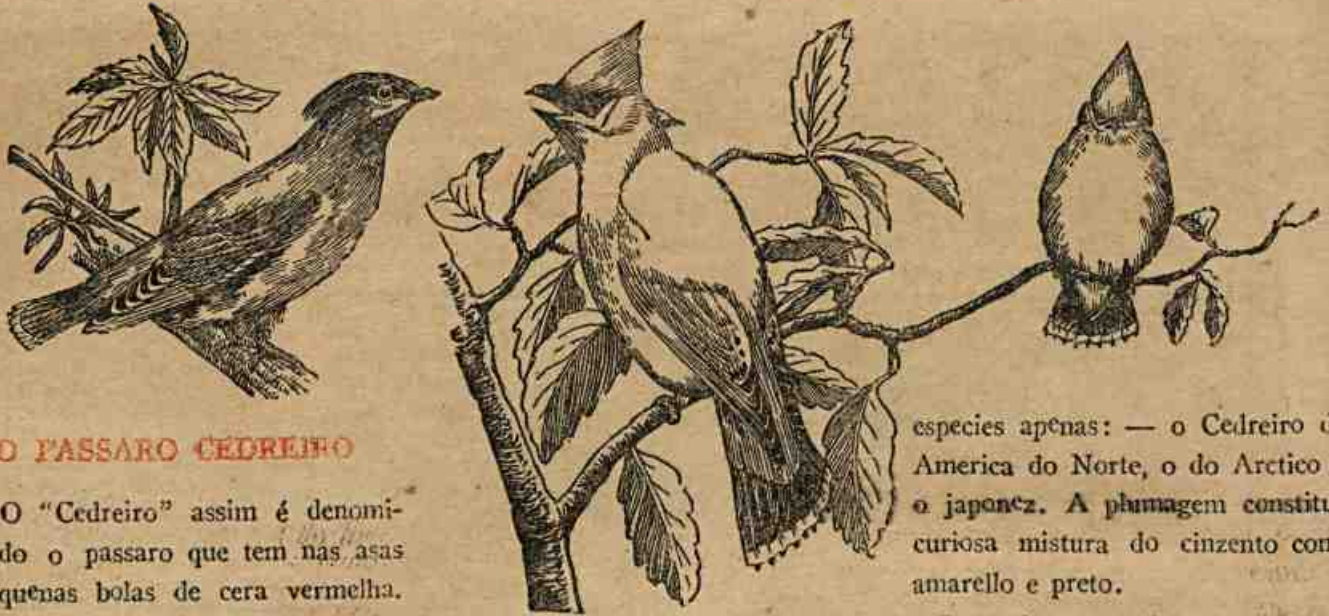
A Missa do Gallo

Foi o Papa Telesforo quem primeiro teve a idéa de celebrar tres missas na noite de Natal. Symbolizam ellas, segundo sua propria interpretação, os tres Nascimentos de Jesus: um na Divina Vontade do Pae; outro no Presepe de Belém; e outro nos corações dos fiéis.

O nome de Missa do Gallo vem provavelmente do facto de que a primeira se celebra á meia noite que é geralmente a hora marcada pelo canto do gallo.

Segundo certo historiador muito antigo (Albertus Argentinensis), quando se celebrou em França a 1ª Missa do Gallo, Carlos Magno esteve presente e, á hora do Evangelho, poz-se em pé e, desembainhando a espada em signal de reverencia, deu inicio á leitura do mesmo.

Esse gesto converteu-se num costume e, por muitos seculos, o Soberano Reinante ou a pessoa autorizada a represental-o, assistia á santa Missa e lia as primeiras palavras do Evangelho.

No tempo de Benedicto XIV, o Papa costumava, depois da missa do Natal, benzer uma capa e uma espada e offerecel-as a um dos Principes presentes.

O PASSARO CEDREIRO

O "Cedreiro" assim é denominado o passaro que tem nas asas pequenas bolas de cera vermelha. Esses passaros distinguem-se dos outros pela curiosa expansão de algumas pennas, proporcionando algo parecido com pequenas bolas de cera. A familia comprehende tres especies apenas: — o Cedreiro da America do Norte, o do Arctico e o japonez. A plumagem constitue curiosa mistura do cinzento com amarello e preto.

Legendas: — A' esquerda, o passaro Cedreiro da America do Norte, no centro o do Arctico.

Quantos annos vivem os animaes ?

E' muito variavel a idade que attingem os animaes de uma mesma especie. Entre os mammiferos os de maior tamanho geralmente têm vida mais longa. Tal não succede entre as aves: por exemplo o papagaio e a aguia de tão diversos tamanhos alcançam a mesma idade.

Ao leitor interessado chamamos a attenção para os dados que se seguem e que são o resultado de escrupulosas observações. E' claro que as cifras representam o maximo que um animal pode attingir e não o que geralmente attingem; accidentes, doenças, outros animaes e tambem o homem quasi sempre lhe cortam a vida que podia ser tão bella.

Começamos pelo polvo! Este asqueroso animal pode viver 50 annos, a modesta minhoca attinge a bella idade de 20 annos, a sanguesuga 27, o siri e o caranguejo 20, aranhas só 1 a 2 e bezouros até 5 annos. A rainha das abelhas tambem vive 5 annos emquanto que a existencia das operarias é só de 6 semanas. Das formigas se sabe que podem viver 15 annos. As ostras e os mariscos chegam aos 12 a 14 annos; sua irmã a concha, peroleira é de muito maior longevidade, pois alcança 100 annos.

Entre os peixes ha verdadeiros mathusalens, pois não é raro attingirem 100 annos de vida. O sapo tem 40 annos de util existencia, a rã morre aos 10. Os cágados e tartarugas vivem uma idade incrivel, 300 annos é o bello numero alcançado por esses reptis.

Muito mais observada foi a vida das aves. Do gallo sabemos que attinge 20 annos, a gaivota chega aos 45, o ganso e o pato aos 100 annos se antes não acabarem na panella. A idade maxima do cysne é de 102, a da garça 60 e da cegonha 70 annos. De um falcão se sabe que viveu 162 annos. Arara, papagaio, coruja, aguia e abutres chegam até os 100 annos. O pequeno canario, cuja voz tanto nos delicia, vive 24 annos.

Dos mammiferos o nosso conhecido e pacato burro attinge 106 annos, emquanto que o fidalgo cavallo morre aos 40 ou 50 no maximo. O limite da idade para o gato é de 22 e para o seu inimigo inveterado o cão de 28 annos. Leão e onça attingem 25 annos; o gado bovino e os carneiros tambem não vão além dessa idade. Elephante e baleia, estes dois gigantes, são gigantes até na idade, porque só depois dos 200 annos é que começam a declinar.

Todos os dias, á hora doce do crepusculo, uma figura de mulher, num leve e medido andar cheio de graça, sahia no portal do palacio de El Rei. Quando ella passava, ligeira e silenciosa como uma sombra de nuvem, a feroz sentinella, toda vestida de ferro, sentia uma suave onda de ternura envolver-lhe o coração bronco e féro como o dos lobos e dos mercenarios... Não estendia a longa lança hostil a embargar-lhe os passos. Extactico e mudo, deixava-a seguir, em paz, o seu caminho.

Apenas, seguia-a com o olhar longamente, até que, ao fundo da estreita viella mergulhada já na sombra da noite proxima, o seu doce perfil cheio de graça desapparecia de todo.

Mas, já noite alta, emquanto, ao longe, no fundo do mar adormecido, como uma galera de encanto, a lua nova fluctuava ao balanço das ondas, o rude soldado em vão perguntava a si mesmo quem poderia ser a formosa dama... E cheio de assombro ficaria por certo, si alguem, ao ouvido, lhe murmurasse o nome de sua soberana e senhora, a rainha...

Rude e aspero era El Rei, e nunca ella a delicada flor de graça e de bondade lhe ouvira uma phrase gentil, um doce galanteio, uma palavra de ternura amavel. Vivia, bronco senhor feudal, apenas para os seus torneios e para as ferozes montarias aos javalis das serras. Quando não andava em pelejas com mouros ou ás mãos com vassalos rebeldes, passava os dias e as noites em meio aos seus barões, jogando, bebendo ou altercando, em ruidosas porfias sobre incidentes de caça ou ferozes episodios de guerra e de rapina.

L E N D A
R O M A N A

E a doce e linda rainha, ia assim passando os seus dias na solidão do seu castello, entre as aias mudas e tristes como ella, enchendo os longos serões de inverno com ouvir velhas historias de peregrinos ou cavalleiros errantes, emquanto o fuso redopiava no ar continuadamente, e fora, de quando em quando, o pio de um mocho quebrava o silencio da noite.

Mas Deus apiedara-se de sua triste sorte dando-lhe um coração compassivo. Todos os dias, ao anoitecer, enchia ella o seu amplo avental de linho com grandes pães e pedaços de vianda cozida, e, num leve e subtil andar, sahia á estrada, atravessando o portal do castello, sem que o soldado de guarda ousasse embargar-lhe os passos.

Ia de lar de pobre, a lar de pobre. A viuva, o orphão, o entrevado, escutavam-lhe do fundo escuro dos seus tugurios o medido e macio andar... Ninguem era esquecido no quinhão da sua pidade illuminada. E de regresso ao palacio, sob o céo rutilante de astros, vazio trazia o seu amplo avental de linho, mas cheio, a transbordar de jubilo, o coração.

Ora, El Rei, certa vez, soube das clandestinas sahidas da rainha. E ao cahir de uma noite foi esperal-a de emboscada. Nem larga foi a espera, pois mal foi anoitecendo, lá surgiu ella, a doce figura gentil, ao fim da villa deserta. Num rythmado e sereno passo vinha vindo em direcção a El Rei.

No céo alto e limpo as estrellas abriam silenciosamente. Vinha de longe, nas asas da viração, o canto nostalgico dos camponios. E a doce mulher, na cadencia do seu andar de sombra, avançava, avançava...

De repente deu um breve grito de espanto e estacou. A' sua frente surgira-lhe de improviso, o vulto grande de El Rei.

— Por certo, não me esperaveis, senhora minha... Bem se vê pelo susto que em vosso semblante se pinta... — Cousa de vulto e muito de se ver!... Uma rainha de Portugal, a estas horas, por villas lobregas e sem a guarda que a vós e a mim se deve!...

— Ouvi meu senhor.

— E o que trazeis, si vos não pesa, no regaço do vosso avental? pingue e cheio o trazeis, senhora minha!

A doce mulher, de olhos no chão, em balde procurava uma palavra. Deante do seu senhor e esposo, era sempre a mesma fragil graça de haste nova a se curvar á força do vento.

— Mas por que tremeis perturbada? Causo-vos eu medo porventura? Dizei o que trazeis no avental, senhora!

Então ella teve uma inspiração, e, sorrindo, um doce sorriso de candura, respondeu:

— São rosas, meu senhor... Rosas e nada mais.

— Ah! são rosas?! Pois deixae que eu as veja, senhora, as rosas que tão occultas trazeis...

E, de um repelão brusco, abriu-lhe o avental.

Então, uma divina chuva de rosas cahiu do avental ao chão, que ficou branco e lindo como si estivesse coalhado de estrellas...

Este foi o milagre amavel, delicado e divino.

O AVÔ E O NETO

CONTO DE GRIMM

Era uma vez um velho que estava quasi cego e escutava muito pouco. Tão velho e doente estava o pobre homem que os joelhos e as mãos lhe tremiam e, assim, quando se sentava á mesa, á hora das refeições, mal segurava a colher, entornando a sopa na toalha e deixando-a escorrer da bocca. O filho e a nora do pobre velhinho agastavam-se muito com essa attitude e resolveram que o ancião passasse a comer num canto, sem mesa, numa tijella de barro.

O pobre velhinho olhava para a mesa, onde já fôra o senhor, e nada dizia. No emtanto, os olhos arrasavam-se-lhe de lagrimas.

Um dia, o pobre homem deixou cahir de suas tremulas mãos a tigella de barro, que se fez em pedaços.

O filho e a nóra ralharam muito com o infeliz velhinho, que apenas respondeu suspirando de magua. Mas outra humilhação lhe estava reservada. Desse dia em diante o desventurado ancião começou a comer numa gamelhinha de páo, que a nóra comprára por alguns tostões.

Ora, dahi a dias estavam o marido e a mulher sentados á mesa e repararam que um filhinho de quatro annos estava muito entretido a juntar umas taboinhas, sentado no chão.

— Que estás fazendo? — perguntou-lhe o pae.

— E' uma tijellinha de páo, como a do vôvô, para o papae e a mamãe comerem quando forem velhos! — respondeu a creança.

Então os dois esposos olharam um para o outro e, por fim, começaram a chorar.

Tendo comprehendido a lição que o filho lhes dera, foram chamar o velho infeliz para a mesa, serviram-no como a qualquer outra pessoa e dahi em diante não se impacientavam quando o ancião, com as mãos a tremer, deixava cahir a sopa na toalha da mesa.

A' esquerda, a marmota commum da America, denominada "Woodchuck", e á direita, a "Whistler", a maior marmota da America do Norte.

AS MARMOTAS

As marmotas encontram-se na Europa, Asia e America do Norte. A marmota alpina é, provavelmente, a especie mais conhecida. A marmota da America do Norte é typica, apresentando pello aspero, cauda comprida, pernas fortes e os pés armados de garras com que abre buracos no sólo. A sua côr usual é um castanho sujo. As marmotas vivem nesses buracos e quando chega o inverno ellas encafuam-se nelles, hibernando.

JESUS PEQUENINO

Estava Maria
A' beira do rio,
Lavando os panninhos
De seu bento filho.

Lavava a Senhora,
José estendia,
Chorava o menino
Com o frio que tinha.

Calae, meu menino,
Calae, meu amor!
Do mundo os peccados
Me cortam de dôr...

Os filhos dos homens
Em berço dourado,
E vós, meu menino,
Em palhas deitado!

Em palhas deitado,
Em palha esquecido,
Filho de uma rosa,
De um cravo nascido!

Os filhos dos homens
Em berço de flores,
E vós, meu menino,
Gemendo com dôres!

Os filhos dos homens
Em bom travesseiro,
E vós, meu menino,
Preso a um madeiro!

A CREANÇA

O que é a creança?

Um ser mimoso, delicado, cheio de graça e innocencia para o qual todo o cuidado e carinho que tivermos será pouco.

A creança é o sol radioso que illumina e enche de alegria todos os lares; é uma avezinha gentil que, com seus pipilos suaves, nos estende desde o berço os tenros bracinhos e que mal começa a ensaiar os primeiros passos, põe a casa num alegre alvoroço com o seu constante e sonoro chilrear; a creança é todo o nosso encanto, toda a nossa felicidade!

Lar em que não haja uma creança ao menos, não é um lar feliz; é ella o doce enlevo de nossa existencia; é ella que com suas risadinhas argentinas nos faz esquecer por momentos os dissabores da vida.

O' paes que tendes filhos pequeninos bemdizei a Deus essa ventura, e como prova de gratidão para com Elle, cercae de carinhoso cuidado esses entezinhos delicados e brejeiros.

Sêde o Anjo da Guarda de vossos filhos; velae pela saude de seus corpinhos mimosos e pela pureza de suas candidas alminhas, e sereis ainda mais venturosos, ó paes que tendes filhos pequeninos!

"Bemditas sejam as creanças,
Salve avezinhas do lar!
Sois as nossas esperanças,
Encantos do nosso lar!"

YOLANDA B. FREIRE

A FONTE E A FLOR

"Deixa-me, fonte" — dizia
A flor, tonta de terror.
E a fonte, sonora e fria,
Cantava, levando a flor.

"Deixa-me, deixa-me, fonte!"
Dizia a flor a chorar:
"Eu fui nascida no monte...
Não me leves para o mar."

E a fonte, rapida e fria,
Com um sorriso zombador,
Por sobre a areia corria,
Corria levando a flor.

"Ai, balanços do meu galho,
Balanços do berço meu!
Ai claras gottas de orvalho
Cahidas do azul do céo!"

Chorava a flor, e gemia,
Branca, branca de terror,
E a fonte, sonora e fria,
Rolava levando a flor.

"Adeus, sombra das ramadas,
Cantigas do rouxinol!
Ai festa das madrugadas,
Doçuras do pôr do sol.

"Caricia das brisas leves,
Que abrem rasgões de luar...
Fonte, fonte, não me leves,
Não me leves para o mar!..."

VICENTE DE CARVALHO

A MULHER DE PEDRA

— CONTO DE —

Viriato Corrêa

FOI um dia uma mulher, a mais infeliz de todas as mulheres. Ao nascer, morrera-lhe a mãe; o pae maltratou-a desde pequenina; casada, o unico carinho do bebedo do marido era espancal-a impiedosamente.

Um dia, a pobre mulher teve um filho. Imaginou que lhe ia nascer a primeira felicidade. Aquella creança risonha, leve, pequenina, iria um dia crescer e ser um dia o arrimo e a tranquillidade da sua triste vida desgraçada.

Mas o primeiro carinho que o filho lhe fez, ainda tenro, foi morder-lhe o seio. Quando cresceu a esbofeteou miseravelmente.

Foi uma noite de dor aquella em que a infeliz se convenceu que nem ao menos no filho iria encontrar a felicidade que tanto sonhara e queria.

Ali da sua choça, á beira da estrada, via o immenso contraste do mundo. Lá fóra era tudo alegre e radioso. Só ella, ella unicamente, não conhecia o raio de sol de uma alegria. A' sua porta passavam, em caminho da cidade proxima, todas as riquezas e todos os brilhos: eram mercadores opulentos de montaria luzente e bolso transbordante, ranchos de camellos balançando ao peso de sedas que seguiam para as feiras; carruagens que tilintavam com principes e princezas nas almofadas de velludo...

Só a sua vida era aquella eterna tortura, aquella constante escuridão. Lá de fóra, lá da cidade chegavam os rumores do grande torvelinho. Eram ruidos de banquetes, trechos de musica de algum festim distante, gargalhadas, hymnos e salvas...

Não haveria alguem que a tirasse daquillo. Não haveria um ser omnipotente que lhe apagasse a dor infinita que lhe enchia o coração.

Não lhe passava pela cabeça o desejo da grande vida que ouvia e sentia lá fóra, apenas queria não sentir mais aquella dor, aquella profunda dor de desgraça que lhe pesava na alma.

Uma noite, o filho, já homem, entrou bebedo em casa. Ella, encolhida no seu canto, tremia. E, como ella tivesse uma surpresa nos olhos, elle arrebentou numa tempestade.

— Ah ! estás querendo denunciar-me ? Rua ! Rua !

Ajoelhou-se, pediu, implorou. Não a puzesse para fóra que não tinha onde viver.

— Rua ! Rua !

E a pobre lá se foi pela floresta vagando. A noite era estrellada e silenciosa, a matta era acolhedora e tranquilla.

Ella foi andando, foi andando. Lá adeante cansou. As lagrimas rebentaram-lhe nos olhos. Por que Deus não lhe dava melhor sorte ! Por que Deus a não fazia insensivel á dor !

E adormeceu. Sentiu que a selva, aos poucos, se foi illuminando. Um clarão de aurora entrou suavemente pela ramada do arvoredo. E, aos seus olhos surpresos, surgiu um grande carro doirado com cysnes á frente e no alto da almofada uma mulher formosa a faiscar numa chuva de estrellas. O carro, vagarosamente, approximou-se; a mulher luminosa desceu, falando:

— Por que choras tanto, mulher ?

— Porque sou infeliz. Porque soffro, porque sempre soffri, porque a minha vida é uma dor eterna.

— Eu sou fada. Fala, pede. Tudo darei para alliviar a tua infelicidade. O meu poder não tem medidas. Se quizeres terras, castellos e palacios basta que m'o digas. Ouro, perolas, diamantes, purpuras não poderás contel-os em tua mão se, por um aceno, mostrares que os desejas. Tudo que quizeres eu te darei, tudo que sonhares eu te farei. Mesmo que te venha a fantasia de te sentares num throno de rainha, terás o throno assim o queiras. Fala ! Eu sou fada.

A mulher falou:

— Nada, nada que me promettes. Nem ouro, nem castellos, nem throno. Um desejo apenas é o meu, um só. Tu que tudo pódes, faze-m'o.

— Fala !

— Quero apenas não sentir mais dor.

A fada empallideceu.

— Não queres mais sentir dor?! O meu poder não chega a tanto. Tudo que vive, sente e soffre. O passaro, o insecto, a féra, a flor, tudo vive a sente. Ha apenas uma coisa insensivel na vida, é a pedra. Mas a pedra não vive.

— Pois faze-me pedra! — gritou a mulher.

A fada tocou-a com a varinha de condão. A terra estremeceu e um grito surdo abalou toda a floresta. E o corpo da mulher foi crescendo, crescendo até que se transformou num bloco de granito.

Desse momento em deante não sentiu mais dôr. Era insensivel como é insensivel a pedra.

A fada tinha sido caprichosa na sua obra: fez com que ella visse e ouvisse tudo e nada sentisse.

E perto daquelle bloco de granito deram-se as tragedias mais rudes da vida: passaros que piavam de fome nos ninhos, feras que destruiam feras, raios que faziam tombar troncos d'arvores que os seculos fortificaram.

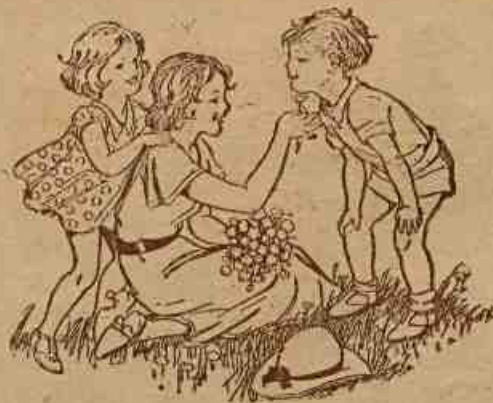
Ella via e ouvia tudo e nada, nada sentia. Era de pedra e a pedra não sente.

E passou-se.

Um dia notou que uns homens chegavam junto della.

Percebeu que lhe estavam a quebrar com pontas d'aço. Via o ferro entrar-lhe no amago, ouvia o malho tinir, mas nada e nada sentia. Era pedra...

Os homens carregaram-n'a para uma cidade. Comprehendeu tudo: ia servir de instrumento para a execução de condemnados.

Naquella cidade o cadafalso tinha uma fórma especial. Era uma pedra em cima e outra em baixo. Na de baixo collocava-se a cabeça do condemnado e, quando o carrasco puxava a corda, a pedra de cima cahia esmagando a cabeça do criminoso.

Ella foi ser a pedra que ficava no alto.

De tempo a tempo um condemnado era trazido á execução.

E, deante daquella pedra desenvolveram-se as scenas mais lancinantes. Eram noivas que vinham chorar deante do corpo ensanguentado do criminoso querido, viuvas que choravam a morte do esposo, creanças em plena orphandade repudiadas, mães delirantes que se atiravam a beijar a cabeça esmagada do filho morto. Por ali, em derredor, só havia gritos, maldições e prantos.

Ella via tudo, mas era de pedra e a pedra não sente.

Uma manhã ouviu ao longe o rumor da multidão que se approximava. Lá de cima comprehendeu tudo: era um novo condemnado que se trazia ao cadafalso. A multidão, em ondas, gritava vingança.

Mas desta vez parecia que era um criminoso maior que os outros.

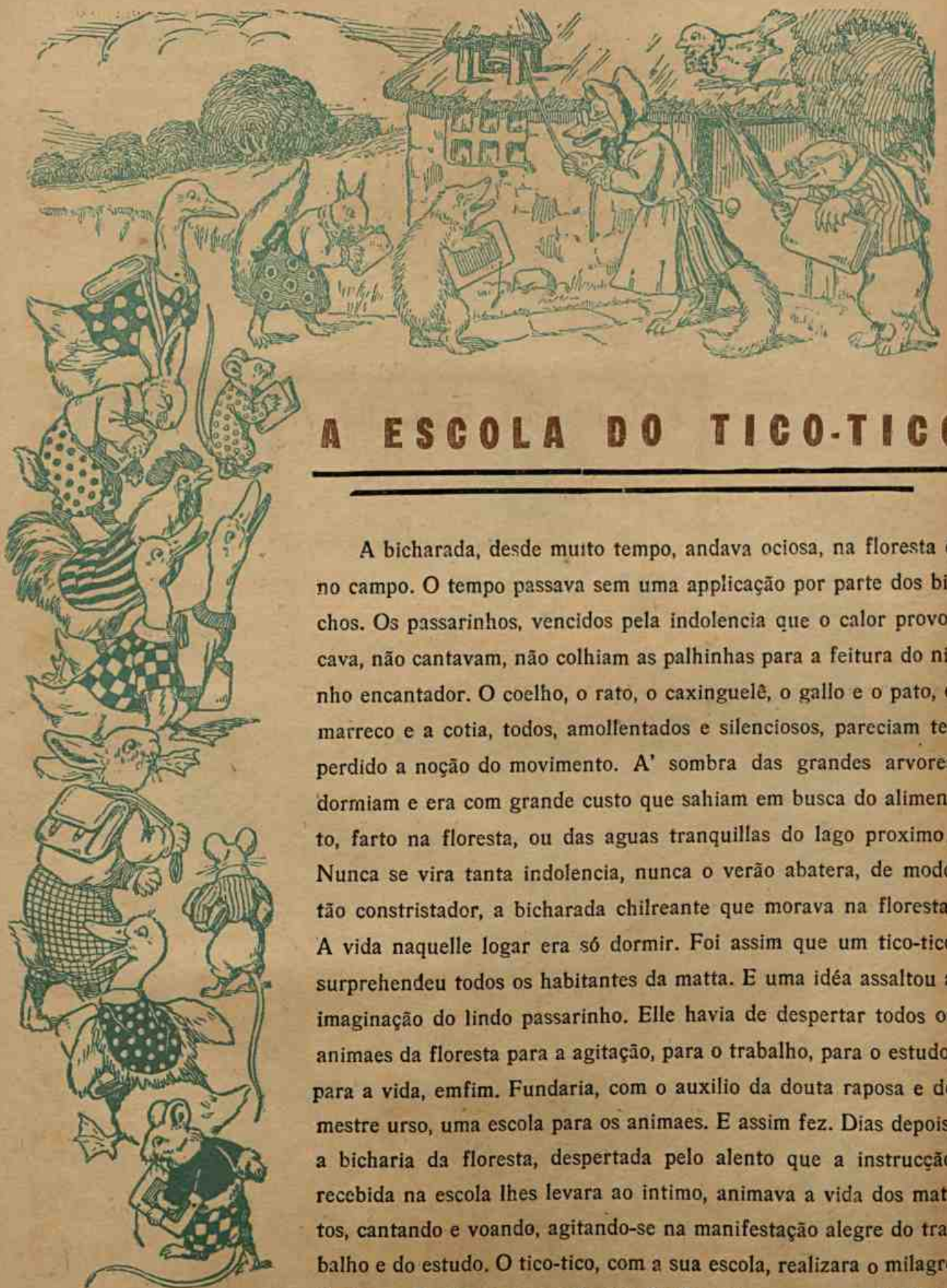
Os gritos da multidão eram mais intensos, a sêde de vingança parecia mais alta e mais fremente. Ficou attenta. O povo approximou-se. O carrasco, á frente, afastou a onda popular. E o vulto do condemnado surgiu.

Ella, a pedra, sacudiu-se como se um terremoto lhe houvesse abalado as entranhas. O condemnado era o seu filho.

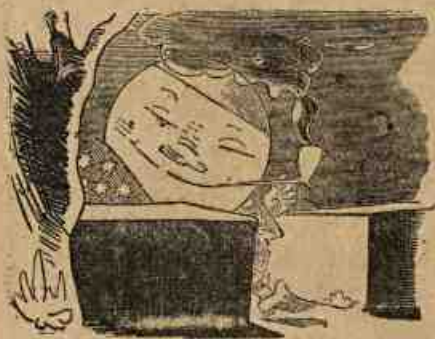
O carrasco fel-o deitar a cabeça sobre a pedra que ficava em baixo.

Ella, lá em cima, tranzida, estrangulada, vibrava na sua petrificação irremediavel. A multidão bradava exigindo a morte do bandido. O carrasco segurou a corda, puxou-a...

Só se viu um grande bloco de granito que se despencou no chão aos pedaços, esfarelado.

Mesmo pedra, ella era mãe.

A ESCOLA DO TICO-TICO

A bicharada, desde muito tempo, andava ociosa, na floresta e no campo. O tempo passava sem uma applicação por parte dos bichos. Os passarinhos, vencidos pela indolencia que o calor provocava, não cantavam, não colhiam as palhinhas para a feitura do ninho encantador. O coelho, o rato, o caxinguelê, o gallo e o pato, o marreco e a cotia, todos, amollentados e silenciosos, pareciam ter perdido a noção do movimento. A' sombra das grandes arvores dormiam e era com grande custo que sahiam em busca do alimento, farto na floresta, ou das aguas tranquillas do lago proximo. Nunca se vira tanta indolencia, nunca o verão abatera, de modo tão constristador, a bicharada chilreante que morava na floresta. A vida naquelle logar era só dormir. Foi assim que um tico-tico surprehendeu todos os habitantes da matta. E uma idéa assaltou a imaginação do lindo passarinho. Elle havia de despertar todos os animaes da floresta para a agitação, para o trabalho, para o estudo, para a vida, emfim. Fundaria, com o auxilio da douta raposa e do mestre urso, uma escola para os animaes. E assim fez. Dias depois, a bicharia da floresta, despertada pelo alento que a instrucção recebida na escola lhes levara ao intimo, animava a vida dos mattos, cantando e voando, agitando-se na manifestação alegre do trabalho e do estudo. O tico-tico, com a sua escola, realizara o milagre de tornar á vida os companheiros da floresta aos quaes a indolencia, por pouco, não anniquilara.

UM CASAMENTO BONITO

Muito branca, muito linda.
A vagar no firmamento,
A Lua esperava o instante
De assistir a um casamento.

Um casal de bezourinhos
Que andavam sempre a voar
Tinha tudo combinado
Para á noite se casar.

Um vagalume castanho
Deu o signal para a funcção —
Saudando o instante esperado
Com um tiro de canhão!

Abelhas e gafanhotos,
Numa orchestra harmoniosa,
Tocaram a noite inteira
Numa festa esplendorosa!

Uma barata cascuda
Dansou uma valsa engraçada,
Cheia de passos pulados,
Com a formiguinha encarnada.

A contradansa de honra
Coube a um bezouro ancião
Que dava gritos tão fortes
Como tiros de canhão.

O escaravelho dourado
Serviu doces no salão
Sendo a toalha da mesa
Uma folha de pinhão.

E a Lua, tão branca e linda,
A vagar no firmamento,
Assistia, langorosa
A festa do casamento.

Os bezourinhos castanhos,
Alegres, enthusiasmados,
Beberam tanta cerveja
Que ficaram embriagados.

Foi quando um guarda-nocturno
Percebendo o barulhão,
Surgiu armado e raivoso
P'ra acabar com a confusão.

E o guarda-nocturno grave —
Uma coruja pedrez —
Agarrou os bezourinhos
E metteu-os no xadrez.

E' ASSIM QUE OS DOIS COMEÇAM...

TERRA DE SENNA

Bonecos de Luiz Sá

(Jardim. Por uma alameda vêm em sentido contrario Lucinha e Alfredo. Ella 8 annos, de automovel. Elle 10 annos, montando um velocipede. Para desviar-se do velocipede Lucinha leva a barata de encontro a um p o s t e. Salta, então, do carro e dirige-se a Alfredo).

LUCINHA

Desastrado!

ALFREDO (como a querer desculpar-se)

Desastrado, eu? Então a senhora distrae-se, causa um accidente e eu é que sou desastrado?

LUCINHA

Serei eu, por acaso, a culpada? Por que o Sr. não se desviou a tempo? Bem se vê que é homem! Viu uma menina e ficou todo bobo sem saber o que fazer!

ALFREDO

E bem se vê que a senhora é mulher! Quer sempre um homem para assumir responsabilidades de seus actos! O bobo sou eu, mas quem perdeu a direcção foi a senhora...

LUCINHA

Mas não foi por sua causa, "seu" pretencioso... Um pirralho desses... Um pirralho que neste seculo ainda anda de velocipede... Quem dera ao senhor uma barata, ao menos para um dia de festa!

ALFREDO

Seria preciso que eu fosse futil para me preoccupar com essas tolices, ouviu? Seria preciso que eu tivesse nascido — mulher...

LUCINHA

Bravos pela descoberta! Então, "seu" presumpçoso, são só as mulheres que gostam de futilidades? Mas quem está ahi, ha meia hora a dizer sandices...

ALFREDO

Somos nós...

LUCINHA

Engraçadinho...

ALFREDO

Obrigado! (em outro tom). Vocês, afinal, são boas camaradas... Gritam. Brigam, mas acabam sempre por nos achar engraçados, o que não deixa de ser symptoma alarmante.

LUCINHA

Porque vocês são palhaços. Pa-lha-ços! Se o senhor não fosse homem, em vez de estar ahi a dizer graçolas, já me teria ajudado a concertar a barata, já teria feito alguma coisa de util...

ALFREDO

Bem; como está pedindo muito... (Dirige-se á barata. Lucinha vae ajudal-o. Alfredo afasta-a). Mulher não se mette em serviço de homem!

LUCINHA

(Maguada com o gesto brusco de Alfredo): Mau!

ALFREDO

(Olhando-a, sem maior interesse): Perdão!

LUCINHA

Mau! Mau! Mau!

ALFREDO

Perdão! Perdão! Perdão! Prompto! já pedi perdão tres vezes. Não chega?

LUCINHA

(Amuada, retoma o seu logar na barata): Mauzinho!

ALFREDO

(Que já havia tomado o velocipede salta e corre para a barata, dizendo ao ouvido de Lucinha): Creança! Boba!

Vê lá se eu vou perder meu tempo olhando para menino que ainda anda de velocipede...

ALFREDO

O r g u lhosa! Como se barata fosse automovel!

LUCINHA

Ora, meu caro senhor, v a m o s deixar de litteratura!

LUCINHA

Sim, eu sou creança, mas a minha vingança é que, quando você crescer e ficar homem e eu tiver um a u t o movel grande, de verdade, você ha de ficar muito mais creança e muito mais b o b o do que eu!

(PANNO)

YIANGS E YESEBÊS

Os yiangs e yesebês são animaes que pertencem á classe dos antilopes e são encontrados na Africa. Os antilopes, como o veado, pertencem a um grupo que fica situado entre o gado bovino e os cabritos. São os animaes mais velozes e mais bellos que se conhecem. Variando grandemente em tamanho, existem na Africa, Asia, Europa e America.

Os maiores antilopes vêm da Africa Central, e chamam-se "elands". As gazellas, os gamos, os veados, as rennas e muitos outros são antilopes.

Presente de Papá Noel

CARLOS LEITE MAIA

No meio da planicie, lá longe, o sino da ermida lançava a doce harmonia e cá na alcova sombria ouvia-se apenas aquella voz fugida ecoar pelo silencio:

— Papá Noel, você não seja mauzinho... Não se esqueça de trazer para mim um presentezinho, seja mesmo um bonequinho de borracha...

Olhe, Papá Noel, eu sou tão bomzinho... E a mãezinha é tão pobrezinha...

Depois aquella voz desappareceu... e a nostalgia continuou a reinar naquelle aconchego sombrio.

No dia seguinte, ao ser acordado por sua mamãe, abriu os olhos alegre, contente mesmo.

Papá dera-lhe naturalmente de presente um bello sonho...

Olhou a mamãezinha, sorriu e virando-se para o outro lado, exclamou:

— Oh mamãezinha, você não devia me acordar... Não me acordar nunca... Nunca mais... Eu tinha tantos brinquedos quando dormia...

Chromo

Lili acorda; e... contente
Deixa o leito em desalinho:
Quer saber qual o presente
Que lhe trouxe o bom velhinho.

E sorrindo, cautelosa,
Vae andando de mansinho
Em busca do sapatinho
De velludo cor de rosa.

Prá janellinha entreaberta
Ella corre; mas... incerta
Volta de novo a chorar.

Pois lá... com grande surpresa
Cheia de dor e tristeza
O foi vazio encontrar!!!

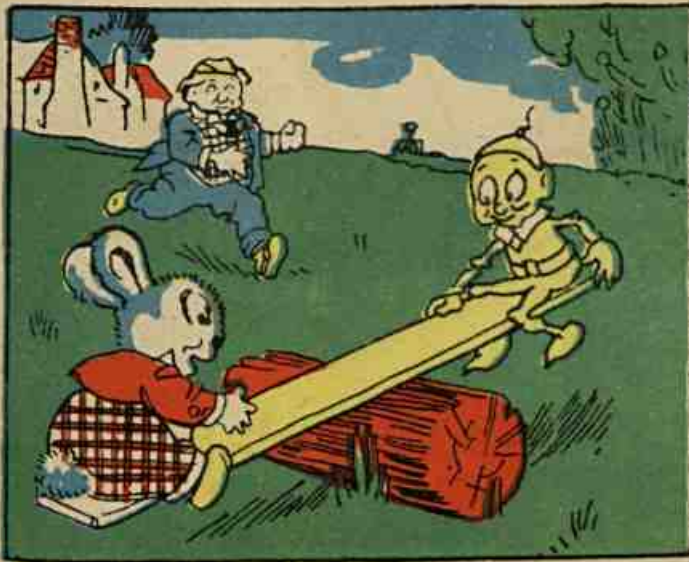
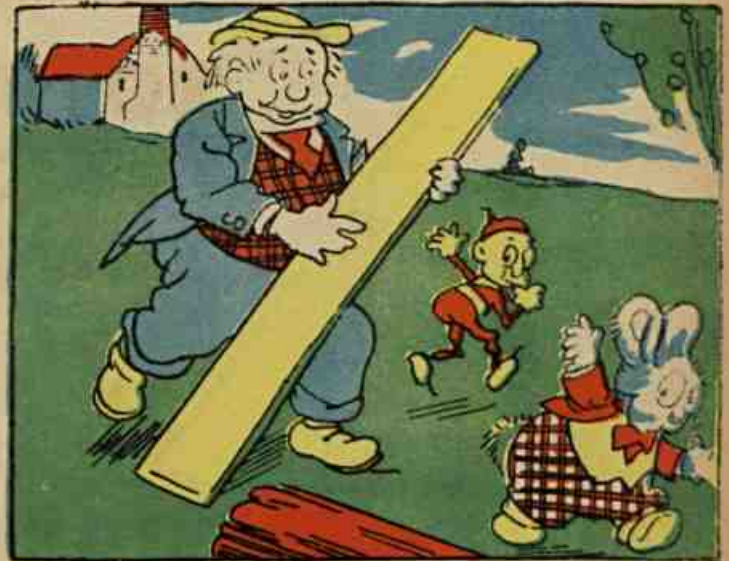
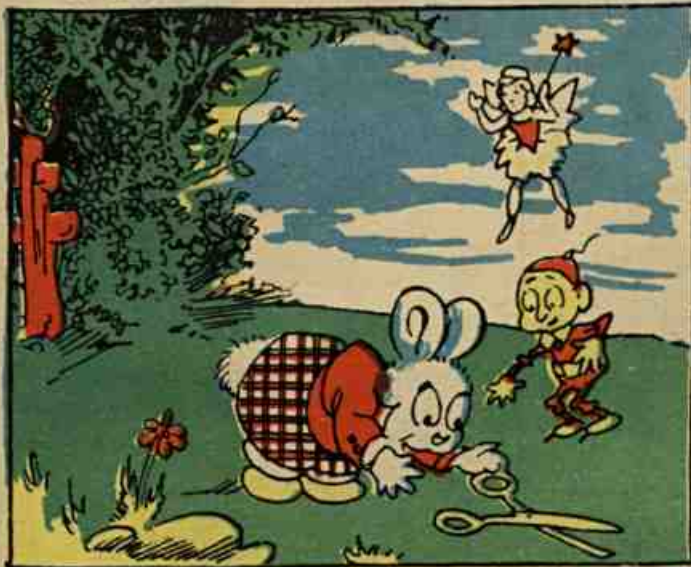
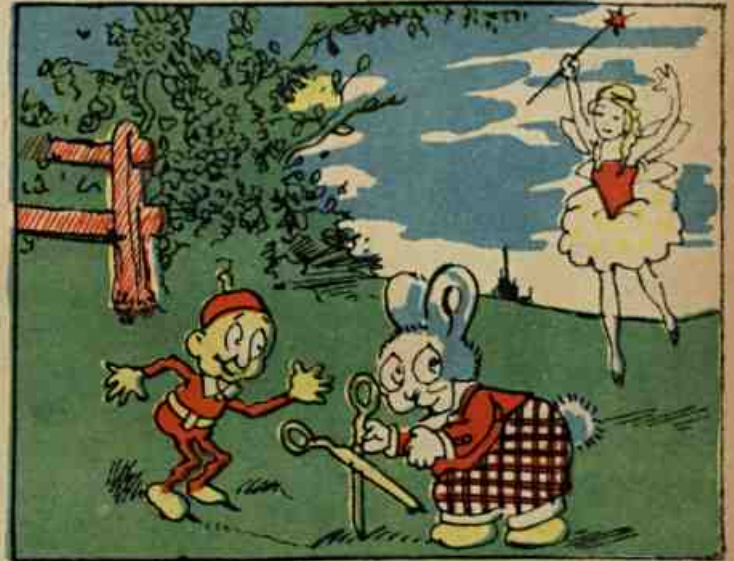
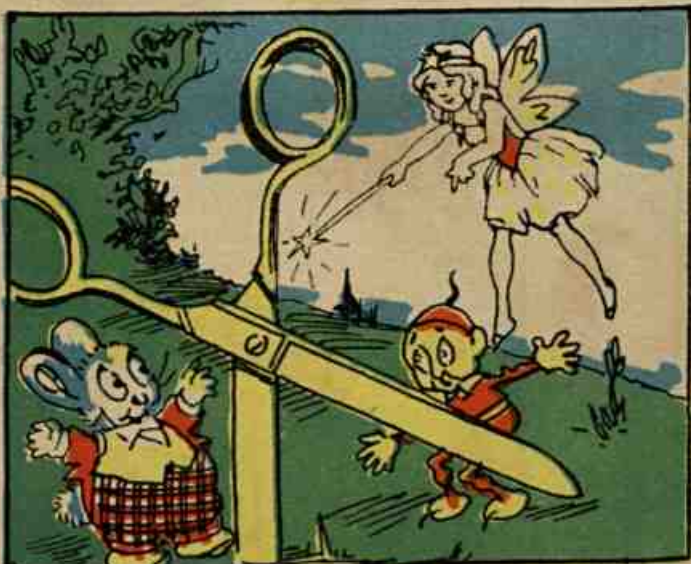
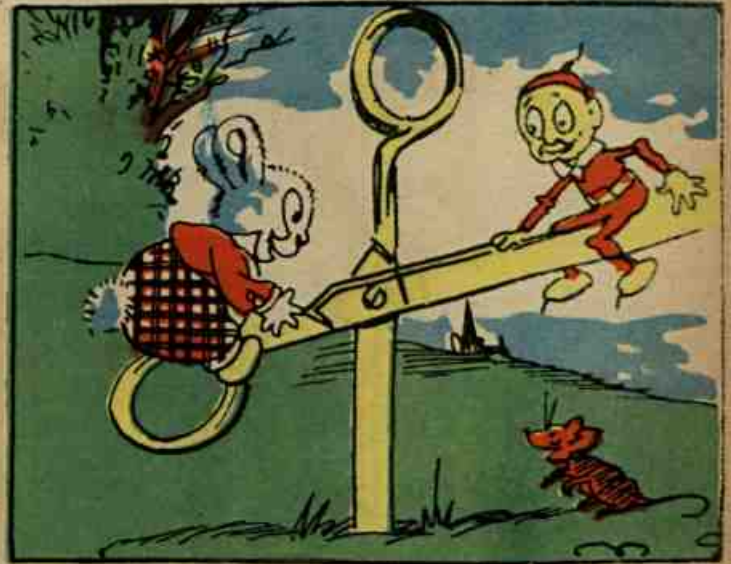
VIDA DOS SANTOS

Santa Monica

Santa Monica, mãe de Santo Agostinho, nasceu no anno 332 em Tagaste, na Africa. Após uma meninice de singular innocencia e piedade, foi dada em casamento a um pagão, Patricio, a quem, a força de rogos e orações, conseguiu converter á fé christã.

Convertido o esposo, poz todo o seu empenho na conversão do filho. Essa conversão lhe custou muitas supplicas e lagrimas; mas, afinal, teve ella a satisfação ineffavel de ver realizados os seus desejos muito além do que esperava, pois Santo Agostinho chegou a ser um dos maiores philosophos e theologos da Igreja e os seus livros são uma fonte perenne de inspiração religiosa.

Santa Monica é patrona de uma Archi-Confraria de Mães Catholicas, fundada em Paris em 1850, com ramificações por varias cidades do mundo. E' o objecto dessa Congregação a prece mutua e constante, em favor dos filhos e esposos desencaminhados.

Historia de Roberto e Coelhinho

Roberto e Coelhinho brincavam no campo e foram fazer uma gangorra com uma taboa e um tronco de arvore.

Mas o tio Serapião appareceu e levou a taboa dos dois gurys, que fugiam muito tristes por terem ficado sem a gangorra.

Pouco adiante, porém, Roberto e o Coelhinho encontraram, cahida no chão, uma grande thesoura. — Que lindo achado!

— Vamos fazer uma gangorra! E assim falavam quando uma formosa fada appareceu e, vendo-os, quiz alegral-os.

Para isso, a fada tocou com a varinha de condão a thesoura, que immediatamente tomou grande tamanho e...

...poude ser aproveitada como excellente gangorra pelos dois queridos amigos.

A LUA

AQUELLE pedaço do mundo, onde as casinholas mal construidas ameaçavam ruir, era uma cidadezinha muito pobre. Nos fios de arame que passavam por cima dos telhados, levando para longe a civilização do telegrapho, farrapos desbotados de papagaios de papel balançavam, tocados pela brisa fresca, aquella mesma brisa que agita o bambual selvagem ou as samambaias caras das varandas ricas.

Se não fôra a voz sonora das creanças que vinha lá da sombra da figueira grande, dir-se-ia que naquelle arraialzinho não existia ninguem.

Por esse recanto do mundo, quando o sol começava a recolher seus raios, passava, de volta de sua jornada, o velho Pae Thomaz. Era um preto de idade ignorada mas que contava coisas dos tempos em que D. Pedro II ainda era menino...

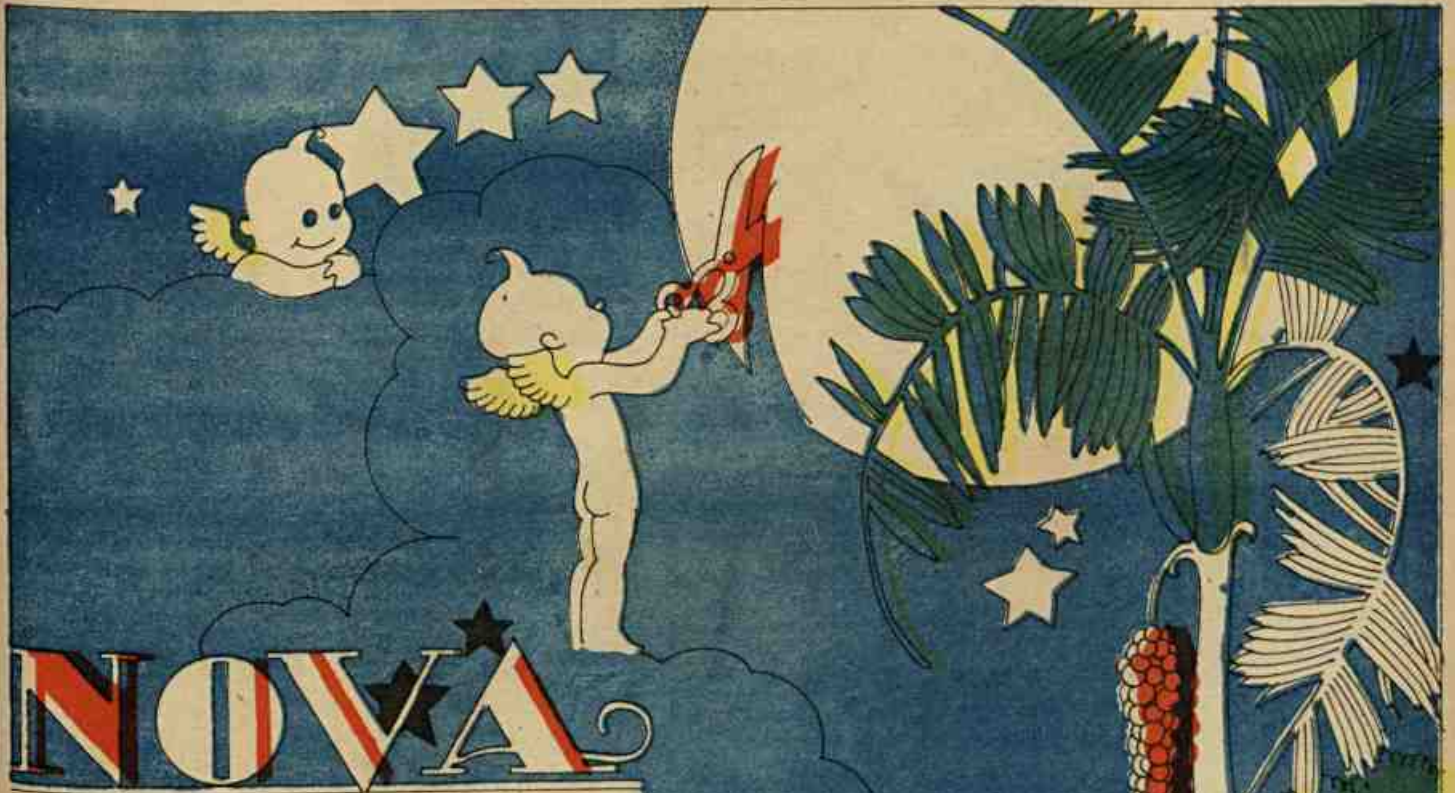
Todos os garotinhos que passavam o dia a percorrer aquellas ruas esburacadas, quando apparecia Pae Thomaz, cercavam-no fazendo perguntas as mais absurdas.

— Olá, Pae Thomaz! Por que é que os peixes não lavam a cara de manhã?

— Diga, Pae Thomaz! Por que é que o cajú tem a cabeça voltada para baixo?

Pae Thomaz, sempre sorridente, sungava as calças mal amarradas e deixava escapar as suas expressões de costume:

— Eh, eh, criança! Menhã eu conto isso. — E ia andando

Uma vez, quando Pae Thomaz appareceu lá na esquina da estrada, a lua nova, como uma lamina de cortar capim, descia entre o

recorte das montanhas. Manéquinho, talvez o pequeno mais travesso entre os seus companheiros, segurou Pae Thomaz pelo casaco andrajoso e falou:

— Ha de ser hoje, Pae Thomaz. Você vae contar porque é que a lua que está lá não é redonda como era outro dia.

Pae Thomaz, paciente e bom, estendeu o olhar amortecido para as bandas do poente, olhou a lua com um sorriso melancolico, descansou o sacco sempre companheiro nas pedras da rua e sentou-se no meio fio. Em torno um grupo grande de garotos tomou posição e Pae Thomaz começou:

Antigamente o mundo era muito rico. Os pés de fumo nasciam nas beiras dos telhados e as pepitas de ouro rolavam entre os calhãos da corrente do rio. Não havia dinheiro porque debaixo da rama rasteira engordava a batata doce. Quando o milho começava a ficar dourado na ponta da vara secca, o feijão abria a flor e vinha a vagem depois. No curral o leite era colhido em lata grande e em volta da moenda a terra era humida pelas sobras do caldo de canna.

Então, quando a noite cahia, a lua cheia varria o terreiro da fazenda e a gente enxergava o buraco da cravelha para enfiar a corda da viola.

Depois os homens encheram os ouvidos com coisas que vinham das cidades grandes. Abandonaram tudo e foram plantar moedas entre as pedras polidas das grandes avenidas, onde o sol inclemente não deixa crescer a raiz da mandioca.

Deus, o bom Papae do Céo que nos deu tudo, olhou para o terreiro abandonado onde a lua cheia illuminava velhos sabugos de milho debulhados e disse entristecido:

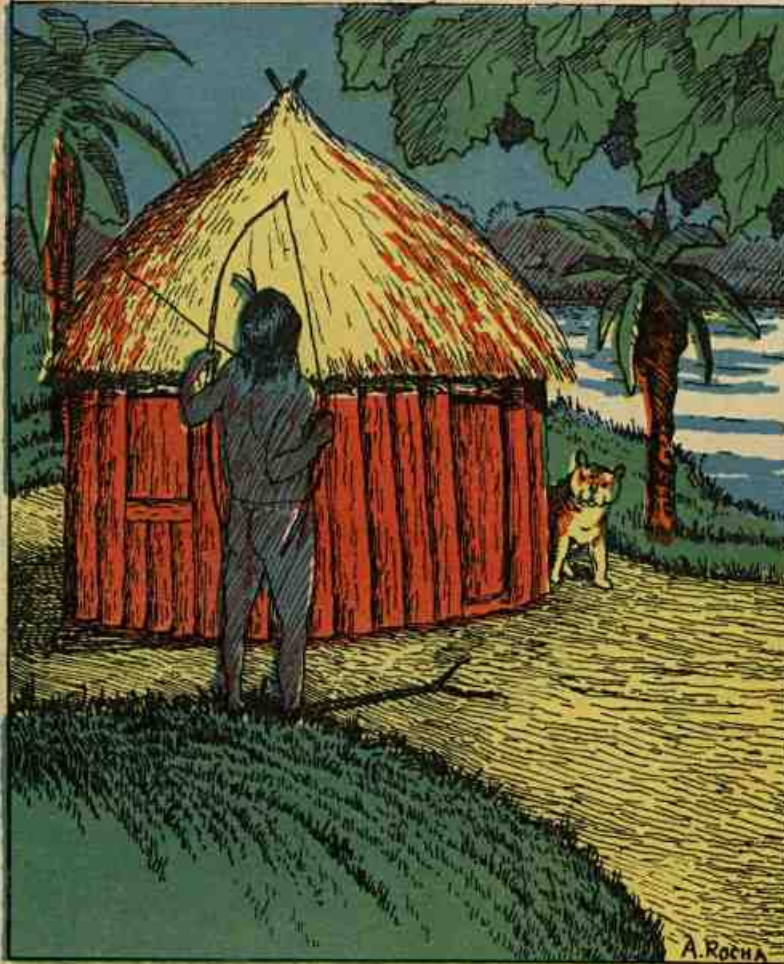
— Para que tanta luz?

Depois chamou um anjinho com duas mãozinhas nas costas e ordenou:

— Toma essa tesoura e vae cortar a lua. Deixa lá apenas um pedacinho. Traze o resto. Eu tambem vou fazer economia.

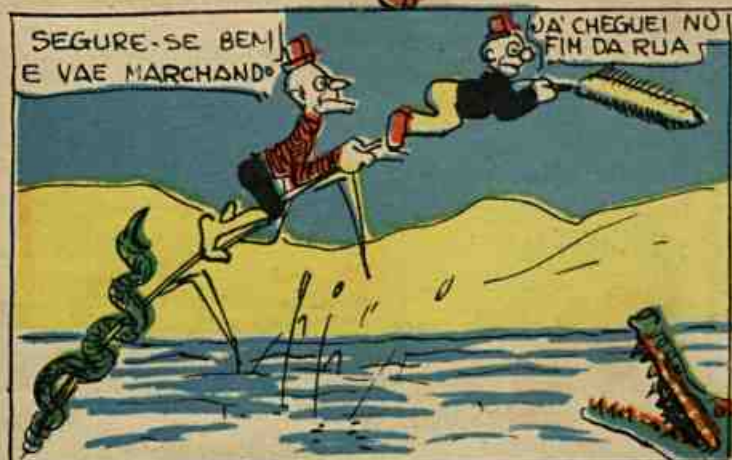
Catangara

Catangara era um indio do Sul, vigoroso e valente. Vivera algum tempo, entre civilizados, casando-se ahi com uma india já civilizada e baptizada com o nome de Maria.

Catangara amava loucamente a sua Maria, mas andava triste, com saudade da selva. Maria, comprehendendo a tristeza de seu marido resolveu tranferir a sua morada para a floresta. Ahi viviam num rancho coberto de palha, solidamente construido de fortes traves, contra o ataque das féras.

Catangara sahia para caçar e buscar frutos ou lenha para a cozinha e Maria ficava em casa trancada por dentro.

Um dia, quando voltava de uma caçada, Catangara viu, longe, que duas onças rodeavam o seu rancho, procurando invadil-o. Pensou na perigosa situação de Maria. Entesou o arco e matou a primeira onça; a segunda féra atirou-se para elle que, munido de uma forquilha, escorou-a e deu-lhe morte segura com uma facada no coração, salvando assim a sua querida Maria.

A. ROCHA

BUSCAPÉ E RASPASUSTO

Naquelle dia o mar não estava bom. As ondas rebentavam furiosamente na praia, assustando os canoeiros que iam á pesca. Ninguem se atrevia a soltar as embarcações.

A mãe do Tralhoto, velhinha bôa e experiente, recommendava-lhe sempre que tivesse...

...muito cuidado com o mar quando elle estivesse crespo. Se as ondas fossem fortes e o céo estivesse escuro, não fosse á pescaria.

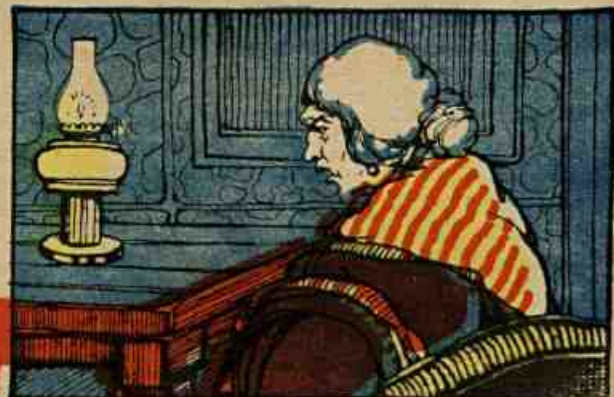
A rainha das aguas vigiava os seus dominios. O Tralhoto, bicho esperto na gaponga, ria a bom rir. Acostumado a domar a crispa da onda em sua igarité ligeira, debicava dos companheiros quando os via, receosos, recolherem as rêdes, desfazerem a isca e regressarem aos lares.

Naquella tarde, como fazia sempre, montou na embarcação que o esperava e sahiu mar a fóra, caçoando dos outros que ficavam em terra, timidos, hesitantes. Afim de parecer mais seguro da audacia, principiou a assobiar modinhas alegres, brincando com o tempo.

A canoa afastou-se velozmente, pulando as ondas escuras que a embalavam.

Todos admiravam a coragem do Tralhoto.

Sahir com aquella borrasca, afrontando aquelle mar! Oxalá não se arrependesse!

Escurecia cada vez mais. Os canoeiros voltaram pacatamente as suas cabanas, aguardando a manhã seguinte para o trabalho interrompido. Em todos os lares havia tranquillidade e paz. Só em casa do Tralhoto reinava inquietação e duvida.

A velha mãe, junto a uma candeia, esperava, entre sustos e cochilos, que o filho regressasse daquella triste aventura.

Esperou, esperou muito, até que a madrugada veiu.

O filho não apparecia. Pela porta de sua cabana passavam agora os outros pescadores, que, tendo repousado durante a noite, voltavam com o sol a ver como ia o mar.

Fatigada e somnolenta, a velhinha os...

...acompanhou á praia. A aurora riscava de traços alegres a superficie das aguas. Bem depressa o mar voltara á sua tranquillidade. Espalhadas pela praia, ali estavam todas as canoas. Todas, não. Faltava uma: a do Tralhoto. Onde andaria ella? Cada qual, a um só tempo, se dispõe a procural-a. Sob a paz do céo rosado, todos deixaram o cepo e se fizeram ao largo.

A velhinha os acompanhou nessa busca ansiosa pelo mar. Um ponto ao longe, balouçando á flôr das aguas, dava-lhe a esperança de encontrar em breve o filho desobediente, que se arriscara nela noite escura ao capricho das ondas.

Após demorada travessia, approximaram-se do ponto visado. Era justamente a embarcação do Tralhoto.

A canoa balouçava, porém, tristemente, sem remos e sem tripulante.

Desolados, os pescadores regressaram com a embarcação vazia, cortando aquelle mar sereno, calmo, tão diverso do mar da vespera, a que se atrevera o pobre do Tralhoto.

E ficou-lhes na memoria esse episodio vivo. Assim, quando acontece nas praias amazonicas as ondas rebentarem na areia, os rios pularem do leito, crispar-se a agua dos lagos, todos já...

...sabem o que isso quer dizer. E' a Yara, dona daquelles mundos, que sabe de seu palacio no fundo do mar com o desejo de attrahir ou atormentar o viajante. Então os pescadores guardam as rêdes, escondem o anzol, recolhem as canoas e esperam que ella volte ao seu reino encantado para então soltarem as velas pela tranquilla extensão das aguas...

Kaximbown, Pipoca & Cia

QUE FOI QUE SONHEI PARA AMANHECER EM BAIXO DA CAMA?

E AINDA ESTOU COM SOMNO E COM MUITA SEDE
ISSO PASSA PATRÃO, FOI UMA CARRASPANA
VOU PREPARAR UM REMEDIO PARA O PATRÃO E DEPOIS ENCHER O TANQUE DO AUTOMOVEL
GAZOLINA
CYPRIANO DE MAGANESIA

PATRÃO ESTE REMEDIO E' TIRO E QUEDA, TEM QUE BEBEL-O TODO

ESSA DROGA TEM GOSTO DE GAZOLINA JA' BEBI 5 LITROS E CREIO QUE BASTA
ENGANEI-ME A GAZOLINA ERA PARA O AUTOMOVEL
CHI! MINHA BARRIGA ESTÁ RONCANDO QUE NEM MOTOR

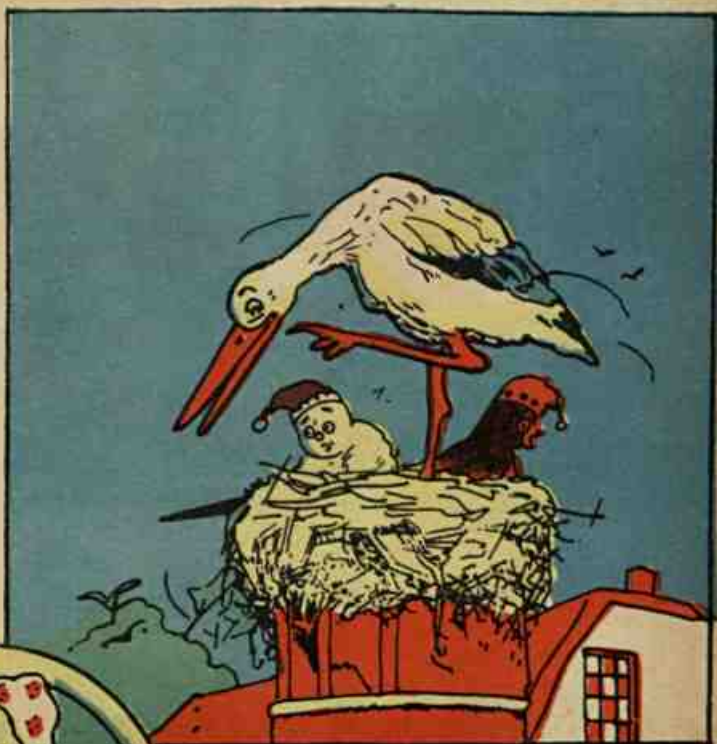
QUE E' ISSO?! ESTOU VIRANDO AUTOMOVEL!
DEIXE DE PALHAÇADAS, PATRÃO. ISSO NÃO E' SERIO

ONDE E' QUE VOU PARAR SEM CHAUFFEUR?
UPA! ELLE DIZIA QUE ESTAVA COM RHEUMATISMO

SO' AGORA E' QUE ESTOU APRENDENDO GEOGRAPHIA

VULCÃO DESCABEZADO

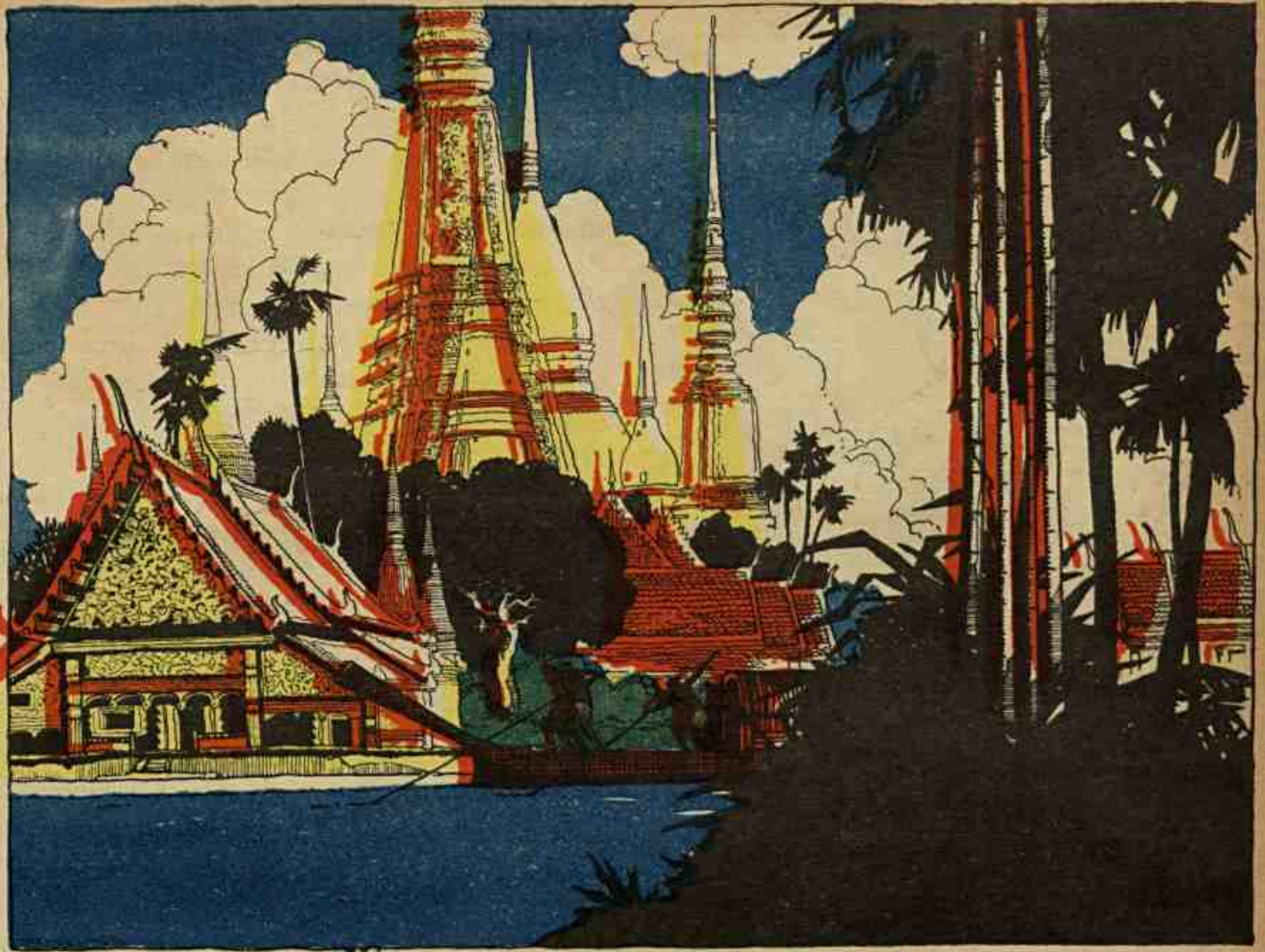
PATRÃO, QUANDO SE BEBE GAZOLINA NÃO SE FUMA CACHIMBO
Yantok

AVENTURAS DO PINTINHO E DO PATINHO

Aventuras de dois pintinhos

Quando Robinson Crusoé habitava a pittoresca ilha onde viveu muitos annos, dois pintinhos, dotados de espirito de aventuras, resolveram visital-o. Para isso arranjaram dois balõezinhos cheios de gaz e pediram a um magico que os auxiliasse.

O magico transformou os balõezinhos dos pintinhos em enormes bolas que subiram aos ares levando os dois amantes de aventuras.

Após muito viajar pelos ares, os dois pintinhos chegaram á ilha, onde Robinson Crusoé e seus companheiros os receberam com muita alegria.

Os pintinhos passaram varios dias na ilha, passeando na linda jangada de Robinson Crusoé até que despertaram, pois estavam dormindo e tiveram um sonho.

A terra do elephante branco

Para os meninos, para todos os brasileiros, a mais bella das bandeiras é aquella que todos nós amamos — verde, com o losango central amarello e no meio deste a figura do Globo, todo azul, salpicado de estrellas, circumdado pela faixa branca onde se lê a divisa de "Ordem e Progresso"

Mas, para os meninos e meninas, que nasceram num outro paiz da terra, a mais encantadora das bandeiras é uma, toda vermelha, tendo no centro a figura de um elephante branco. Esses meninos e meninas moram no Sião, paiz que tambem é conhecido pelo nome de Terra do Elephante Branco, e que está situado ao sul da legendaria China. A população do Sião não vae além de nove ou dez milhões de habitantes.

Os meninos e meninas da Terra do Elephante Branco têm a pelle de uma côr amarello escuro e o rosto largo. O cabello é liso e negro e os olhos, scintillantes, vivos, são geralmente negros. E' o Sião um paiz tão quente que seus habitantes, excepto nas cidades, usam apenas uma tanga como vestimenta. Mas, vamos travar conhecimento com um menino do Sião. Chuá é o seu nome e é filho de um fazendeiro que cultiva o arroz. Como vestimenta, traz apenas um panno de côr vermelha, á guisa de tanga, imitando um calção. A mãe e a irmã de Chuá vestem-se de modo semelhante, mas os calções que usam são mais compridos do que o do filho. A casa de Chuá está edificada sobre altas estacas, para preserval-a das aguas

que inundam a região quando cahem as fortes e demoradas chuvas no Sião. Um primo de Chuá, de nome Mee, mora numa casa fluctuante, porque em muitos logares da Terra do Elephante Branco os rios e os canaes substituem as ruas. Milhares de pessoas residem em jangadas e botes. A cidade de Bangkok, capital do Sião, tem, entretanto magnificas construcções. Mee possue uma canoa, que lhe serve de casa, e nessa embarcação vive com a familia. Sabe nadar como um peixe, e rema com incrivel facilidade.

Existe muito pouco mobiliario quer na casa terrestre de Chuá quer na residencia fluctuante de Mee; apenas umas esteiras e um fogão de carvão

O pae de Chuá, como milhares de outros siameses, ganha a vida cultivando o arroz. O povo de Sião produz tanto arroz que todos os habitantes do paiz podiam possuir varios kilos desse gostoso cereal.

Quando chega o tempo de preparar a terra para o plantio, Chuá vae com o arado e com um buffalo para o trabalho incessante, ajudando o pae na tarefa. Na epoca da colheita, o pae de Chuá guarda o arroz em celleiros edificados numa ilhota. Nesses depositos de cereaes ha sempre pintadas figuras grotescas, de homens e de bichos, de paizagens e de allegorias. Chuá é o grande auxiliar do pae no trabalho de armazenagem do arroz no celleiro. O pequeno arruma o cereal em caixas, em saccos, ou enche a canoa, quando o pae vae vender a colheita no mercado.

Tanto a casa como o celleiro do pae de Chuá são construidos com uma madeira conhecida pelo nome de teca. Ha grandes florests de teca, no Sião. Essa especie vegetal é sempre a escolhida para o fabrico das embarcações e a construcção das casas porque possue muito oleo e a agua não destroe com facilidade as madeiras oleosas.

E' muito curiosa a maneira pela

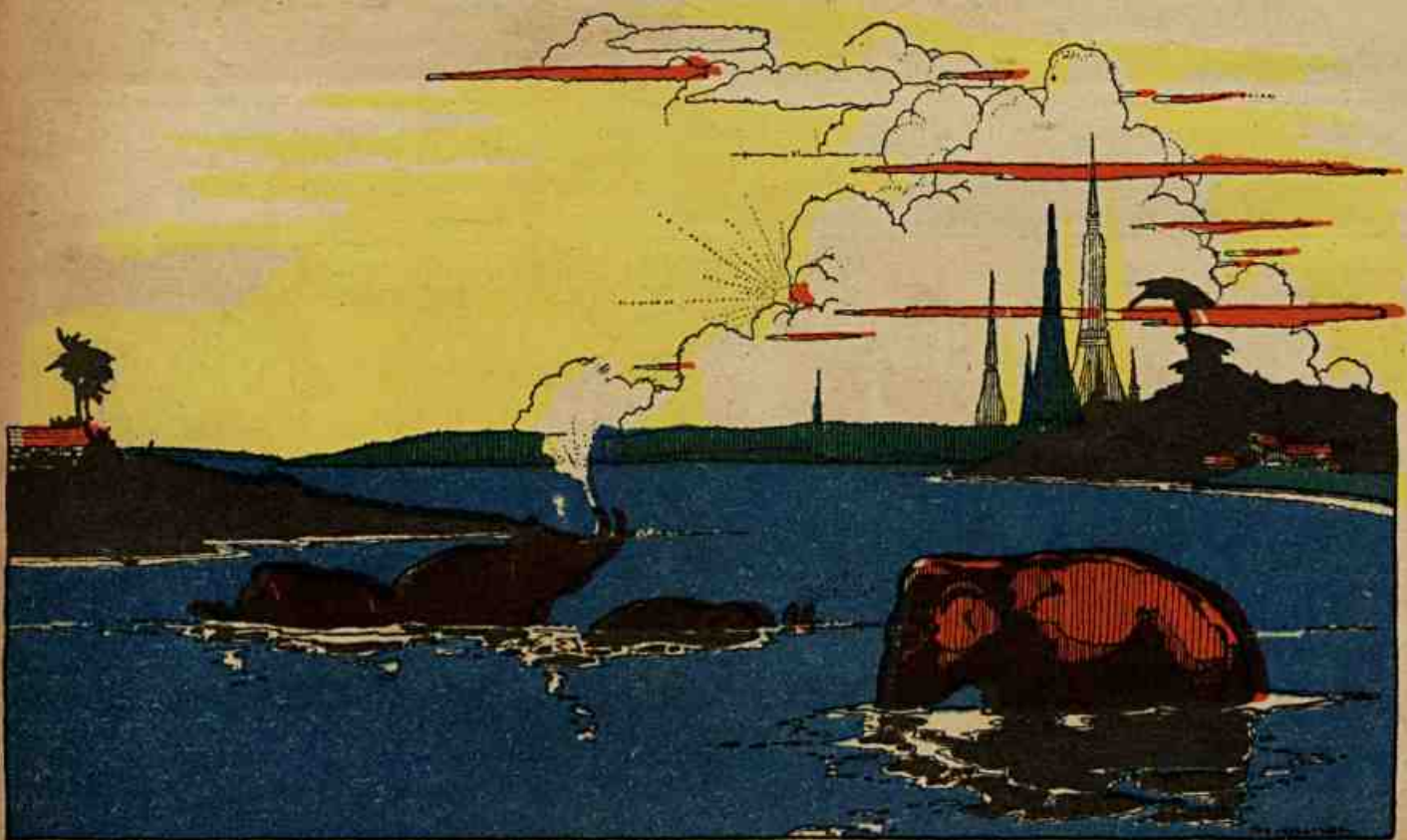
qual os siameses conseguem preparar a teca. Vão elles para as grandes florestas e, a golpes de afiados machados, derrubam as grandes arvores, cujos troncos, uma vez desprovidos de galhos e de folhas, são arrastados até as margens dos rios pelos elephantes. O elephante é o grande amigo e auxiliar do habitante do Sião. Carrega, com a propria tromba ou arrastando com o auxilio de correntes, enormes tóras de teca da floresta até ao rio.

Se vocês pudessem ir até as florestas de teca, iriam conhecer um outro amiguinho, chamado Learn, que reside perto de

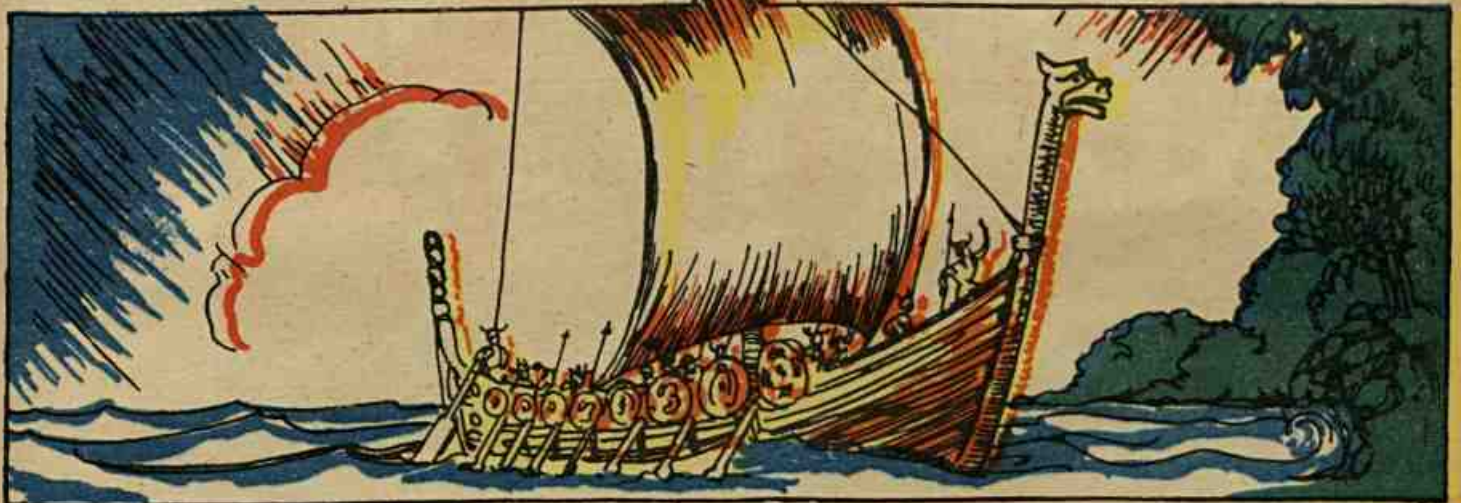
uma floresta de teca. Seu pae é um conductor de elephantes. Algumas vezes, Learn vae para o rio banhar-se com os enormes pachydermes, que o tratam com carinho e paciencia.

Muitos dos nossos leitores, talvez estejam agora pensando em indagar por que motivo ha um elephante branco na bandeira do Sião. O elephante de Learn, como quasi todos os animaes dessa especie, têm a côr cinzento escuro, como todos sabem. Mas quando se encontra um elephante cuja pelle tem a côr de um cinzento bem claro chamam-no de elephante branco. E o animal, em obediencia a uma tradição, é logo offerecido ao rei.

O elephante branco vae então morar num palacio e ser coberto com mantas de damasco e seda ricamente bordadas. Seus dentes vão ter as pontas forradas de ouro e o banho que vae tomar será com essencias raras, muito differentes das aguas do rio onde costumava banhar-se, lá no interior do paiz. Pobre elephante! Como seria mais feliz se estivesse a trabalhar, carregando tóras de teca da floresta para o rio! Agora, vae viver monotonamente, com alguns outros elephantes que tiveram a desdita de nascer com a pelle um pouco clara!

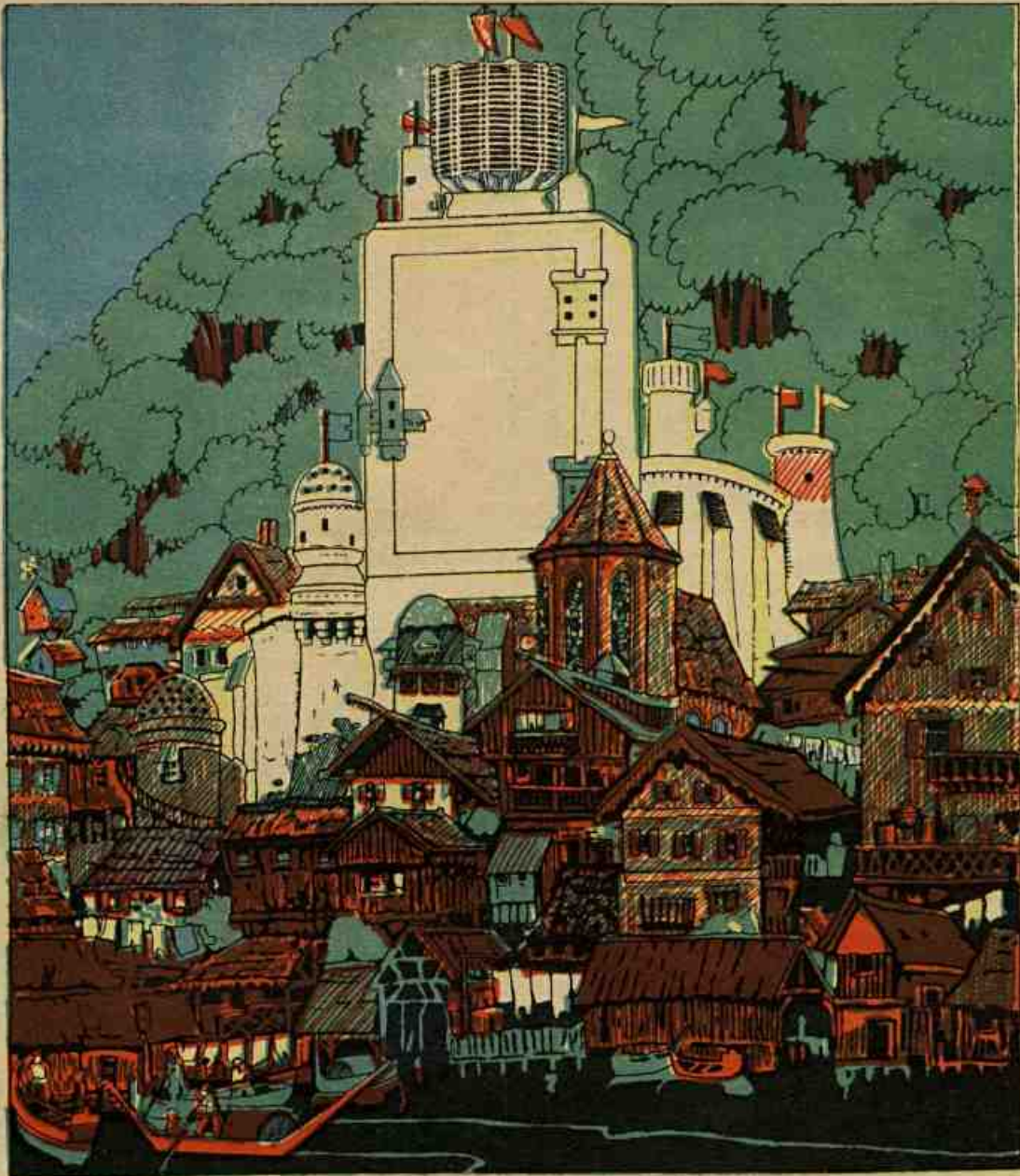
Vocês que acabam de ler estas linhas não acham que o Sião devia chamar-se Terra do Elephante Cinzento em vez de Elephante Branco?

Historia de Leif e Ericson

Leif Ericson era um joven e bravo viking, habitante da Scandinavia, que andava explorando a costa da Groenlandia, descoberta por seu pae, Eric, o Rubro. Um dia, viu elle no mar uma galera..

...desarvorada, com alguns naufragos. Com a ajuda de seus homens, Leif recolheu os naufragos que lhe disseram terem visto uma terra desconhecida para os lados do oeste. Essa declaração levou Leif a...

...procurar tal terra desconhecida. E de facto, com trinta e cinco de seus homens, Leif Ericson partiu em busca da terra desconhecida. Depois de longa viagem, Leif encontrou uma terra coberta de vegetação Essa terra é hoje a Nova-Escocia. Viajando ainda dois dias, Leif estabeleceu-se nas costas da Nova-Inglaterra para explorar a terra.

Um dos homens de Leif descobriu nas mattas lindos cachos de uvas e, por isso, foi dado á terra o nome de Vinland. Algum tempo depois, Ericson partiu para a...

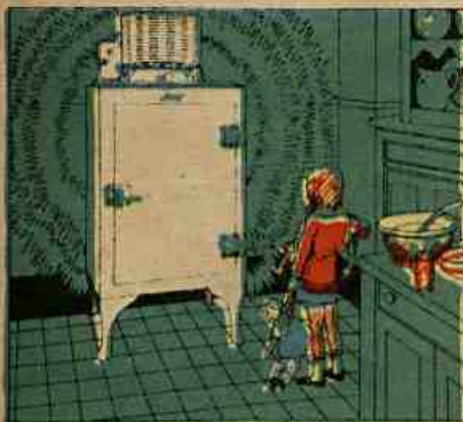
...Groenlandia, levando comsigo uma galera carregada de uvas. A historia de Leif Ericson é relatada em duas lindas lendas pelos velhos ás creanças da Scandinavia.

A HISTORIA DE UM CASTELLO BRANCO

Nos primeiros tempos da humanidade não existiam escolas e as crianças passavam a vida brincando; ás vezes, sentiam fome, mas ficavam muitas horas á espera de alimentos, que consistiam de frutas, de caça ou de pesca. Essa espera era quasi sempre longa porque os paes de taes crianças levavam muito tempo nas caçadas. Não se havia inventado a espingarda e a caça era feita a cacete ou a armadilha. Quando um homem era feliz na caça e trazia para casa um urso grande, ou qualquer outro animal, a familia tinha alimentação por um ou dois dias, porque, até então, não se sabia a maneira de conservar a carne fresca.

Um dia, um dos caçadores observou que, no inverno, sob o rigor do frio, os alimentos duravam mais do que no verão. Desde então, procuraram todos conservar a carne e as frutas em cavernas fundas e escuras, perto das fontes de onde a agua brotava clara e fria. Essas cavernas eram frias, mas eram tambem muito humidas; não obstante nellas se guardavam os alimentos por dois ou tres dias, isto é, emquanto não se arranjavam outros. A difficuldade de alimentação era geral. Até os reis antigos mandavam seus escravos ás montanhas buscar neve e gelo para refrescar e conservar os alimentos. Tempos depois, o povo descobriu que era possivel, nos paizes frios, cortar o gelo que se formava nos rios e nos lagos e conserval-o, coberto de serragem ou palha, durante algum tempo.

Esse gelo era guardado em caixas com a comida que se queria conservar. Estava descoberta, dessa forma, a geladeira. Mas o ar, dentro dessas caixas, era humido e estragava a maior parte dos alimentos. Um dia um homem construiu um refrigerador electrico, frio e secco, que guardava os alimentos sem alteral-os.

Esse invento, melhorando dia a dia, é o Refrigerador General Electric, semelhante a um castello branco com a sua torre.

Se vocês contassem á mamãe e ao papae a historia da refrigeração, o castello branco e o cavaleiro talvez pudessem ir tambem para a casa de vocês para tomar conta dos alimentos, conservando a comida secca e sempre boa.

A PRESPICACIA DA CODORNA

A CODORNA, para não ter o trabalho de fabricar seus ninhos, costuma pôr os ovos no meio do capinzal. Certa vez, por engano, metteu-se ella em um campo de trigo. E, apenas começavam as plantas a lourejar, vivia a mãe na maior afflicção, temendo que viessem os ceifadores antes que os filhotes criassem asas, e estivessem aptos para seguir nos ares a rôta dos afamados "Jahús". E cada dia, quando se ausentava, á procura de alimento para a familia, ella recommendava as creanças:

— Fiquem brincando ahi, bem quietinhos... e prestem attenção para tudo quanto virem e ouvirem nos arredores

Uma tarde, voltando ao lar, soube pelas jovens codornizes que o dono do campo achando o trigo moduro, mandára o filho dizer aos empregados que já era tempo de cuidarem da colheita.

— Bem, disse a mãe — podemos ainda ficar. Os criados não se mexerão á primeira ordem.

Dahi a dois ou tres dias, quando a codorna chegou, os filhinhos apavorados, piando, batendo as asas, pediam que os mudasse dali... pois tinham ouvido o senhor do campo, que dizia:

— Meu filho, os criados não se incommodaram com o nosso interesse; vamos pedir aos parentes e amigos que nos ajudem a fazer a ceifa, antes que venham as chuvas...

— Soceguem, respondeu a codorna. Eu já conheço a força dos parentes e amigos... Elles aqui, só vêm convidados para um "mukirão", com dansa e canim.

Pela terceira vez a mãe de familia encontrou a casa em revolução.

— Que ha de novo, meus filhinhos:

Mamãe! mamãe! — gritaram todos ao mesmo tempo, o dono do campo mandou o filho ir buscar as foices, dizendo assim:

— Já que ninguem nos quer ajudar, vamos nós dois, com animo e coragem, e havemos de dar conta da tarefa.

— Agora sim, vamo-nos embora, sentenciou a codorna... sempre ouvi estes animaes de dois pés, que se chamam homens dizer a cada passo:

"Quem quer, vae. Quem não quer manda".

GEMMA D'ALBA

Força de vontade

Vivia numa pequena cidade um rapazinho com os seus treze annos, de nome Clovis.

Clovis tinha um grande desejo, um sonho que queria realizar: era ser escriptor, mas infelizmente esse sonho não podia ter logar devido a sua mãe ser pobre, e não ter dinheiro para lhe dar, afim de comprar o material necessario para a confecção de um livro.

Um dia conversando com uns amigos um delles perguntou-lhe: "Que quer você ser quando fôr homem, Clovis?"

Clovis abaixou a cabeça e levantou-a logo, dizendo: "Se eu pudesse seria escriptor".

Numa tarde de Novembro, Clovis decidiu-se: chegou perto da mãe e disse: Ainda hei de ser escriptor!

E pegou no casaco, vestiu-o e poz o chapéo, dizendo que iria percorrer o mundo inteiro, até encontrar o seu ideal. A mãe supplicou-lhe encarecidamente que não fosse, mas elle disse que estava decidido, despediu-se da mãe, partiu, desapparecendo na primeira esquina, deixando a mãe em prantos. Passaram-se dias, mezes e annos e Clovis nunca mais appareceu, quando uma amiga da mãe entrou correndo pela casa da mesma com um livro na mão, dizendo: "Olhe aqui! este não é o nome de seu filho?" e mostrava-lhe um grosso volume onde estava escripto o nome: *Clovis de Oliveira*. A mãe pegou no livro, beijou o nome do filho varias vezes e procurou ver o nome do livro e notou que o nome deste era "Felicidade".

De repente ouviu um rumor na rua, vozes que falavam e vozes que gritavam. Abriu a janella e viu no meio da multidão um moço bem vestido que se dirigia para sua casa.

Perguntando a um velhote quem era este, disse-lhe: "Pois não conhece? É o grande escriptor Clovis de Oliveira..."

Não quiz saber de mais nada, sahiu correndo em direcção do filho que a recebeu de braços abertos, ficando por muito tempo abraçados. Choravam e riam ao mesmo tempo.

Depois de mais calma, a mãe falou: "Meu filho sahiste de casa e nunca mais appareceste!" "Perdão, minha mãe, mas consegui encontrar o meu ideal." Foram para casa, onde nessa mesma noite se deu uma grande festa.

Mais tarde, Clovis casou, teve abundante descendencia, escreveu muitos livros e foi um grande escriptor, devido á sua força de vontade.

ALUIZIO LOPES RIBEIRO

O MILAGRE

O vento soprava furiosamente.

Nuvens pardacentas davam ao céo um aspecto ameaçador.

Havia numa floresta, debaixo duma arvore, uma senhora com uma creancinha nos braços.

Havia fugido da cidade, para não expôr seu filhinho ao odio de Herodes, que mandou degollar os santos innocentes, quando soube que nascera, em Belém, Christo, o rei dos reis.

A pobre senhora fugira e presentia o seu maternal coração a proxima desgraça.

Não se enganava a joven mãe e ouviu distinctamente o tropel de varios cavallos, que vinham em sua direcção.

A moça ajoelhou-se e, levantando os olhos lacrimejantes ao céo, exclamou:

— Meu Deus, olhae para vossa serva, sei que sou uma pobre peccadora, mas, pae, não sois vós, bom e misericordioso?

Salvae, pois, ó Deus, meu filhinho.

Quasi sem sentir a joven mãe como desfallecia e ao acordar de seu estranho somno, viu um bello anjo de diaphanas asas, que lhe collocava ao lado seu filho são e salvo.

— Milagre... balbuciou a joven mãe e, banhada em pranto de reconhecimento, elevou seu pensamento a Deus, enviando-lhe pelos anjos que a escutavam, uma doce, bella e pura oração.

CORAÇÕES DE CREANÇAS

Lalá, eu vim convidar-te
Para uma festa selecta...
A nossa amiguinha Ruth
Seis annos hoje completa.

E tu sabes muito bem
Que além do lindo passeio,
Teremos doces, confeitos...
Bellas horas de recreio.

Poesias e cançonetas
De certo não faltarão...
Nesse caso cantaremos
"O luar de meu sertão."

— Cecy, é pena, não posso
Teu desejo contentar...
Eu bem quizera, comtigo,
A boa Ruth abraçar.

E tu, que és tão boazinha,
Certamente poderás
Levar á formosa Ruth
Os parabens da Lalá.

— Mas o que é isso, querida?
Então não queres folgar?
Vamos! vamos, ó tolinha!...
Vamos, vamos passear.

A teu bondoso papá
E á tua amada mãezinha,
Vae pedir consentimento,
Minha formosa amiguinha.

Para te pores bem *chic*,
Eu mesma posso ajudar-te!...
— A Zica esta doentinha...
Quero hoje visital-a.

Coitadinha, num brinquedo,
Ella torceu um pézinho...
Deve estar só, no seu leito,
Brincando com seu gatinho.

Todas as tardes visito
Essa bondosa amiguinha...
Nem pódes imaginar
Como ella fica alegrinha.

— Eu já não vou mais á festa!
Irei comtigo tambem
Visitar a meiga Zica
Que tu queres tanto bem.

Depois, papae, já me disse
Com ternura, com bondade,
Que visitar os enfermos
Faz parte da caridade.

— Eu já previa, Cecy,
A resposta que me deste...
Pois sei que teu coração
De muito amor se reveste.

Vemos, pois, minha querida,
Cumprir a nossa missão...
A tua belleza d'alma
Alegra o meu coração.

MARIO MARQUES DE CARVALHO

O CAMPO DE SANT'ANNA

O Campo de Sant'Anna começou a ser ajardinado em 1815, no trecho comprehendido entre as ruas do Conde e do Areal.

Após a partida de D. João, de regresso á Lisboa, o jardim foi arrazado por sua ordem, em virtude de lhe haverem dito que o Intendente estava executando aquella obra para seu uso particular. Muitos annos em seguida o local serviu de deposito de lixo e ponto de lavadeiras.

Pouco depois de 1850, foi construido ali um enorme barracão de madeira com o nome de Theatro Lyrico Fluminense. Esse theatro, que ali devia permanecer tres annos, emquanto se reconstruia o S. Pedro de Alcantara, devorado pelo seu segundo incendio, durou como tudo que é provisorio em nossa terra, até 1875. Nesse theatro de madeira cantou-se pela primeira vez no Rio de Janeiro, a opera *O Guarany*, do immortal Carlos Gomes.

O jardim do actual Campo de Sant'Anna foi inaugurado officialmente aos 7 de Setembro de 1880 e suas obras, avaliadas em 550:000$000, custaram, entretanto, 1.102.000$000.

As obras foram dirigidas pelo botanico paizagista Glaziou.

A calçada de cimento em redor do jardim foi feita após a revolta da armada de Setembro de 1893.

JAYME AUGUSTO

E ditas estas palavras desappareceu no ar.

Então Theophilo, como que tomado de subita inspiração, poz-se a exclamar em altas vozes:

— Creio, agora, em Christo, o Deus da verdade e da misericordia!

Os companheiros de Theophilo, fizeram-lhe vêr o perigo a que o expunham as palavras que proferia em exaltação de Christo e de seus fieis.

O novo crente, porém, perguntou-lhes subitamente:

— Em que mez estamos, agora?

— Em Fevereiro — responderam os amigos.

— Pois se estamos em Fevereiro — tornou Theophilo — quer dizer que a neve e o gelo cobrem neste momento todos os vales e campos da Cappadocia. Donde,

A lenda de Santa Dorothéa

(FIM)

pois, podem ter vindo, segundo vosso juizo, estas frescas e maravilhosas rosas e estes odoriferos pomos?

— De facto — responderam os companheiros — nunca em Fevereiro se viram flores e frutos de tal frescura e belleza.

— Eis o presente que por escarneo pedi a Dorothéa — continuou Theophilo — e que ella mandou-me deveras, por um menino de tenra idade, mas cuja fala, por limpida e profunda, não era certamente de creatura da terra, mas sim de algum anjo do Senhor, e em confronto da qual a minha e a vossa loquellas não são mais que o aspero falar de um villão. Ah, abençoados sejam aquelles que crêem em Jesus Christo e que por seu amor soffrem penas e tormentos!

Ora estas e outras palavras de Theophilo chegaram aos ouvidos de Sapriccio, pelo que o féro perseguidor dos christãos mandou chamal-o á sua presença e, vendo-o tão pertinaz e firme em sua nova crença pol-o a tormentos.

De nada, porém, valeram estes, pelo que Sapriccio, num accesso de furor mandou açoital-o barbaramente e depois decapital-o.

E assim soffreu Teophilo seu glorioso martyrio. *Amen.*

A festa da gloriosa virgem e martyr Santa Dorothéa é celebrada a 6 de Fevereiro, dia em que subiu á celestial mansão de Nosso Senhor Jesus Christo, o qual louvado seja por *infinita s e c u l a seculorum.* Amen.

A SALVAÇÃO da CREANÇA

CHIQUINHO (inflammado) - O melhor presente de Festas que encontrei este anno para vocês, foi um vidro de VERMIOL RIOS *- E' o flagello aos* vermes *e a tortura das* lombrigas.

O FILHO DO SOL

(Conclusão)

tasse melhor um poema nascido de sua imaginação, acompanhando-o com um samisen, que deleitasse o auditorio.

Muitas moças não quizeram concorrer ao certamen, pois estavam envergonhadas.

Sorriso de gato cantou admiravelmente bem. Vôo de cegonha foi de uma expressão arrebatadora. Mas, quando Dez mil prosperidades, tomando o seu samisen, começou a cantar, recebeu estrondosa salva de palmas. Eis o que ella dizia:

— "Não ser eu o vagalume alado, a mosca phosphorescente, a faisca, que risca os céos, aquella que scintilla caprichosamente e que desapparecê como uma borboleta impalpavel! Oh! por que não sou eu esse pequeno fanal para illuminar os dias tristonhos do homem!"

Então o Mikado, descendo do throno, tomou a pequenina mão avelludada de **Dez mil prosperidades** e lhe disse:

— Serás, sim, o fanal, que illumina meu coração!

E todos comprehenderam então que **Dez mil prosperidades** tinha sido escolhida pelo imperador para reinar a seu lado.

Em breve se casavam e iam todos residir no palacio do Mikado.

Mais tarde as duas irmãs de **Dez mil prosperidades** casaram-se com ministros da côrte, tornando-se muito felizes.

Filho do Sol assistiu ás imponentes nupcias de sua filha. Mas a fortuna não lhe poude transformar o caracter.

— O destino cobriu-me de glorias, mas detesto todas essas vaidades — dizia elle.

E voltou a residir sózinho, em seu castello, perdido no meio de uma floresta de cedros.

N A T A L

— Filho, ha millenios e millenios na negridão da noite, uma luz mysteriosa no céo surgiu! — Assim principiou a avózinha apontando o vasto estendal coroado de estrellinhas — e logo ouviam-se a canção campestre dos pastores que cantavam uma doce harmonia, chorar os ventos, recitarem preces os anjos...

— E por que isto? — perguntei interrompendo a palestra daquella velhinha de cabellos côr de neve.

— Porque, meu netinho — continuou a avózinha — lá longe, em Belem de tantas lendas, nasceu o *Filho de Deus* — Jesus, o mais meigo dos mortaes...

E avózinha lançou um olhar ao infinito como para lembrar-se de mais coisas. Depois, devagar continuou sua amavel conversa:

— ...sim, o mais meigo dos mortaes, porque José e Maria, tendo por decreto de Cesar Augusto, de darem seus nomes em Belem, pois pertenciam á familia de David, para lá se encaminharam. Havendo muita gente de fóra, não encontraram hospedagem e recolheram-se a uma pobre mangedoura, ás portas da cidade.

Ali, então, á meia noite, nasceu Jesus, o *Homem-Fé, Esperança* e *Caridade*, sendo então collocado um presepio cercado de muitos pastores e peregrinos, mais ou menos como vês naquelle presepio d'*O Tico-Tico*, que está á tua vista.

E a avózinha parou mais uma vez e depois uma mui breve pausa, terminou:

— Ahi tens, meu filho, a historia do Natal do Messias, que nos dá um exemplo de bondade e doçura mostrando-nos que elle tambem foi pobre, e que são mais felizes do que nós aquelles que vivem na pobreza sob choupanas que se perdem lá longe no declinar das montanhas...

CARLOS LEITE MAIA

EU ERA ASSIM

POR CAUSA D'UMA TERRIVEL TOSSE

CHEGUEI A FICAR

QUÁSI ASSIM

MAS GRAÇAS AO JATAHY PRADO

CONSEGUI

FICAR ASSIM

CURADO E ATÉ MAIS FORTE PORQUE O

JATAHY PRADO

É O MELHOR REMEDIO PARA

TOSSE ★ BRONCHITE ASTHMA ROUQUIDÃO

Á VENDA EM TODA A PARTE E NOS DEPOSITARIOS: ARAUJO FREITAS & Cia. - R. DOS OURIVES 88 - RIO.